

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Edna Cristina Silveira

**O FENÔMENO DAS ARTICULAÇÕES LINGUÍSTICAS SOB O OLHAR DA
SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO**

Belo Horizonte

2025

Edna Cristina Silveira

**O FENÔMENO DAS ARTICULAÇÕES LINGÜÍSTICAS SOB O OLHAR DA
SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso

Orientador: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Coorientadora: Profa. Dra. Luciani Dalmaschio

Belo Horizonte

2025

S587f Silveira, Edna Cristina.
O fenômeno das articulações linguísticas sob o olhar da semântica da enunciação [manuscrito] / Edna Cristina Silveira. – 2025.
1 recurso online (151 f. : il., grafs., color.) : pdf.

Orientador: Luiz Francisco Dias.
Coorientadora: Luciani Dalmaschio.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 148-151.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Linguística – Teses. 2. Enunciação – Teses. 3. Semântica – Teses. I. Dias, Luiz Francisco. II. Dalmaschio, Luciani. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 415



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

O FENÔMENO DAS ARTICULAÇÕES LINGUÍSTICAS SOB O OLHAR DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO

EDNA CRISTINA SILVEIRA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 15 de setembro de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Luiz Francisco Dias - Orientador

UFMG

Prof(a). Luciani Dalmaschio

Universidade Federal de São João Del-Rei

Prof(a). Jorge Viana Santos

UESB

Prof(a). Isadora Lima Machado

UFBA

Prof(a). Antônio Luiz Assunção

Universidade Federal de São João Del Rei

Prof(a). Simone Dalia de Gusmao Aranha

Universidade Estadual da Paraíba

Belo Horizonte, 30 de setembro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Francisco Dias, Servidor(a)**, em 06/10/2025, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isadora Lima Machado, Usuário Externo**, em 07/10/2025, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciani Dalmaschio, Usuário Externo**, em 07/10/2025, às 19:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jorge Viana Santos, Usuário Externo**, em 10/10/2025, às 10:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Luiz Assunção, Usuário Externo**, em 12/10/2025, às 22:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Simone Dalía de Gusmao Aranha, Usuária Externa**, em 24/10/2025, às 22:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4602706** e o código CRC **89C686F9**.

Aos meus pais, Antônio e Marli.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim deste percurso acadêmico é como alcançar o horizonte após uma longa travessia - um caminho tecido por desafios que me fortaleceram, descobertas que ampliaram meu olhar e aprendizados que me transformaram. Ao longo desta jornada, encontrei apoios e inspirações; por isso, registro aqui o meu sincero agradecimento:

A Deus e a Nossa Senhora Aparecida por terem me sustentado em cada etapa desta caminhada. Foi na fé, nas orações e na confiança de que tudo acontece no tempo certo que encontrei forças para seguir nos momentos de incerteza e dificuldade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Francisco Dias, e a minha coorientadora, Profa. Dra. Luciani Dalmaschio, pela orientação atenta, pelas reflexões teóricas e pela escuta acolhedora. Sinto-me honrada por ter percorrido esta trajetória sob a orientação de vocês - Mestres tão competentes.

Aos professores que integraram a banca de qualificação, Profa. Dra. Isadora Machado e Prof. Dr. Jorge Viana, pelas valiosas contribuições apresentadas, que foram fundamentais para o aprimoramento desta pesquisa.

Aos professores que gentilmente aceitaram compor a banca examinadora desta Tese, pela disponibilidade em dedicar tempo e atenção a leitura e a avaliação deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIN/UFMG), pelas contribuições acadêmicas, pelas discussões enriquecedoras e pelos aprendizados.

Aos professores do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PROMEL) da Universidade Federal de São João del-Rei, pelos ensinamentos, inspirações e valiosas reflexões ao longo da minha formação.

Ao Núcleo de Estudos da Enunciação (ENUNCIAR/UFMG) e ao grupo Semântica, Enunciação e Língua (SEL/UFSJ), pelas partilhas de conhecimento, pelas leituras críticas e pelas ricas trocas de experiências que colaboraram para o desenvolvimento deste trabalho.

A minha família, meu alicerce em todos os momentos da vida. Aos meus pais, Antônio e Marli, pelo exemplo de dignidade, esforço e dedicação. Agradeço pelas palavras de incentivo, pelos gestos de cuidado, pelas orações silenciosas e, sobretudo, por acreditarem em mim, mesmo nos momentos em que eu mesma duvidei. Esta conquista é também de vocês.

Aos meus irmãos, Edson e Érica, companheiros de vida e de histórias compartilhadas, por estarem sempre ao meu lado, cada um ao seu modo, com manifestações de carinho e palavras de incentivo.

Ao meu marido, Alaércio, pela paciência, compreensão e amor incondicional. Sua presença foi fundamental para que eu mantivesse o equilíbrio e a motivação.

Aos amigos que estiveram ao meu lado, ainda que à distância, pelo apoio emocional e pela amizade constante. Prefiro não listar nomes, para não incorrer na injustiça de omitir alguém.

À Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - instituição pública de excelência - pela oportunidade de cursar o Doutorado.

Por fim, a todos que, de alguma forma, fizeram parte deste percurso e deixaram suas marcas na minha trajetória acadêmica e pessoal.

Bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar.

Émile Benveniste (2006, p. 222)

RESUMO

A presente Tese expõe um estudo sobre as articulações linguísticas das formações nominais. Em particular, propomo-nos a abordar o processo articulatório-enunciativo de formações nominais constituídas por intermédio das enunciações sobre a saúde e as tensões sociais na crise pandêmica do novo coronavírus (covid-19). Para tanto, filiamo-nos aos pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação. Destarte, apoiamo-nos principalmente nos estudos dos linguistas brasileiros Eduardo Guimarães e Luiz Francisco Dias, sobretudo, nos conceitos de *enunciação*, *acontecimento enunciativo*, *referencial histórico*, *pertinência enunciativa*, *forma linguística*, *formação nominal* e *articulação linguística*. Nessa direção, temos como objetivo descrever os processos articulatórios - articulação: subnominal, intranominal, internominal, predicativa - que operam na constituição das nominalizações, observando tanto as relações internas (dimensão material) quanto as externas (dimensão enunciativa) dessas formas linguísticas em acontecimento, com o intuito de evidenciarmos o fenômeno linguístico da articulação nessa interface. E, para o desenvolvimento das análises, utilizamos como aporte metodológico o procedimento denominado *rede enunciativa* - cunhado por Dias -, que visa discutir as relações de sentido constituídas mediante as articulações entre as unidades linguísticas no âmbito da enunciação. Dessa maneira, discorreremos sobre o processo articulatório-enunciativo, bem como sobre as relações de sentido de unidades linguísticas, enquanto formações nominais, conforme as articulações subnominal, intranominal, internominal e predicativa. Nessa direção, nossas análises exprimem que os processos articulatórios das formações nominais - em especial, as formações nominais afloradas na pandemia da covid-19 - são complexos, uma vez que eles podem se manifestar simultaneamente.

Palavras-chave: Articulações Linguísticas. Formação Nominal. Semântica da Enunciação.

ABSTRACT

This Thesis presents a study on the linguistic articulation of nominal formations. In particular, we propose to address the articulatory-enunciative process of nominal formations presented through statements about health and social interference in the new coronavirus (covid-19) pandemic crisis. To this end, we adhere to the theoretical assumptions of Enunciation Semantics. Therefore, it relies mainly on the studies of Brazilian linguists Eduardo Guimarães and Luiz Francisco Dias, especially on the concepts of enunciation, enunciative event, historical reference, enunciative pertinence, linguistic form, nominal formation and linguistic union. In this sense, we aim to describe the articulatory processes - articulations: subnominal, intranominal, internominal, predicative - that operate in the constitution of nominalizations, observing both the internal relations (material dimension) and the external ones (enunciative dimension) with the aim of highlighting the linguistic characteristics of articulation in this interface. And, to develop the analyses, we used as a methodological support the procedure called enunciative network - coined by Dias -, which aims to discuss the relationships of meaning included through the articulations between linguistic units within the scope of enunciation. In this way, we discuss the articulatory-enunciative process, as well as the meaning relationships of linguistic units, as nominal formations, which form the subnominal, intranominal, internominal and predicative articulations. In this sense, our analyzes express that the articulatory processes of nominal formations - in particular, the nominal formations that emerged during the covid-19 pandemic - are complex, since they can manifest simultaneously.

Keywords: Linguistic Articulations. Nominal Formations. Semantics of Enunciation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	-	<i>Teste de gravidez ou teste de covid-19?</i>	41
FIGURA 2	-	Forma linguística: <i>paciente, paciente em casa e paciente no hospital...</i>	44
FIGURA 3	-	Anúncio de propaganda: <i>jovens e covid-19</i>	71
FIGURA 4	-	FN: <i>distanciamento</i>	75
FIGURA 5	-	FN: <i>distância social</i>	76
FIGURA 6	-	Articulação predicativa: a FN <i>distância</i>	77
FIGURA 7	-	A covid-19 e a circulação de enunciações: evidências do Google Trends.....	83
FIGURA 8	-	FN: <i>gripe</i>	85
FIGURA 9	-	FN: <i>gripezinha</i>	88
FIGURA 10	-	FN: <i>gripe forte</i>	89
FIGURA 11	-	FN: <i>gripezinha boba</i>	90
FIGURA 12	-	FN: <i>gripezinha que mata</i>	90
FIGURA 13	-	FN: <i>Doença respiratória misteriosa</i>	100
FIGURA 14	-	FN: <i>Pneumonia misteriosa</i>	100
FIGURA 15	-	FN: <i>Pneumonia de causa desconhecida</i>	101
FIGURA 16	-	FN: <i>Vírus desconhecido</i>	101
FIGURA 17	-	FN: <i>Novo vírus (coronavírus)</i>	101
FIGURA 18	-	FN: <i>Covid-19</i>	102
FIGURA 19	-	FN <i>covid-19</i> : perspectiva referencial da ciência.....	105
FIGURA 20	-	FN <i>covid-19</i> : perspectiva referencial da política.....	106
FIGURA 21	-	FN <i>covid-19</i> : perspectiva referencial da dispersão social.....	107
FIGURA 22	-	FN: <i>covidário</i>	108
FIGURA 23	-	FN: <i>gripezinha que mata</i>	108
FIGURA 24	-	FNs: <i>quarentena e telemedicina</i>	109
FIGURA 25	-	FN: <i>aglomeração</i>	109
FIGURA 26	-	FNs: <i>distanciamento social e auxílio emergencial</i>	110
FIGURA 27	-	FN: <i>novo normal</i>	110
FIGURA 28	-	FN: <i>grupo de risco</i>	111
FIGURA 29	-	FN: <i>pico da pandemia</i>	111
FIGURA 30	-	FN <i>anticovid</i> : perspectiva referencial da ciência.....	116

FIGURA 31 - FN <i>anticovid</i> : perspectiva referencial da política.....	117
FIGURA 32 - FN <i>anticovid</i> : perspectiva referencial da dispersão social.....	117
FIGURA 33 - FN <i>covidário</i> : perspectiva referencial da ciência.....	118
FIGURA 34 - FN <i>covidário</i> : perspectiva referencial da política.....	119
FIGURA 35 - FN <i>covidário</i> : perspectiva referencial da dispersão social.....	119
FIGURA 36 - FN <i>covidfobia</i> : perspectiva referencial da ciência e da política.....	120
FIGURA 37 - FN <i>covidfobia</i> : perspectiva referencial da dispersão social.....	121
FIGURA 38 - FN <i>covidão</i> : perspectiva referencial da ciência, da política e da dispersão social.....	122
FIGURA 39 - FN <i>novo normal</i> : perspectiva referencial da ciência.....	130
FIGURA 40 - FN <i>novo normal</i> : perspectiva referencial da política.....	131
FIGURA 41 - FN <i>novo normal</i> : perspectiva referencial da dispersão social.....	131
FIGURA 42 - FN <i>auxílio emergencial</i> : perspectiva referencial da política.....	133
FIGURA 43 - FN <i>auxílio emergencial</i> : perspectiva referencial da dispersão social.....	134

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - A concepção de Enunciação para Bally, Benveniste e Ducrot.....	28
QUADRO 2 - O conceito de enunciação para Eduardo Guimarães.....	30
QUADRO 3 - O conceito de enunciação para Luiz Francisco Dias.....	31
QUADRO 4 - Síntese do primeiro capítulo da Tese.....	46
QUADRO 5 - Grupo de gramáticas em estudo.....	52
QUADRO 6 - O que é fonologia e/ou fonética?.....	54
QUADRO 7 - O que é morfologia?.....	56
QUADRO 8 - O que é sintaxe?.....	57
QUADRO 9 - Dimensões da linguagem e suas unidades linguísticas no interior das gramáticas brasileiras.....	58
QUADRO 10 - As abordagens propostas tanto Hjelmslev quanto Berrendonner no campo dos estudos de base reccional.....	62
QUADRO 11 - Processo de constituição da articulação sintática para Milner.....	65
QUADRO 12 - A articulação no campo da linguagem em uso.....	67
QUADRO 13 - Rede enunciativa 1: articulação subnominal da FN <i>distância</i>	74
QUADRO 14 - A articulação linguística no âmbito das propostas de Guimarães e Dias.....	78
QUADRO 15 - Síntese da concepção de articulação para as teorias abordadas.....	79
QUADRO 16 - Rede enunciativa 2: as FNs <i>gripe</i> , <i>gripezinha</i> , <i>gripe forte</i> , <i>gripezinha boba</i> e <i>gripezinha que mata</i>	85
QUADRO 17 - Rede enunciativa 3: enunciados descritivos que condensam a unidade nominal <i>gripe</i>	86
QUADRO 18 - Rede enunciativa 4: a formação nominal <i>gripe</i> em uso.....	87
QUADRO 19 - Rede enunciativa 5: enunciados predicativos formados por meio das FNs: <i>gripe</i> , <i>gripezinha</i> , <i>gripe forte</i> , <i>gripezinha boba</i> e <i>gripezinha que mata</i>	92
QUADRO 20 - Sistematização da análise das articulações linguísticas.....	95
QUADRO 21 - A subnominalização da FN <i>covid-19</i>	103
QUADRO 22 - FN <i>covid-19</i> (e outros nomes): referencial histórico e perspectivas referenciais.....	105

QUADRO 23 - Rede enunciativa 6: a FN <i>covid-19</i> e outros nomes.....	112
QUADRO 24 - Rede enunciativa 7: Articulação intranominal - FNs <i>anticovid</i> , <i>covidário</i> , <i>covidfobia</i> e <i>covidão</i>	115
QUADRO 25 - Rede enunciativa 8: Articulação internominal - nome-núcleo: <i>covid</i> ..	125
QUADRO 26 - Rede enunciativa 9: Articulação internominal - convergente: <i>covid-19</i>	127
QUADRO 27 - Os processos articulatórios das formações nominais: subnominalização, intranominalização e internominalização.....	129
QUADRO 28 - Rede enunciativa 10: Articulação predicativa de uma formação nominal subnominal: <i>covid-19</i>	136
QUADRO 29 - Rede enunciativa 11: Articulação predicativa de uma formação nominal subnominalizada intranominalmente: <i>covidário</i>	137
QUADRO 30 - Rede enunciativa 12: Articulação predicativa de uma formação nominal subnominalizada internominalmente: <i>covid longa</i>	138
QUADRO 31 - Rede enunciativa 13: Articulação predicativa de uma formação nominal subnominalizada intranominalmente e internominalmente: <i>pandemia de covid-19</i>	139
QUADRO 32 - Processos articulatórios de constituição das formações nominais.....	142
QUADRO 33 - Processos articulatórios de constituição das formações nominais, juntamente com o processo articulatório de inserção dessas formações nominais no enunciado.....	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FN	Formação nominal
MEC	Ministério da Educação
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
OIE	Organização Mundial de Saúde Animal
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PLG 1	<i>Problèmes de Linguistique Générale I</i>
PLG 2	<i>Problèmes de Linguistique Générale II</i>
SARS-COV-2	Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2
SN	Sintagma nominal
V	Verbo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1 - SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	
1 APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO.....	23
1.1 Semântica.....	23
1.2 Postulados teóricos que contribuíram para a constituição do campo dos estudos enunciativos no Brasil.....	24
1.3 Semântica da Enunciação: significação, enunciado e enunciação.....	29
<i>1.3.1 Acontecimento enunciativo: o funcionamento semântico da linguagem.....</i>	<i>32</i>
<i>1.3.2 O espaço (político) de enunciação e a cena enunciativa.....</i>	<i>35</i>
<i>1.3.3 Referencial histórico e pertinência enunciativa.....</i>	<i>39</i>
<i>1.3.4 Forma linguística e formação nominal.....</i>	<i>42</i>
1.4 Resumo do capítulo.....	46
CAPÍTULO 2 - EM ESTUDO: AS ARTICULAÇÕES LINGÜÍSTICAS	
2 APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO.....	49
2.1 A articulação pela luz das gramáticas brasileiras.....	49
2.2 A articulação pela ótica dos estudos de base reccional.....	59
2.3 A articulação pelo ângulo dos estudos de base posicional.....	63
2.4 A articulação pela perspectiva dos estudos que versam sobre a linguagem em uso.....	65
2.5 A articulação sob o ponto de vista da Enunciação em uma perspectiva histórico-social da linguagem.....	69
<i>2.5.1 A articulação no âmbito do enunciado e do texto.....</i>	<i>70</i>
<i>2.5.2 A articulação no âmbito das formações nominais.....</i>	<i>73</i>
2.6 Resumo do capítulo.....	78
CAPÍTULO 3 - PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	
3 APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO.....	82
3.1 O material de análise.....	82
3.2 Procedimento de análise: a rede enunciativa.....	84
3.3 Resumo do capítulo.....	96
CAPÍTULO 4 - EM ANÁLISE: AS ARTICULAÇÕES LINGÜÍSTICAS DAS FORMAÇÕES NOMINAIS	
4 APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO.....	99
4.1 A subnominalização: condensação de enunciados descritivos e o escopo referencial da FN covid-19.....	99
4.2 A intranominalização: articulações internas em FNs inscritas no referencial da pandemia.....	113
4.3 A internominalização: articulações entre o nome e seus convergentes e as razões enunciativas que as mobilizam.....	124
4.4 Do nome à predicação: as articulações predicativas e a mobilização enunciativa da FN covid-19.....	135
4.5 Resumo do capítulo.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS.....	148

INTRODUÇÃO

Em nossa trajetória acadêmica, ao percorremos pelos campos da Linguística, ainda na Graduação em Letras, aflorou-nos o interesse de pesquisar a significação da linguagem por meio do aporte teórico da Semântica da Enunciação. Então, no Mestrado, estudamos a nomeação de programas sociais, observando a constituição interna e externa desses nomes, bem como os domínios enunciativos que os ancoram nas enunciações em que são inseridos, resultando, portanto, na Dissertação intitulada *A nomeação de programas sociais: um olhar semântico-enunciativo* (2019).

E, a fim de darmos continuidade aos estudos nessa abordagem, ao finalizarmos a referida Dissertação, proferimos: “[...] fica-nos a inquietação e o desejo de refletirmos mais a fundo, em pesquisas futuras, sobre o conceito de formação nominal, em especial, no que tange ao processo articulatório dessas formas” (Silveira, 2019, p. 151). Com efeito, é isso que nos propomos a desenvolver no presente trabalho.

Assim sendo, nesta Tese, apresentaremos - sob o olhar da Semântica da Enunciação - **um estudo das articulações linguísticas das formações nominais**. Especificamente, discutiremos sobre o **processo articulatório-enunciativo de formações nominais concebidas por meio das enunciações sobre a saúde e as tensões sociais no âmbito da pandemia da covid-19**, uma vez que essas nominalizações produzem, reproduzem, mantêm ou transformam as significações dos dizeres remotos e hodiernos, regularmente enunciados na sociedade contemporânea.

Nesse viés, ressaltamos que, ao longo dos anos, a saúde, em especial a saúde pública, convive com vários desafios e, na década atual, a crise pandêmica do novo coronavírus (covid-19) agravou ainda mais esse setor. Com base nisso, os dizeres sobre as tensões sociais, oriundas da referida crise, foram elevados em diferentes âmbitos: da educação, da economia e da saúde, por exemplo, evidenciando, dessa forma, não somente o efeito viral do coronavírus (SARS-CoV-2), como também a viralidade de vocábulos associados à pandemia.

Nesse direcionamento, observando esse processo histórico e social, verificamos que a atualidade (re)produz nominalizações, a fim de oferecer existência social a algo que está sendo recorrentemente enunciado, já que “um nome designa algo na medida em que se associa a esse nome uma história de enunciações na qual ele está envolvido” (Dias, 2018, p. 123). Por isso, estudaremos essas nominalizações, em situações reais de uso da língua, examinando o domínio linguístico da articulação por meio do qual a língua produz sentido.

Destacamos, ainda, que o material de análise em questão - saúde e tensões sociais na pandemia da covid-19 - é constituído por formações nominais que sustentam a nominalização de maneira fecunda, visto que ele se ancora em um acontecimento histórico - pandemia - cujos dizeres apresentam uma efetiva produtividade na língua. Isto é, essas formações nominais são corriqueiramente inseridas em distintos acontecimentos enunciativos.

Nesse âmbito, a materialização dos nomes é estabelecida em virtude de processos articulatórios que constituem essas unidades linguísticas mobilizadas nos acontecimentos. Portanto, a mobilização das formas linguísticas ocorre pautada tanto nos aspectos linguísticos quanto nos aspectos enunciativos da linguagem e abrange, por conseguinte, o referencial histórico e a pertinência enunciativa do dizer (Dias, 2018).

Assim sendo, com base na problemática da articulação linguística das formações nominais, ou seja, na “compreensão das articulações de unidades lexicais na constituição da sentença” (Dias, 2015, p. 99), sob a perspectiva Enunciativa, buscaremos responder a seguinte **pergunta de pesquisa**: como as articulações linguísticas são mobilizadas na constituição de uma unidade nominal concebida como formação nominal (Doravante, FN)?

Diante dessa questão, estamos afirmando a nossa opção teórica por trabalhar com os processos articulatórios que constituem as formações nominais, nomeadamente, as articulações: subnominal, intranominal, internominal e predicativa (Dias, 2018, 2023, 2025). Outrossim, destacamos que a articulação¹ linguística carece, ainda, de novos estudos, uma vez que esse fato linguístico é de grande relevância para o estudo da significação e, até o presente momento, encontra-se em evolução.

Diante disso, inferimos que o trabalho em pauta apresenta uma contribuição para a ciência linguística, visto que ele visa expor um *status* comparativo da articulação linguística em diversas vertentes teóricas e, ainda, produzir contínuos - estruturados em redes enunciativas - referentes aos processos articulatórios das formações nominais: subnominal, intranominal, internominal e predicativa, a fim de amplificar os níveis da articulação linguística na Semântica da Enunciação. Isso, por conseguinte, contribui para a ampliação desse campo teórico e revela o caráter inovador da pesquisa.

Dito isso, ressaltamos que a **hipótese** que norteia a nossa investigação é a de que, com base nos aspectos material e enunciativo da língua, as nominalizações, constituídas por meio de formações nominais, podem ser articuladas por intermédio de mais de um processo

¹ Neste estudo, o conceito de articulação é diferente da noção de conexão sintática, já tradicional e bastante estudada, visto que na perspectiva adotada - a Semântica da Enunciação - a noção de articulação abarca não só os liames sintáticos, mas as razões enunciativas desses nexos.

articulatório. Isto é, uma formação nominal pode agregar, em sua composição articulatória, concomitantemente, distintos processos articulatórios.

Nessa direção, o nosso estudo é balizado pelo seguinte **objetivo geral**: descrever o(s) processo(s) articulatório(s) que opera(m) na constituição das nominalizações, materializadas por meio de formações nominais, estudando as relações internas (materiais) e externas (enunciativas) dessas formas linguísticas, em acontecimento. O referido objetivo geral desmembra-se em seis **objetivos específicos**, detalhadamente:

1. Traçar um histórico comparativo do fenômeno em estudo - a articulação - em diversas vertentes teóricas, culminando na Semântica da Enunciação.
2. Delimitar o que é o processo articulatório em uma perspectiva enunciativa.
3. Contrastar a concepção de articulação à de conexão.
4. Compreender como se constituem as articulações das formações nominais.
5. Investigar como uma unidade nominal é constituída, tendo em vista a incidência das articulações linguísticas, que isoladas ou concomitantemente, atuam sobre ela.
6. Propor contínuos sobre os processos articulatórios das formações nominais, de modo a observar a sua complexidade, conforme os pressupostos da Semântica da Enunciação.

Para cumprirmos com tais objetivos, estruturalmente, a Tese será composta por quatro capítulos, acompanhados da introdução, das considerações finais, bem como das referências. Sintetizaremos, a seguir, cada um desses segmentos.

De maneira discriminada, a introdução - presente seção - apresenta as diretrizes da pesquisa, de modo a situar o recorte de análise, a justificativa para essa escolha, bem como os objetivos aos quais o estudo pretende responder e a organização que o trabalho seguirá.

No primeiro capítulo, apresentaremos os principais conceitos da Semântica da Enunciação, os quais serão fundamentais para desenvolvermos este estudo. Por sua vez, no segundo capítulo, abordaremos o fenômeno da articulação linguística não só na Semântica da Enunciação, mas também em outras vertentes teóricas.

Posteriormente, no terceiro capítulo, discutiremos sobre os pressupostos metodológicos que ancoram o nosso estudo, em especial, o conceito de rede enunciativa (Dias,

2018, 2023). Na sequência, no quarto capítulo, estudaremos a articulação linguística das formações nominais afloradas na pandemia da covid-19. Especificamente, focaremos na análise dos processos articulatórios postulados por Dias (2018, 2023, 2025) - articulações: subnominal, intranominal, internominal e predicativa.

Por fim, relataremos as nossas considerações finais sobre a pesquisa e exporemos as referências bibliográficas que fundamentaram a construção desta Tese.

CAPÍTULO 1

SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

1 APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação, tendo em vista que ela é a perspectiva teórica que sustenta o nosso estudo e baliza as nossas análises. Para tanto, ele está organizado em seções e subseções. Iniciaremos com a seção (1.1) **Semântica**, na qual, de forma geral, dissertaremos sobre um dos campos da Linguística: a Semântica.

Posteriormente, na seção (1.2) **Postulados teóricos que contribuíram para a constituição do campo dos estudos enunciativos no Brasil**, exporemos os estudos que versam sobre as abordagens francesas da Enunciação, especificamente, os trabalhos de Charles Bally, Émile Benveniste e Oswald Ducrot. Em seguida, na seção (1.3) **Semântica da Enunciação: significação, enunciado e enunciação**, discorreremos sobre o objeto de estudo e sobre a unidade de análise da Semântica da Enunciação, bem como sobre a concepção de enunciação. E, dando continuidade a essa seção macro (1.3), constituiremos quatro subseções.

Em (1.3.1) *Acontecimento enunciativo: o funcionamento semântico da linguagem*, comentaremos sobre a concepção de acontecimento, uma vez que, para a Enunciação², os sentidos são constituídos no acontecimento do dizer. A seguir, em (1.3.2) *O espaço (político) de enunciação e a cena enunciativa*, apresentaremos o conceito de espaço de enunciação (e sua ancoragem política), bem como o conceito de cena enunciativa e a sua configuração. E, em (1.3.3) *Referencial histórico e pertinência enunciativa*, trataremos da noção de referencial histórico e de pertinência enunciativa. Por fim, em (1.3.4) *Forma linguística e formação nominal*, falaremos sobre a concepção de forma linguística, como também sobre o conceito de formação nominal.

Após isso, sintetizaremos - no tópico (1.4) **Resumo do capítulo** - o que foi abordado ao longo do presente capítulo.

1.1 Semântica

A Semântica - uma das áreas da ciência linguística - foi cunhada como disciplina autônoma por Michael Bréal por meio da publicação da obra *Essai de Sémantique* [1897]/

² Nesta Tese, iremos utilizar o termo “Enunciação”, com a inicial maiúscula, para nos referirmos à área de estudo; e “enunciação”, com a inicial minúscula, para nos referirmos ao processo enunciativo do dizer.

(1992)³. Ela, por seu turno, “[...] é a disciplina científica que estuda a significação da linguagem” (Guimarães, 2018, p. 13). Todavia, o estudo semântico é desenvolvido sob diferentes abordagens, inclusive, pela Semântica Enunciativa, perspectiva teórica em que nosso trabalho se fundamenta.

Perante o campo da Linguística e os estudos da Semântica Enunciativa, situamo-nos no domínio da Linguística da Enunciação. Em especial, nos pressupostos da Semântica da Enunciação ou Semântica Histórica da Enunciação ou Semântica do Acontecimento, vertente teórica alicerçada na concepção de enunciação como acontecimento de linguagem⁴ (Guimarães, [2002]/(2017), 2018). Isto é, localizamo-nos em “[...] uma disciplina linguística que tem como objeto o estudo da significação tomada como produzida pela prática dos falantes de dizer algo em uma língua” (Guimarães, 2018, p. 15).

Para mais, essa teoria foi e é desenvolvida, no Brasil, por Eduardo Guimarães, bem como por Luiz Francisco Dias⁵. E, dentre outros princípios, ela tem como alicerce as teses desenvolvidas pelos estudiosos Charles Bally, Émile Benveniste e Oswald Ducrot, na França, cujos trabalhos contribuíram - cada um ao seu modo - para a constituição de elementos fundadores do campo da Semântica da Enunciação.

Nessa direção, antes de adentrarmos especificamente no campo da Semântica da Enunciação, urge a necessidade de proferirmos sobre os modelos teóricos que antecedem os estudos semânticos de base enunciativa abordados por nós neste trabalho. Portanto, no tópico a seguir (1.2), dissertaremos sobre os postulados de Charles Bally, Émile Benveniste e Oswald Ducrot⁶.

1.2 Postulados teóricos que contribuíram para a constituição do campo dos estudos enunciativos no Brasil

No século XX, o campo da Enunciação, pautado nos estudos da significação, foi alicerçado, em especial, pelas teses desenvolvidas por Bally, Benveniste e Ducrot, como mencionamos no tópico anterior (1.1). Subsequentemente, encontram-se os pontos

³ Optamos pela seguinte organização para as citações dos anos das obras consultadas: indicaremos entre colchetes o ano inicial da obra e entre parênteses o ano da obra consultada. Ressaltamos que isso ocorrerá apenas na primeira vez em que a obra aparece, visto que depois colocaremos, somente, o ano da obra consultada.

⁴ O conceito de acontecimento enunciativo está exposto no tópico 1.3.1 desta Tese.

⁵ É correto ressaltar que juntamente com esses autores, há outros pesquisadores brasileiros que também contribuem para o desenvolvimento da Semântica da Enunciação.

⁶ Realçamos que a historicidade relativa às teses de Bally, Benveniste e Ducrot foi facultada por intermédio de trabalhos desenvolvidos por Eduardo Guimarães.

fundamentais dessas teses, que foram pilares para a construção da vertente teórica intitulada Semântica da Enunciação. Iniciemos por Charles Bally, o primeiro linguista a formular o seu pensamento orientado para as questões enunciativas, conforme é referido por Flores e Teixeira na obra *Introdução à Linguística da Enunciação* [2005]/(2017).

Charles Bally, conhecido por organizar o renomado *Cours de Linguistique Générale*, de Saussure, em conjunto com Albert Sechehaye e Albert Riedlinger, fundou a Estilística. E, com isso, desenvolveu uma linguística da fala - isto é, o que ficou ausente nos estudos saussurianos -, descritiva e não normativa, na qual se discute o uso da língua para a expressão da subjetividade. Dessa forma, por meio da língua falada, ele aborda a enunciação na linguagem, sobretudo, em sua obra intitulada *Linguistique Générale et Linguistique Française*, publicada em [1932]/(1965).

Assim, há na teoria de Bally dois conceitos que se destacam ao pensarmos na enunciação: *dictum* e *modus*. O primeiro está relacionado ao “conteúdo” da frase, sua parte material; e o segundo, por sua vez, está atrelado à subjetividade do sujeito falante frente ao conteúdo (Bally, 1965). Ou seja, o *dictum* adquire sentido conforme o *modus* utilizado pelo sujeito falante. Então, para Bally, toda frase é composta por um *dictum*, bem como por um *modus*, e é neste último que está inserida a dimensão enunciativa de sua abordagem. Logo, na concepção do autor, a enunciação é a atividade que o sujeito realiza para se comunicar por meio da língua, a fim de evidenciar a sua subjetividade no discurso (Bally, 1965).

Nessa direção, assim como Bally (1965), Benveniste (2005, 2006) também se ocupa do estudo da enunciação. Ambos concebem a enunciação como um processo de produção linguística. No entanto, para Bally (1965), ela é concebida por um sujeito falante em uma determinada situação. Já em Benveniste (2005, 2006), ela se concentra na noção de sujeito da enunciação, ou seja, naquele que produz o discurso e que se constitui como autor, destacando a importância do *eu* enquanto uma marca da subjetividade no discurso. Vejamos, agora, as questões enunciativas desenvolvidas pelo último autor mencionado.

Émile Benveniste, segundo Flores e Teixeira (2017), é considerado o primeiro linguista da Enunciação e, portanto, é conhecido como o “Semanticista da Enunciação”. Ressaltamos, ainda, que o título de “Semanticista da Enunciação” é mais um atributo que foi oferecido a Benveniste do que reivindicado por ele mesmo. Nas palavras de Flores (2013), “[...] a chamada *teoria da enunciação* de Benveniste é mais uma dedução feita, *a posteriori*, pelos leitores dos artigos reunidos em PLG 1 e PLG 2 do que propriamente um propósito explícito de Benveniste” (Flores, 2013, p. 28, grifos do autor).

A partir do pensamento de Saussure e visando contribuir para os estudos da linguagem, Benveniste desenvolve um trabalho que incorpora tanto o exercício da língua quanto o exercício da fala. Dentre outras publicações, o referido estudo está diluído entre os textos (segmentados em capítulos) que compõem suas duas grandes obras para o campo da Enunciação: *Problèmes de Linguistique Générale I* - PLG 1 - [1966]/(2005) e *Problèmes de Linguistique Générale II* - PLG 2 - [1974]/(2006).

Sendo assim, Benveniste aborda a enunciação por meio da transição da língua em discurso. Essa transição ocorre através de dois planos: o plano semiótico e o plano semântico da língua. Quanto ao primeiro, ele se refere aos signos de um sistema linguístico. Já o segundo se refere à forma de significar o signo, ou melhor, ao sentido do discurso. Assim, o último plano é condicionado pela pessoa, pelo tempo e pelo espaço da enunciação, associando, dessa maneira, as condições de referência, que são construídas pelo locutor por meio da utilização da língua.

Logo, em seu texto *Da Subjetividade na Linguagem* (1958), Benveniste assevera que “[...] a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco - ao qual digo *tu* e que me diz *tu*” (Benveniste, 2005, p. 286, grifos do autor). Ou seja, é no plano semântico que as formas adquirem sentido, devido à instância de enunciação em que estão inseridas.

Nessa direção, em seu escrito *O Aparelho Formal da Enunciação* (1970), o autor enfatiza que:

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. [...]. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário (Benveniste, 2006, p. 83-84, grifo do autor).

Diante do exposto, é notável que a noção de enunciação, nessa perspectiva, está centrada no sujeito, uma vez que ele é o centro de referência do dizer. Segundo Benveniste (2006, p. 87), “o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo”. Por conseguinte, para o autor, a enunciação é uma prática social que acarreta o diálogo entre pares ou, até mesmo, individualmente, assim,

ela é um ato de apropriação da língua feito pelo locutor. Em outros termos, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2006, p. 82).

Ademais, corroborando para o estudo do sujeito na enunciação, como é asseverado por Benveniste (2005, 2006), há Oswald Ducrot (1984, 1987). Benveniste (2005, 2006), conforme apresentamos, ressalta o papel do sujeito como uma instância essencial para a produção dos discursos. Por sua vez, Ducrot (1984, 1987) destaca a centralidade do sujeito na construção da argumentação dos discursos.

Nessa direção, dentre a vasta produção do linguista Oswald Ducrot, com o intuito de abordarmos os aspectos enunciativos presentes em seus estudos, discorreremos, de modo específico, sobre a Teoria Polifônica da Enunciação - presente em seu livro *Le Dire et Le Dit* [1984]/(1987) -, bem como sobre a concepção de “realização linguística” abordada em seu texto *Enunciação* (1984).

Na década de 1980, no texto *Esboço de Uma Teoria Polifônica da Enunciação*, inserido no livro *Le Dire et Le Dit*, Ducrot desenvolveu a Teoria Polifônica da Enunciação, que sustenta a tese de que um mesmo enunciado é composto por uma pluralidade de vozes. Então, para ele, o sentido do enunciado é atribuído por meio de sua enunciação no discurso. Isto é, “o objeto próprio de uma concepção polifônica do sentido é mostrar como o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de vozes” (Ducrot, 1987, p. 172). Com isso, o autor rompe com a concepção de unicidade do sujeito falante e, nessa direção, distingue três diferentes funções para as figuras da enunciação: sujeito falante (ser que produziu o enunciado, ou seja, o ser empírico), locutor L (ser responsável pela enunciação) e locutor Y (ser enquanto pessoa no mundo) e enunciador (origem do ponto de vista do enunciado)⁷.

Além disso, em *Enunciação* (1984), Ducrot discorre sobre a significação na linguagem, relacionando o conceito de realização linguística ao de acontecimento enunciativo⁸. Para tanto, distingue a entidade abstrata da língua - ou seja, o material linguístico (*type*) - da concepção de realização linguística (*token*), destacando que esta última ocorre por meio de três dimensões. Passamos, então, a explicá-las.

Em ordem, a primeira etapa diz respeito ao resultado do que é realizado, ou seja, é a “[...] sequência sonora (ou gráfica) que apareceu em tal ponto do espaço e do tempo, objecto físico de tipo particular, que pode ser registrado por meio de aparelhos de observação acústica (ou gráfica)” (Ducrot, 1984, p. 368). Por sua vez, a segunda se refere ao “[...] facto de algo ter

⁷ As figuras da enunciação, configuradas por Ducrot, serão explicitadas no tópico 1.3.2.

⁸ A concepção de acontecimento enunciativo será exposta no tópico 1.3.1.

sido realizado, o acontecimento que constitui a sua aparição, a sua inserção na sucessão dos fenómenos” (Ducrot, 1984, p. 368-369), isto é, a realização entendida como acontecimento histórico demarcado linguisticamente no tempo. E a terceira engloba o processo/etapa de produção, portanto, trata-se da realização enquanto uma “[...] actividade psicofisiológica que conduziu o locutor a dizer aquilo que disse, e cujo produto são as palavras, pronunciadas ou escritas” (Ducrot, 1984, p. 368).

Assim sendo, para Ducrot, “o acontecimento linguístico é a enunciação, compreendida, [...], como o aparecimento do enunciado ou do discurso, como a sua erupção num lugar determinado da história” (Ducrot, 1984, p. 379). Por conseguinte, nessa perspectiva, a enunciação é o aparecimento histórico e linear (passado-presente-futuro) de um enunciado que se efetiva na e pela língua.

A seguir, sintetizamos as teses desenvolvidas por Bally, Benveniste e Ducrot no que tange à Enunciação (Quadro 1).

QUADRO 1 - A concepção de Enunciação para Bally, Benveniste e Ducrot

AUTORES	O QUE É A ENUNCIÇÃO?
Charles Bally	A enunciação é a atividade que o sujeito falante realiza para se comunicar por meio da língua, evidenciando a sua subjetividade no discurso: um <i>modus</i> no <i>dictum</i> .
Émile Benveniste	A enunciação é a atualização da língua em discurso pelo sujeito da enunciação, ou seja, a transição do modo semiótico para o modo semântico .
Oswald Ducrot	A enunciação é o aparecimento histórico e linear de um enunciado que se efetiva na e pela língua. Em outros termos, é a significação da linguagem que se manifesta na transformação do <i>type</i> em <i>token</i> .

Fonte: Elaborado pela autora.

Em suma, Bally, Benveniste e Ducrot, embora possuam propostas distintas, assemelham-se de algum modo, visto que trabalham com a linguagem em uso, abarcando os sujeitos, bem como as suas relações com a linguagem (falada e/ou escrita). Especificamente, a enunciação em Bally refere-se às reações dos sujeitos falantes frente às representações que eles expõem em seus dizeres, ou seja, um *modus* no *dictum*. Em Benveniste, ela refere-se à

atualização da língua em discurso pelo sujeito da enunciação - isto é, a transição do modo semiótico para o modo semântico. E, em Ducrot, a enunciação refere-se à significação na linguagem - por meio do posicionamento (isto é, da argumentação) dos sujeitos da enunciação frente aos discursos - que se efetiva na transformação do *type* em *token*.

Diante do exposto, a seguir, voltaremos o nosso olhar para os postulados da Semântica da Enunciação, sobretudo, para os estudos desenvolvidos por Guimarães (2017, 2018) e por Dias (2018, 2023).

1.3 Semântica da Enunciação: significação, enunciado e enunciação

A Semântica da Enunciação⁹ ou Semântica Histórica da Enunciação ou, ainda, Semântica do Acontecimento, consoante Guimarães (2017, 2018), é um campo de investigação que consiste em analisar a significação da linguagem no âmbito da Enunciação, do acontecimento do dizer, considerando não só a língua, mas também a história e o sujeito. Ou seja, ela abrange, ao mesmo tempo, o que foi aludido, bem como o que foi suprimido por Saussure, respectivamente, a língua e a fala.

Nesse viés, essa disciplina científica apresenta como objeto de estudo a significação e como unidade de análise o enunciado - seja integrado ao texto (Guimarães, 2017, 2018), seja em articulação com as suas partes (Dias, 2018, 2023). A significação - objeto de estudo da Semântica da Enunciação - não se refere ao significado dicionarizado de uma palavra ou expressão; antes, refere-se ao sentido que um enunciado adquire no acontecimento enunciativo, ou seja, a significação “é produzida pela enunciação, por alguém, de algum material de linguagem específico” (Guimarães, 2018, p. 14).

Por sua vez, a unidade de análise, ou seja, o enunciado, é uma unidade de linguagem que, em acontecimento, possui uma consistência interna atrelada a uma independência relativa (Guimarães, 2018). Para Guimarães (2017, 2018), integrado ao texto, o enunciado é vinculado aos modos de relação enunciativa, designados como articulação¹⁰ e reescrituração. O primeiro aspecto refere-se à consistência interna, ao passo que o segundo, em sua particularidade, aborda a independência relativa do enunciado. Para Dias (2018, 2023), o enunciado, enquanto pilar

⁹ Neste trabalho, optamos por trabalhar com o nome “Semântica da Enunciação”, a fim de padronizar a escrita da Tese.

¹⁰ Os modos de articulação propostos por Guimarães - dependência, coordenação e incidência - serão apresentados no capítulo II.

para a constituição da nominalidade, apresenta, internamente, articulações: subnominal, intranominal, internominal e predicativa¹¹.

Assim, sob o viés dos estudos semântico-enunciativos, a significação, bem como o enunciado e, ainda, as partes que o compõem, são observados em enunciação. Dessa forma, como a enunciação pode ser definida? Guimarães, ao longo de seus estudos, com base nas produções de Bally, Benveniste e Ducrot - sintetizadas no tópico 1.2 -, redefine e amplia a noção de enunciação. Observemos, na sequência, como essa concepção foi formulada por Guimarães ao longo das últimas décadas, contudo, ressaltamos que não temos a intenção de expor todas as definições elaboradas pelo autor (Quadro 2).

QUADRO 2 - O conceito de enunciação para Eduardo Guimarães

OBRAS	O QUE É A ENUNCIÇÃO?
<i>Enunciação e História</i> (1989)	“[...] Enunciação é o acontecimento sócio-histórico de produção do enunciado” (Guimarães, 1989, p. 78).
<i>Língua e Enunciação</i> (1996a)	“[...] Defino a enunciação como o pôr-se a língua em funcionamento movimentada pelo interdiscurso, quando alguém ocupa aí uma posição de sujeito” (Guimarães, 1996a, p. 101).
<i>Semântica do Acontecimento: Um Estudo Enunciativo da Designação</i> (2017)	“[...] Tomo a enunciação como um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” (Guimarães, 2017, p. 10).
<i>Semântica: Enunciação e Sentido</i> (2018)	“[...] A enunciação é um acontecimento que produz sentido” (Guimarães, 2018, p. 22).
<i>Sobre Teoria e Método em Semântica da Enunciação</i> (2023)	“[...] A enunciação é o funcionamento da língua” (Guimarães, 2023, p. 120).

Fonte: Elaborado pela autora.

Na mesma direção, pautando-se nas formulações de Guimarães - e, conseqüentemente, nas de Bally, Benveniste e Ducrot - Dias, ao longo de seus estudos, também elenca definições para a concepção de enunciação. Observemos, agora, algumas dessas definições (Quadro 3).

¹¹ Os modos de articulação propostos por Dias - subnominal, intranominal, internominal e predicativa - serão apresentados no capítulo II.

QUADRO 3 - O conceito de enunciação para Luiz Francisco Dias

OBRAS	O QUE É A ENUNCIÇÃO?
<i>Enunciação e Forma Linguística</i> (2013a)	“[...] A enunciação é o acontecimento da constituição do enunciado” (Dias, 2013a, p. 30).
<i>Sentido e Enunciação: a Atualidade do Conceito de Acontecimento na Semântica</i> (2015)	“[...] A enunciação é a apreensão de um enunciado na sua condição de acontecimento, tendo em conta a sua inserção na sucessão dos fenômenos, tanto do ponto de vista da anterioridade que sustenta esse enunciado quanto do ponto de vista da posterioridade para a qual aponta” (Dias, 2015, p. 235).
<i>Enunciação e Relações Linguísticas</i> (2018)	“[...] A enunciação é o acontecimento da produção do sentido, resultando em um enunciado que adquire pertinência social” (Dias, 2018, p. 45).
<i>Redes Enunciativas</i> (2023)	“[...] A enunciação se apresenta como interpretável no porvir da materialização do enunciado” (Dias, 2023, p. 157).

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nas definições de enunciação expressas por Guimarães (1989, 1996a, 2017, 2018, 2023) e por Dias (2013a, 2015, 2018, 2023), expostas anteriormente (Quadros 2 e 3), verificamos que a concepção de enunciação, formulada ao longo das últimas décadas, ocorreu de forma somatória, visto que as acepções foram se agregando uma à outra, visando ao aperfeiçoamento teórico do conceito, prevalecendo a essência de que a enunciação é um acontecimento histórico e social que produz sentido.

Sendo assim, para o campo dos estudos enunciativos, em tese, a enunciação é o acontecimento histórico e social do dizer, isto é, o acontecimento do funcionamento da língua. Em vista disso, o que é o acontecimento para a Semântica da Enunciação?

1.3.1 Acontecimento enunciativo: o funcionamento semântico da linguagem

Precedentemente (1.3), enfatizamos que a enunciação é um acontecimento histórico e social da linguagem, agora, por consequência, discorreremos sobre essa concepção, qual seja: a de acontecimento. A princípio, cabe destacar que ela está presente em distintas teorias, em especial, neste trabalho, nas teorias da Análise do Discurso e na Semântica da Enunciação. Nessa direção, abordaremos o conceito de acontecimento para Michel Foucault, Gilles Deleuze e Michel Pêcheux. Esses autores foram selecionados em função de suas contribuições efetivas não só para a Semântica da Enunciação, como também para a Análise do Discurso, bem como pela proximidade que eles têm com os estudos dessas áreas, conforme nos propomos a discutir em seguida. Após isso, dissertaremos acerca da concepção de acontecimento no âmbito da Semântica da Enunciação.

A noção de acontecimento é abordada por Foucault ao longo de seus estudos, mas, para o nosso trabalho, recortaremos e sintetizaremos como ela é postulada por ele com base nas obras: *A Arqueologia do Saber* [1969]/(2008) e *A Ordem do Discurso* [1970]/(1996). Para o autor, o acontecimento é depreendido como o conjunto de circunstâncias, internas e externas, que tornam o discurso possível. Ou seja, o acontecimento remete ao conjunto de regras que possibilita a construção do discurso. Sendo assim,

[...] se os discursos devem ser tratados, antes, como conjuntos de acontecimentos discursivos, que estatuto convém dar a esta noção de acontecimento que foi tão raramente levada em consideração pelos filósofos? Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. Digamos que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo do incorpóreo (Foucault, 1996, p. 57-58).

Portanto, como aponta o autor, a ideia de acontecimento está centrada na materialidade do discurso e está ligada à concepção de dispersão/descontinuidade, que permite contemplar a emergência dos enunciados. Ademais, o acontecimento é uma construção social que perpassa as relações de poder, definindo o que é ou não considerado significativo para a sociedade. Logo, segundo Foucault (2008, p. 31), “[...] fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que

nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações”.

Deleuze, ao seu modo, trabalha com a noção de acontecimento, em sua obra intitulada *Lógica do Sentido* [1969]/(1974), enfatizando que o acontecimento é o próprio sentido, o qual é estabelecido essencialmente por meio da linguagem. Isto é, “[...] não se perguntará qual o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas” (Deleuze, 1974, p. 23). Assim sendo, para ele, o acontecimento implica a produção de sentido, que se configura no processo discursivo, por meio de uma lógica transversal que rompe com a temporalidade linear.

Por sua vez, Pêcheux - em sua obra *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento* [1983]/(2015a) - discorre sobre a noção de acontecimento a partir da análise do enunciado *On a gagné* [Ganhamos], o qual perpassou vários discursos na França, no dia 10 de maio de 1981, após o período eleitoral presidencial que resultou na vitória de François Mitterand. Assim sendo, tendo em vista o acontecimento descrito, nas palavras de Pêcheux (2015a, p. 27-28), “[...] a questão teórica que coloco é, pois, a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc) e formulações irremediavelmente equívocas”.

Por conseguinte, para Pêcheux, o acontecimento resulta do encontro de uma atualidade e de uma memória que o enunciado invoca (Pêcheux, 2015a). Dessa maneira, no exemplo dado pelo autor, a eleição presidencial, enquanto acontecimento histórico, instaura o enunciado *On a gagné* [Ganhamos], o qual poderá ser proferido, subsequentemente, em outros acontecimentos. Ou seja, para o autor, o acontecimento é discursivizado. Em outras palavras, ele se realiza por meio de práticas discursivas específicas.

Por seu turno, os linguistas da Semântica da Enunciação defendem a tese de que os sentidos são constituídos no acontecimento da enunciação, proposição também defendida por Deleuze. Sendo assim, o termo acontecimento enunciativo diz respeito ao funcionamento da língua na sua historicidade, portanto, ele “é de ordem social, e envolve necessariamente a relação entre falantes” (Dias, 2018, p. 62). Nessa direção, o acontecimento é “o que faz diferença na sua própria ordem” (Guimarães, 2018, p. 37). Isto é, o acontecimento não é simplesmente a ocorrência de algo, mas sim os efeitos de sentido que algo gera. Ou seja, nas palavras de Guimarães (2018, p. 37), “a ordem em que algo é considerado é que lhe dá o sentido de acontecimento específico”.

Assim sendo, enunciativamente, o acontecimento do dizer temporaliza, isto é, ele não está atrelado a uma ordem cronológica dos fatos, como é defendido por Ducrot (1984) - conforme apresentado no item 1.2 deste capítulo -, pelo contrário, ele é um espaço de temporalização. Dessa maneira,

[...] o acontecimento não pode ser visto como algo pontual e linear, e sim como um construto histórico que, por meio de inúmeros entrecruzamentos, é capaz de construir um estado de coisas. Trata-se, portanto, de algo relacional, mas que, ao surgir, é capaz de originar alterações no já posto, no já estabelecido. Nesse sentido, o acontecimento faz surgir o novo, traz dentro de si uma atualidade porque ele interfere no estado de mundo, com repercussões de maior ou menor magnitude. Entretanto, para que ele realize essa interferência é preciso que se constitua, também, de uma carga de dizer já marcada anteriormente (Dalmaschio, 2013, p. 57).

Assim, a temporalidade do acontecimento é significativa, visto que é o próprio acontecimento que produz a sua temporalidade de sentidos, a qual é composta pelo passado, pelo presente, bem como pelo futuro, que não são vistos de forma linear (cronológica), mas sim de forma entrecruzada, ou seja, participam ao mesmo tempo da constituição dos sentidos. Sendo o passado marcado pelos sentidos dos enunciados proferidos; o presente estabelecido entre o enunciado e a própria enunciação e o futuro a projeção de sentido latente que pode ser materializada em acontecimentos vindouros (Guimarães, 2018).

Nesse caminho, Guimarães (2017, 2018) estabelece que o recorte do passado deve ser denominado como memorável e a projeção de enunciações futuras como futuridade. Nas palavras de Guimarães,

a temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal dos fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, memórias de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. É nessa medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (Guimarães, 2017, p. 17).

Portanto, reiteramos que a enunciação é o acontecimento histórico e social do dizer, ou seja, ela é o acontecimento do funcionamento da língua, o qual se inscreve em uma temporalidade - passado, presente e futuro - de sentido do dizer. Por conseguinte, para Guimarães, a enunciação é determinada pelas condições sociais de sua existência. Dito de outra forma, o sentido de um enunciado é atribuído por meio dos efeitos de sua enunciação em ato,

tendo em vista o espaço de enunciação, bem como a cena enunciativa em que está inserido - ambos os conceitos serão apresentados a seguir (seção 1.3.2).

Dessa maneira, constata-se que a concepção de acontecimento - para a Semântica da Enunciação - compartilha algumas das acepções discutidas pelos autores mencionados no início desta seção, pois o acontecimento é algo que permite contemplar a emergência dos enunciados (Foucault, 1996; 2008), produz e temporaliza seu próprio sentido (Deleuze, 1974) e se sustenta na atualidade e na memória dos dizeres (Pêcheux, 2015a).

1.3.2 O espaço (político) de enunciação e a cena enunciativa

A enunciação, enquanto acontecimento do dizer, realiza-se em um espaço político da linguagem onde há a relação entre línguas e línguas, falantes e falantes, bem como entre línguas e falantes (Guimarães, 2018). Diante dessa constatação, o que é língua? E, ainda, o que é falante?

Notadamente, a língua é algo histórico que produz significações e agencia os falantes a dizer, sendo, ainda, caracterizada como “um conjunto sistemático de regularidades” (Guimarães, 2018, p. 24). O falante, por sua vez, é uma categoria linguística e enunciativa, formado pelos espaços de enunciação que ocupa no acontecimento do dizer. Ou seja, de acordo com Guimarães (2018, p. 25), “o falante é um ‘ser’ de linguagem, constituído por uma relação de línguas”. Logo,

os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político (Guimarães, 2017, p. 25).

Assim sendo, o espaço político de enunciação é o local onde se estabelecem as relações linguísticas associadas aos falantes. E, ainda, nessa perspectiva, o político, com base nos estudos do filósofo Jacques Rancière, sobretudo em sua obra *O descentendimento* (1996), articula-se a partir da maneira desigual com que as línguas e os falantes são configurados nos acontecimentos.

Para mais, o político (ou a política), na compreensão de Rancière (1996), é fundado pelo dissenso ou pelo desentendimento, que constitui um conflito estruturado, estabelecido na partilha do sensível. Nos termos do próprio autor,

[...] o desentendimento se refere ao que é ser um ser que se serve da palavra para discutir. As estruturas de desentendimento são aquelas em que a discussão de um argumento remete ao litígio acerca do objeto da discussão e sobre a condição daqueles que o constituem como objeto (Rancière, 1996, p. 13).

Portanto, a base da política, para o filósofo Rancière, é o litígio, isto é, o conflito de interesses de acesso às palavras que há entre os falantes. Devido a isso,

os casos de desentendimento são aqueles em que a disputa sobre o que quer dizer falar constitui a própria racionalidade da situação de palavra. Os interlocutores então entendem e não entendem aí a mesma coisa nas mesmas palavras. Há todas as espécies de razão para que um X entenda e não entenda ao mesmo tempo um Y: porque, embora entenda claramente o que o outro diz, ele não vê o objeto do qual o outro lhe fala; ou então porque ele entende e deve entender, vê e quer fazer ver um objeto diferente sob a mesma palavra, uma razão diferente no mesmo argumento (Rancière, 1996, p. 12).

Nesse caminho, nos dizeres do linguista Eduardo Guimarães:

O político, ou a política, é para mim caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo, o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. Mais importante ainda para mim é que deste ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada (Guimarães, 2017, p. 22).

Em outros termos, a política na linguagem é tomada enquanto uma manifestação do dissenso, revelando os modos desiguais de acesso ao dizer distribuídos pelos espaços de enunciação nos diferentes acontecimentos enunciativos. Assim, reafirmamos, juntamente com Guimarães (2017), que “o político é a afirmação da igualdade, do pertencimento do povo ao povo, em conflito com a divisão desigual do real, para redividi-lo, para refazê-lo incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos” (Guimarães, 2017, p. 23).

Em vista do espaço político de enunciação, retratado anteriormente, há a configuração da cena enunciativa. As cenas referem-se às especificações relacionadas aos seres do discurso inseridos nos espaços de enunciação. Ou seja, “uma cena enunciativa se caracteriza por

constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (Guimarães, 2017, p. 31). Traçaremos, agora, como a cena é configurada por quatro estudiosos da linguagem, nomeadamente, Patrick Charaudeau; Dominique Maingueneau; Oswald Ducrot e Eduardo Guimarães, uma vez que o conceito de cena enunciativa perpassa por diferentes perspectivas teóricas e, em cada uma delas, ele recebe uma configuração específica. Faremos esse percurso para elencarmos a pluralidade de estudos que há em relação à concepção de cena - sem a pretensão de esgotá-los. Contudo, salientamos que trabalharemos com a definição de cena enunciativa defendida pelo semanticista Eduardo Guimarães.

O linguista Patrick Charaudeau, inserido na perspectiva Semiolinguística da Análise do Discurso, analisa o ato de linguagem como encenação (*mise en scène*), observando o processo de produção e de interpretação desse ato. Nessa direção, segundo Charaudeau (2008), o ato de linguagem refere-se a um ato inter-enunciativo, que engloba quatro níveis do sujeito, especificamente: o sujeito comunicante (EUc); o sujeito enunciador (EUe); o sujeito destinatário (TUd) e o sujeito interpretante (TUi). Os níveis do sujeito, ainda, são divididos em duas partes: na primeira, há os EUe e TUd, que são os seres de fala; na segunda, há os EUc e TUi, que são os seres sociais (Charaudeau, 2008).

O estudioso Dominique Maingueneau [1998]/(2001), imerso no campo da Análise do Discurso de base enunciativa, propõe que a cena enunciativa é formada por três esferas, são elas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A cena englobante ocupa-se do tipo de discurso. A cena genérica, por sua vez, ocupa-se do gênero do discurso. As duas, em concomitância, estabelecem o quadro cênico do texto, que é “o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido” (Maingueneau, 2001, p. 87). E a cenografia ocupa-se do contexto estabelecido pela enunciação, de outro modo, ela “[...] é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala” (Maingueneau, 2001, p. 87).

Oswald Ducrot, unido ao campo da Semântica Argumentativa, desenvolve o estudo da polifonia linguística, enfatizando que em um único enunciado há uma pluralidade de vozes, ocupando distintas funções enunciativas: sujeito falante, locutor e enunciador (Ducrot, 1987). O sujeito falante - ser empírico - é o próprio autor do enunciado, dessa forma, ele não é um problema linguístico e, conseqüentemente, não é analisado nos estudos ducrotianos. O locutor, por seu turno, é o ser responsável pelo enunciado, ou seja, apresenta marcas de primeira pessoa (eu), dividindo-se em (L) e (Y), sendo (L) o locutor responsável pela enunciação e (Y) o locutor

enquanto pessoa no mundo. Ao seu modo, o enunciador representa a “origem” dos posicionamentos evidenciados no enunciado (Ducrot, 1987).

Por fim, no campo da Semântica da Enunciação, anunciada por Guimarães, a cena enunciativa é estabelecida por meio do agenciamento político da enunciação. Dessa maneira, consoante Guimarães (2017),

a cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas do seu dizer (Guimarães, 2017, p. 31).

Dito de outra forma, para o autor, a configuração da cena enunciativa permeia a relação entre as formas linguísticas e as figuras da enunciação: “aquele que fala” e “aquele para quem se fala” (Guimarães, 2017, 2018). Assim sendo, na cena enunciativa, é estabelecida a divisão (política) dos lugares de enunciação, de acordo com o agenciamento do falante a enunciar.

Portanto, segundo Guimarães (2017, 2018), há o lugar que diz, o lugar social do dizer e o lugar de dizer, respectivamente, representados pelo: Locutor, alocutor-x e Enunciador (individual, coletivo, universal, genérico). Esses dois primeiros lugares, ao seu modo, têm os seus correlatos, na devida ordem: Locutário e alocutário-x. Especificamente, o Locutor é “o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer” (Guimarães, 2017, p. 31-32). Já o alocutor-x remete ao lugar social que o Locutor ocupa no presente acontecimento.

O Enunciador, por sua vez, é “[...] um lugar x que se relaciona com o que se diz no acontecimento” (Guimarães, 2018, p. 65), podendo ser individual, coletivo, universal ou genérico. O enunciador-individual caracteriza-se como o lugar de dizer que assume o “eu” enunciativo, “quando a enunciação representa o Locutor como independente da história” (Guimarães, 2017, p. 35). Em contrapartida, o enunciador-coletivo expressa o dizer de um grupo por meio de uma única voz, identificável, por exemplo, em verbos conjugados nas pessoas do plural (nós, vós, eles/elas). O enunciador-universal desempenha o papel de transmitir uma verdade compartilhada, representando o Locutor desvinculado da história e promovendo um juízo de “verdadeiro” ou “falso”. Finalmente, há o enunciador-genérico que se manifesta “quando a enunciação representa o Locutor como difuso num todos em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos” (Guimarães, 2017, p. 35), correspondendo,

assim, a uma forma de saber partilhado, frequentemente presente em ditos populares e provérbios.

Isso posto, passemos à apresentação dos conceitos de referencial histórico e de pertinência enunciativa desenvolvidos por Dias.

1.3.3 Referencial histórico e pertinência enunciativa

A significação do dizer, conforme foi asseverado anteriormente (1.3), é estabelecida no acontecimento da enunciação (1.3.1), com base no espaço de enunciação e na cena enunciativa (1.3.2). Ademais, também contribuem para a configuração do sentido os conceitos de referencial histórico e de pertinência enunciativa (Dias, 2013b, 2018), os quais - nos termos de Dias - são “fundamentais para a compreensão do domínio de mobilidade” (Dias, 2018, p. 96) e “são modos sociais de agir, reagir, não agir, no mundo por meio de formas de expressão. Esses modos sociais são historicamente configurados e se definem na memória social como discursos” (Dias, 2018, p. 57). Expliquemos, a seguir, cada um desses domínios.

O referencial histórico foi concebido por Dias (2013b, 2018) com base na noção de referencial desenvolvida por Michel Foucault, em sua obra *A Arqueologia do Saber* [1969]/(2008). O referencial, na abordagem de Foucault, delinea-se segundo o entendimento de que:

Um enunciado não tem diante de si (e numa espécie de conversa) um correlato - ou uma ausência de correlato, assim como uma proposição tem um referente (ou não), ou como um nome próprio designa um indivíduo (ou ninguém). Está antes ligado a um "referencial" que não é constituído de "coisas", de "fatos", de "realidades", ou de "seres", mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade (Foucault, 2008, p. 103).

Desse modo, para o filósofo, o referencial constitui-se como algo anterior à enunciação de um enunciado, ou seja, é concebido antes mesmo do dizer ser proferido em um acontecimento, configurando, assim, uma diferença entre esse dizer e outros. Ainda, é o referencial que irá permitir o aparecimento de um enunciado, isto é, ele é o ponto de ancoragem do dizer, tomado como “um princípio de diferenciação” (Foucault, 2008, p. 130).

O linguista Luiz Francisco Dias, ao seu modo, segue a mesma linha de pensamento traçada por Foucault (2008), estabelecendo que o referencial histórico se manifesta a partir de um passado/memorável, que é recortado no presente do acontecimento. Nas palavras de Dias, “o referencial histórico é definido como *o domínio de ancoragem da significação na língua*, a partir do funcionamento das relações sociais. Trata-se da filiação institucional dos nossos dizeres, quando a enunciação adquire suporte na constituição histórica da sociedade” (Dias, 2018, p.142, grifo nosso). Assim sendo, para Dias (2018), o referencial histórico, enquanto domínio de ancoragem de significação linguística, estrutura-se com base no funcionamento histórico e social da linguagem.

Em outros termos, o referencial histórico se refere a um antes do enunciar. Ou seja, trata-se de um suporte social sobre o qual o enunciado se assenta para se constituir. Portanto, ele se manifesta por meio da relação entre recortes de memória de significação (memorável). Nesse caminho, a memória, consoante Pêcheux [1999]/(2015b),

[...] não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflito de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos (Pêcheux, 2015b, p. 50).

Isto é, a memória manifesta-se por meio de dizeres anteriores (“já ditos”), retomados no presente do acontecimento enunciativo. Nessa lógica, o memorável é concebido na instância do “já enunciado”, sendo, dessa forma, um “[...] recorte do passado, produzido pelo acontecimento” (Guimarães, 2018, p. 41). Em suma, o presente e o futuro do acontecimento atuam ancorados no passado (memorável), o qual estabelece a significação.

Outrossim, ancoradas na concepção de referencial histórico defendida por Dias (2013b, 2018), Dalmaschio e Martins (2022) organizam duas categorias para o referencial, sendo a primeira nomeada de referencial temático, da qual se desmembra a segunda: as perspectivas referenciais. Por sua vez, o referencial temático refere-se às “[...] divisões histórico-sociais da significação em grandes domínios de sentido no âmbito dos estudos da linguagem” (Dalmaschio; Martins, 2022, p. 36). Portanto, o referencial temático - aspecto coletivo e social da constituição da significação - manifesta-se em perspectivas.

Já as perspectivas referenciais externam-se por meio de pontos de vista em relação ao referencial temático posto em enunciação. Dessa forma, elas “[...] são acionadas pelos diferentes olhares e interpretações do referencial temático” (Dalmaschio; Martins, 2022, p. 36).

Ou seja, as perspectivas referenciais “[...] são constituídas pelas diversas experiências de percepção” (Dalmaschio; Martins, 2022, p. 36).

No que tange à pertinência enunciativa, ela se alicerça na ideia de adesão, isto é, no pertencimento do dizer no acontecimento, uma vez que “[...] o dizer produz um compromisso de aderência com outros dizeres em um campo de enunciação” (Dias, 2018, p. 103). Assim, é frente a um dizer, no presente do enunciar, que a pertinência enunciativa se manifesta.

Por conseguinte, “a pertinência do enunciado em um espaço de enunciação - pertinência concebida na relação entre recortes de memória de significação e a demanda de um presente - movimenta as formações articulatórias que constituem a unidade do enunciado, a sua constituição formal” (Dias, 2018, p. 104). Sendo assim, a pertinência enunciativa se materializa no presente do acontecimento (atualidade), estabelecendo uma relação de atualização do passado (memorável).

Em suma, ao enunciarmos, o sentido é instituído por meio da relação entre o referencial histórico - marcado pela memória de sentidos (passado/memorável) - e a pertinência enunciativa, invocada na atualidade do dizer (presente). Logo, como já dito, o sentido é constituído pelo funcionamento da língua, em acontecimento, atrelado à temporalidade do dizer (1.3.1). Perante o que foi exposto até o momento, a título de exemplificação, observemos o acontecimento enunciativo a seguir (Figura 1).

FIGURA 1 - (1) *Teste de gravidez ou teste de covid-19?*



Fonte: *Blog do Genildo*.¹²

¹² Disponível em: <http://www.genildo.com/2020/03/>. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

O acontecimento enunciativo precedente (Figura 1) é composto tanto pela linguagem não verbal, quanto pela linguagem verbal, que é estruturada por meio de três enunciados, são eles: (1a) “*O teste deu positivo!*”; (1b) “*Contraiu o covid-19?*” e (1c) “*Não! Contracei gravidez no isolamento social!*”, ambos proferidos por falantes que ocupam um espaço enunciativo afetado pela Língua Portuguesa. Nessa cena enunciativa, com base na configuração defendida por Guimarães (2018), os falantes são configurados como: Locutor homem e Locutora mulher, tendo como correlatas as pessoas interessadas na leitura do gênero textual charge, isto é, os Locutários. Por sua vez, o lugar social do dizer é ocupado, possivelmente, pelo alocutor-genitor e pela alocutora-genitora, paralelos aos alocutários-leitores. E o lugar de dizer é marcado pelo Enunciador-individual.

Enunciativamente, a significação desses enunciados está ancorada à cena enunciativa em que eles estão inseridos: diálogo entre um homem e uma mulher sobre o resultado de um *teste* realizado por ela. Sendo que, neste acontecimento, a formação nominal *teste* - articulada subnominalmente - é permeada pelo processo de dilatação referencial (Dalmaschio; Castro, 2024), formando duas novas FNs - articuladas internominalmente: *teste de gravidez* e *teste de covid-19*. A primeira FN significa um *teste* que a mulher realiza para verificar se está ou não grávida e a segunda FN, por sua vez, significa um *teste* que o indivíduo realiza para detectar ou não a presença do vírus SARS-CoV-2, a fim de saber se contraiu ou não a doença da covid-19.

Nessa direção, é indubitável que o referencial histórico da pandemia afetou os efeitos de sentidos da FN *teste*. Ademais, para a construção da significação desse acontecimento, referenciais históricos sobre a realização de testes - seja de gravidez, seja de covid-19 - foram evocados (passado) para construir, por meio da pertinência enunciativa do dizer, o efeito de sentido do texto (Figura 1) (presente), acarretando novos usos e, ainda, novas significações (futuro) em outros acontecimentos.

1.3.4 Forma linguística e formação nominal

Tradicionalmente, a concepção de forma linguística refere-se, restritamente, à materialização da linguagem. Em outras palavras, ela diz respeito às partes estruturais de uma língua, principalmente, os aspectos fonológicos, os morfológicos e os sintáticos. Entretanto, no âmbito dos estudos da Semântica da Enunciação, as formas linguísticas são tomadas na esfera da constituição dos sentidos, uma vez que “as formas de dizer se vinculam às formas de significar” (Dias, 2018, p. 15).

Alicerçado na tese de que “a língua é um sistema de regularidades”, Guimarães (1996b) aborda a forma linguística como “uma latência à espera do acontecimento enunciativo, onde o presente e o interdiscurso a fazem significar” (Guimarães, 1996b, p. 32). Dessa maneira, a forma linguística adquire significação por meio da relação estabelecida durante a enunciação, no próprio acontecimento.

Na mesma direção, para Dias (2018, p. 36), “uma forma linguística constitui-se como tal na conformação de unidades às regularidades da língua, tendo em vista o seu acionamento enunciativo” (Dias, 2018, p. 37). Isto é, ela adquire significação apenas quando é posta em enunciação. Assim sendo, ao ser articulada, uma forma linguística é significada valendo-se dos domínios de mobilização (1.3.3) - referencial histórico e pertinência enunciativa -, “constituindo unidades de significação mais amplas” (Dias, 2018, p. 38). Portanto, segundo Dias (2018),

a forma linguística pode ser compreendida como fato linguístico. Na nossa perspectiva, o fato linguístico é definido a partir da tensão entre uma estabilidade da unidade formal, marcada pela linearidade, isto é, pontuada na horizontalidade da ordenação do arranjo sintático, de um lado, e a verticalidade própria do domínio de forças a ser representado (domínio de mobilidade), de outro. Dessa maneira, dizemos que a forma linguística é afetada por uma relação tensa entre o plano da organicidade e o plano do enunciável (Dias, 2018, p.38).

Em outros termos, as formas linguísticas fundamentam-se por meio da relação de duas dimensões: a dimensão material - plano orgânico - e a dimensão simbólica - plano enunciativo. A primeira dimensão refere-se aos aspectos estruturais/formais da língua e a segunda, por sua vez, refere-se à língua em uso. E, nessa relação, “as formas linguísticas obedecem às regularidades da sua dimensão orgânica, mas a dimensão enunciativa é que mobiliza o funcionamento das formas em direções de conformação de sentidos na língua” (Dias, 2023, p. 171). Logo, nessa perspectiva, a associação entre a forma linguística e a sua significação só é estabelecida em enunciação.

Ilustremos com o acontecimento enunciativo a seguir (Figura 2).

FIGURA 2 - (2) Forma linguística: *paciente*, *paciente em casa* e *paciente no hospital*



Fonte: Site do Sindicato dos Bancários e Financieiros de Bauru e Região.¹³

Na charge anterior (Figura 2), encontra-se um diálogo que ocorreu em virtude do isolamento social que houve em decorrência da pandemia da covid-19. Observemos que a forma linguística *paciente* foi enunciada duas vezes: “[...] é melhor ficar e ser paciente em casa [...]” e “[...] do que sair e correr o risco de ser paciente no hospital”. E, nesse acontecimento, a significação dessa forma foi mobilizada e atualizada de maneira distinta. Especificamente, em sua primeira aparição, *paciente* significa paciência (ou melhor, o conselho dado ao indivíduo para que ele tenha paciência frente ao isolamento social e não se aglomere). Já, em sua segunda aparição, *paciente* significa pessoa doente (isto é, que contraiu a covid-19) e, em decorrência disso, necessita de cuidados médicos.

Outrossim, o nosso olhar também se volta para as FNs *paciente em casa* e *paciente no hospital*, ambas formadas por um nome-núcleo e um convergente, respectivamente, *paciente + em casa* e *paciente + no hospital*. Nesse acontecimento enunciativo, a FN *paciente em casa* significa o ser que respeita a quarentena (ou seja, o isolamento social em decorrência da covid-19) e permanece em sua residência. Já a FN *paciente no hospital* refere-se às consequências que o ser pode obter, se romper com a quarentena (internação hospitalar).

Para mais, ancorado em um olhar enunciativo e com base nessa concepção de forma linguística, Dias (2013c, 2015b, 2018, 2023) concebe o conceito de formação nominal como alternativa para a noção de sintagma nominal (doravante, SN). Na perspectiva do autor, a

¹³ Disponível em: <https://www.seebbauru.org.br/noticias/ignorando-a-fase-vermelha-bauru-e-uma-das-cidades-com-menor-isolamento-de-sp/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

formação nominal tem como finalidade abordar a dinamicidade enunciativa do fenômeno da nominalização, pautando-se nas razões enunciativas que regem as articulações. Isso ocorre porque “as nominalizações são analisadas como integrante de uma formação articulatória concebida como um espaço de referência onde se projetam referenciais” (Neto, 2018, p. 123).

Portanto, a formação nominal, nas palavras de Dias, “não designa nem o *produto* da constituição de nomes compostos, como nos estudos morfológicos estruturalistas, e nem o *produto* de um corte sintagmático, propulsor do nome *sintagma*, mas a unidade nominal considerada a partir do *processo* de constituição dos nomes” (Dias, 2018, p. 122, grifos do autor). Por essa razão,

a concepção de formação nominal (FN) está comprometida, portanto, com uma abordagem vertical das construções nominais, tendo em vista que privilegia o processo de formação dos nomes, isto é, o jogo de referenciais que sustentam um nome enquanto unidade de designação. Privilegia igualmente as determinações que ele recebe nas articulações contraídas no âmbito do grupo nominal, nas quais se expõem os pontos de pertinência do dizer, na relação entre a memória e a atualidade do acontecimento enunciativo (Dias, 2015b, p. 120).

Nessa direção, enquanto o SN compreende o produto, a FN - de caráter explicativo (portanto, processual) e não descritivo - aborda o processo de produção da significação e a configuração das articulações linguísticas, integrando as relações internas (plano orgânico), juntamente com as relações externas (plano enunciativo) das construções nominais. Logo,

[...] a formação nominal é a constituição interna e externa das formas para a constituição da unidade nominal. As formações, articulatoriamente configuradas, sustentam materialmente o referencial histórico, a memória das significações dos seus termos e a pertinência do nome nas cenas enunciativas em que contrai relação de pertencimento (Dias, 2018, p. 143).

Por isso, a análise da FN permite que o foco do olhar do pesquisador seja redirecionado (do texto para o enunciado, bem como para a articulação das formas linguísticas), examinando, assim, a articulação e a significação das formas linguísticas e os seus efeitos de sentido. Até o presente momento, Dias (2023) aborda quatro tipos de regularidades articulatórias¹⁴ das FNs. Nomeadamente: articulação subnominal (constituição semântica de um nome); articulação intranominal (elementos formativos de um nome), articulação internominal (nome-núcleo e convergentes) e articulação predicativa (FN e predicado).

¹⁴ Como já mencionado, os modos de articulação das FNs propostos por Dias - subnominal, intranominal, internominal e predicativa - serão detalhadamente apresentados no capítulo II.

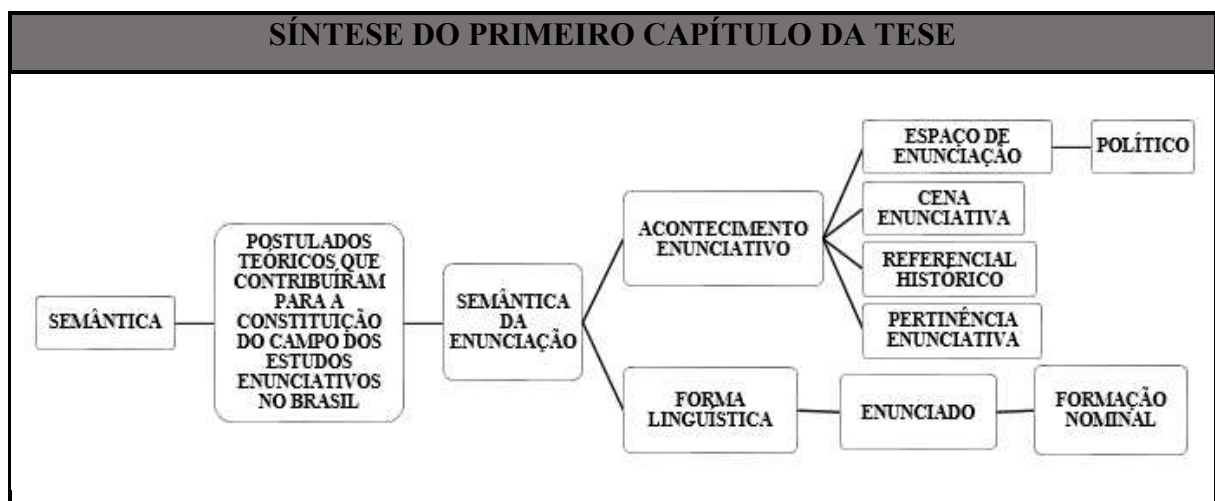
Em suma, ao analisarmos as formas linguísticas, enquanto FNs, estamos fazendo um estudo enunciativo da língua, já que “[...] a FN guarda uma potencialidade de observação da realidade, não a partir das eventuais propriedades informativas, mas a partir dos traços em função dos quais elementos do real adquirem pertinência para a realidade enunciada” (Dias, 2013c, p. 16).

1.4 Resumo do capítulo

Neste primeiro capítulo, discorremos sobre as teses de autores que contribuíram para a formulação do campo dos estudos da Enunciação, bem como sobre os pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação desenvolvida no Brasil. De modo geral, debruçamos a apresentar os principais conceitos que fundamentam a referida teoria, em especial, *acontecimento enunciativo*, *significação*, *enunciado*, *enunciação*, *cena enunciativa* e *espaço político de enunciação* (Guimarães, 2017, 2018, 2023). Ademais, apresentamos as contribuições de Dias (2018, 2023) que também são fundamentais para a nossa pesquisa: *referencial histórico*, *pertinência enunciativa*, *forma linguística* e *formação nominal*.

A título de organização e de síntese do conteúdo deste capítulo, elaboramos o organograma a seguir (Quadro 4):

QUADRO 4 - Síntese do primeiro capítulo da Tese



Fonte: Elaborado pela autora.

Em suma, conforme apresentado (Quadro 4), neste capítulo, explanamos sobre a ciência que estuda a significação, isto é, a Semântica. Dentre as suas ramificações, situamos nossa pesquisa na Semântica Enunciativa, em especial, no campo da Semântica da Enunciação. Antes

de nos voltarmos aos fundamentos dessa perspectiva teórica, traçamos um panorama sobre os seus postulados teóricos, nomeadamente: Bally, Benveniste e Ducrot.

Posteriormente, dissertamos sobre a concepção de acontecimento enunciativo, a qual acarreta, impreterivelmente, a concepção de espaço de enunciação, um espaço político da linguagem. Além disso, apresentamos algumas considerações sobre a cena enunciativa que se constrói em torno das figuras da enunciação e, ainda, lançamos mão dos conceitos de referencial histórico e pertinência enunciativa, a fim de enfatizarmos nossa compreensão sobre como o sentido está atrelado a um antes e a um depois convocados pelo presente do acontecimento. Ademais, discorreremos sobre a concepção de forma linguística que suscita as noções de enunciado e de formação nominal.

Prosseguindo, no capítulo seguinte, desenvolveremos um estudo sobre o fenômeno alvo do nosso trabalho: as articulações linguísticas.

CAPÍTULO 2

EM ESTUDO: AS ARTICULAÇÕES LINGUÍSTICAS

2 APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO

A articulação é um fenômeno que perpassa por diferentes áreas do conhecimento, como a Biologia, a Música, a Linguagem, entre outras. De maneira concisa, na Biologia, o campo da Anatomia abrange as articulações das partes ósseas do corpo humano, possibilitando a conexão e a movimentação dos ossos. Já a Música, por sua vez, engloba as articulações tanto das notas quanto dos ritmos, vislumbrando a execução musical. No domínio da Linguagem, em especial na Linguística, a articulação se manifesta também em diferentes perspectivas.

Diante disso, no segundo capítulo desta Tese, nos propomos a investigar como o fenômeno da articulação é percebido em distintos campos de estudo da Linguística. Nesse caminho, em função da interseção de um e de outro campo, averiguaremos as proximidades, bem como os distanciamentos que há entre eles, especificamente, no que tange ao estudo do fato em questão: a articulação linguística.

Nesse viés, estruturamos o presente capítulo em cinco grandes segmentos, somados à **apresentação** (2), bem como ao **resumo** (2.6). Nomeadamente: seção (2.1) **A articulação pela luz das gramáticas brasileiras**; seção (2.2) **A articulação pela ótica dos estudos de base reccional**; seção (2.3) **A articulação pelo ângulo dos estudos de base posicional**; seção (2.4) **A articulação pela perspectiva dos estudos que versam sobre a linguagem em uso** e seção (2.5) **A articulação sob o ponto de vista da Enunciação em uma perspectiva histórico-social da linguagem**, a qual está subdividida em dois blocos: (2.5.1) *A articulação no âmbito do enunciado e do texto* e (2.5.2) *A articulação no âmbito das formações nominais*.

Assim sendo, ao trilharmos esse percurso, traçaremos um histórico comparativo do fenômeno em estudo - a articulação - em diversas vertentes teóricas, culminando na Semântica da Enunciação, conforme nos propusemos a fazer no primeiro objetivo específico deste trabalho. Ademais, delimitaremos o que é o processo articulatório em uma perspectiva enunciativa, de modo a executar o segundo objetivo específico. E, ainda, ao longo deste capítulo, contrastaremos a concepção de articulação à de conexão, cumprindo o que foi estabelecido no terceiro objetivo específico deste estudo.

2.1 A articulação pela luz das gramáticas brasileiras

Desde a antiguidade, notava-se o interesse pelo estudo da sistematização das línguas, o qual se efetivou por meio do processo de gramatização linguística, fundamentado, a princípio, em reflexões filosóficas. Nas palavras de Aurox (1992, p. 65), a gramatização é “o processo

que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Nesse viés, a gramatização está enraizada na história das línguas como um instrumento de regularização linguística.

O processo de gramatização brasileira prosperou, sobretudo, perante o movimento de independência do Brasil, legitimando as diferenças linguísticas entre Brasil e Portugal. Em adição, conforme Guimarães (2004), esse processo ocorreu em quatro períodos distintos. Em resumo, o primeiro - de “1500 até o início da segunda metade do século XIX” (Guimarães, 2004, p. 25) - marca o período de desenvolvimento de uma abordagem histórica dos estudos da Língua Portuguesa. Já o segundo - “da segunda metade do século XIX [...] até fins dos anos 30 do século XX” (Guimarães, 2004, p. 26) - instaura a consolidação das normas gramaticais da Língua Portuguesa no Brasil.

Por sua vez, o terceiro período - “final dos anos 30 até meados da década de 1960” (Guimarães, 2004, p. 26) - assinala, dentre outros marcos, a criação dos cursos de Letras no Brasil e da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), concebida por meio da portaria (nº 36) do Ministério da Educação (MEC) no dia 28 de janeiro de 1959, visando à uniformização, bem como a organização do ensino de Língua Portuguesa no país. Por fim, o quarto período - “meados dos anos 1960 em diante” (Guimarães, 2004, p. 25) - inclui a pluralidade de estudos sobre a linguagem no Brasil e torna obrigatória a implantação da disciplina de Linguística em todos os cursos de Letras do território brasileiro.

Em virtude dessa periodização, Guimarães afirma que:

[...] O que vemos é uma história em que o Brasil, a partir de suas questões, promove o seu domínio crescente dos meios de produção de conhecimento e de constituição de uma comunidade científica própria. E esta história é diretamente dirigida pelas questões próprias do Brasil. No caso que tratamos aqui: a assunção de uma língua nacional e depois a produção de um conhecimento sobre a língua, sobre sua história, sobre sua diversidade, sobre seu funcionamento e o da linguagem em geral (Guimarães, 2004, p. 44).

Nessa direção, mediante o processo de gramatização brevemente descrito, centraremos o nosso olhar para as reflexões cunhadas em gramáticas brasileiras, que - pautadas em sistematizar a língua (cultura) - dedicam-se, imersas em diretrizes pedagógicas, ao estudo dos aspectos linguísticos relacionados, sobretudo, à fonologia, à fonética, à morfologia e à sintaxe. Todavia, ressaltamos que não temos a pretensão de exaurir o estudo das gramáticas nem de suas

ramificações, antes nos apropriaremos desses manuais a fim de constatarmos e explorarmos a maneira como abrangem a noção de articulação linguística.

Assim sendo, sistematicamente, trabalharemos com um conjunto de dez gramáticas brasileiras¹⁵. Diante de tantas outras obras também difundidas, é imperativo justificarmos o nosso recorte. A gramática de Antônio da Costa Duarte - *Compendio da Grammatica Portugueza* (1829) - foi designada, pois é a primeira gramática filosófica escrita no Brasil. Por sua vez, a *Grammatica Portugueza* (1885), de Júlio Ribeiro, instaura a fase da gramática científica, marcando, desse modo, a transição do pensamento filosófico para o pensamento de cunho científico da época. A obra de Maximiano Maciel, *Grammatica Descriptiva* (1914), apresenta inovações de conceitos com elementos descritivos, diminuindo, assim, a noção prescritiva da linguagem. Já a *Grammatica Expositiva* (1907) - de Eduardo Carlos Pereira - foi escolhida em virtude de seu sucesso editorial (especificamente, 114 edições). Por seu turno, a *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1966), escrita pelo filólogo Manuel Said Ali, o qual foi afetado pelas concepções de Saussure, revela grandes inovações linguísticas.

Ademais, recortamos a vigésima segunda (1977) e a trigésima sétima (2009) edições da *Moderna Gramática Portuguesa*, redigidas por Evanildo Bechara, uma vez que são duas gramáticas diferentes, porém com o mesmo título, sendo a segunda marcada por uma extensa influência linguística. Incluímos também a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2017), escrita por Celso Ferreira da Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra, a qual sistematiza outras gramáticas escritas pelo filólogo Cunha. Já a *Gramática Descritiva do Português* (2005), de Mário Alberto Perini - primeiro gramático linguista - é marcada por uma concepção efetivamente linguística da gramática pelo viés estruturalista. E, por último, a *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2014) - de Ataliba Teixeira de Castilho - que é uma gramática inteiramente fundamentada no português (culto) oral do Brasil e constituída por meio de uma visão integrada da vertente funcionalista.

A seguir, projetamos um quadro com os títulos e as datas de publicação das gramáticas selecionadas, juntamente com os seus respectivos autores (Quadro 5):

¹⁵ Realçamos que, ao longo do presente trabalho, iremos preservar os registros linguísticos de todas as obras.

QUADRO 5 - Grupo de gramáticas em estudo

GRAMÁTICAS	AUTORES
<i>Compendio da Grammatica Portugueza</i> (1829)	Antônio da Costa Duarte
<i>Grammatica Portugueza</i> [1881]/(1885)	Júlio Ribeiro
<i>Grammatica Descriptiva</i> [1894]/(1914)	Maximiano Maciel
<i>Grammatica Expositiva</i> (1907)	Eduardo Carlos Pereira
<i>Gramática Secundária da Língua Portuguesa</i> [1927]/(1966)	Manuel Said Ali Ida
<i>Moderna Gramática Portuguesa - 22ª edição</i> [1961]/(1977)	Evanildo Cavalcante Bechara
<i>Moderna Gramática Portuguesa - 37ª edição</i> [1961]/(2009)	Evanildo Cavalcante Bechara
<i>Nova Gramática do Português Contemporâneo</i> [1985]/(2017)	Celso Ferreira da Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra
<i>Gramática Descritiva do Português</i> [1995]/(2005)	Mário Alberto Perini
<i>Nova Gramática do Português Brasileiro</i> [2010]/(2014)	Ataliba Teixeira de Castilho

Fonte: Elaborado pela autora.

Sistematizando, a primeira obra - *Compendio da Grammatica Portugueza* (1829), de Antônio da Costa Duarte - é fundamentada em princípios filosóficos e é alicerçada na concepção de que a gramática “é a arte de fallar, ler, e escrever correctamente” (Duarte, 1829, p. 8). A segunda, por sua vez, *Grammatica Portugueza* (1885), escrita por Júlio Ribeiro, constitui-se na premissa de que a gramática “é a exposição methodica dos factos da linguagem” (Ribeiro, 1885, p. 1). E a terceira obra escolhida, *Grammatica Descriptiva* (1914), de Maximiano Maciel, apresenta a ideia de que a gramática “é a systematização lógica dos factos e normas de uma lingua qualquer” (Maciel, 1914, p. 1).

Outrossim, a quarta gramática, *Grammatica Expositiva* (1907), escrita por Eduardo Carlos Pereira, segue os parâmetros de que a gramática “é a exposição methodica das regras relativas ao uso correcto da lingua portuguesa” (Pereira, 1907, p. 3). E a quinta, intitulada *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1966), foi redigida por Manuel Said Ali e é pautada no princípio de que a gramática “é o conjunto das regras, observadas em um ou mais

idiomas, relativas aos sons ou fonemas, às formas dos vocábulos e à combinação destes em proposições” (Said Ali, 1966, p. 15).

A sexta (1977) e a sétima (2009) gramáticas selecionadas pertencem, respectivamente, a vigésima segunda e a trigésima sétima edições da *Moderna Gramática Portuguesa* escrita por Evanildo Bechara. Acentuamos que foram escolhidas duas edições da mesma gramática, visto que houve uma diferença significativa em sua (re)escrita após trinta e seis edições, conforme é retratado pelo autor nos prefácios das publicações: na primeira edição, Bechara diz que “não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico” (Bechara, 2009, p. 21), ao passo que, na trigésima sétima, ele diz que “dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento [...]” (Bechara, 2009, p. 19). Compreende-se, portanto, que a primeira tenciona uma adaptação da gramática de Pereira, já a outra, ao seu modo, apresenta uma nova gramática linguística, que é próxima aos estudos linguísticos.

Por sua vez, a oitava gramática, *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2017), redigida por Celso Ferreira da Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra, é “[...] uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta [...]” (Cunha; Cintra, 2017, p. 24). A nona, *Gramática Descritiva do Português* (2005), escrita por Mário Alberto Perini, constitui-se como uma gramática orientada “para o exame dos fatos da língua” (Perini, 2005, p. 15). E, por fim, a décima obra, intitulada *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2014), de Ataliba Teixeira de Castilho, visa “desvelar o conhecimento linguístico armazenado na mente dos falantes, desde o cidadão analfabeto até o escritor laureado” (Castilho, 2010, p.32) por meio da reflexão da língua e de seus fenômenos.

Posto isso, explanaremos efetivamente sobre a concepção de articulação linguística na esfera dessas gramáticas (Quadro 5). Nessa direção, examinaremos como ela se faz presente, em primeiro lugar, na fonologia, bem como na fonética, em segundo lugar, na morfologia e, em terceiro lugar, na sintaxe. Optamos por essa organização a fim de abordarmos como cada uma dessas áreas concebem o fato linguístico em pauta, visto que, cada uma ao seu modo, concentra-se em um aspecto específico da língua.

A fonética e a fonologia são áreas que abrangem o estudo do aspecto fônico da linguagem. Nesse horizonte, quais são as atribuições desses campos? Para responder tal questionamento, construímos, com base nas obras selecionadas, o quadro a seguir (Quadro 6).

QUADRO 6 - O que é fonologia e/ou fonética?

FONÉTICA E/OU FONOLOGIA
“A Orthoepia tracta da boa pronúncia e leitura da língua” (Duarte, 1829, p. 9).
“Phonologia é o tratado dos sons articulados. [...]. Phonetica é o tratado dos sons articulados considerados em sua máxima simplicidade, como elementos constitutivos das palavras” (Ribeiro, 1885, p. 3).
“Phonologia é o tratado dos phonemas, isto é, dos sons constitutivos da palavra debaixo de todos os pontos de vista. [...]. Phonetica é o estudo dos fonemas, isto é, dos sons orgânicos da palavra, considerados em si ou em suas correlações” (Maciel, 1914, p. 5).
“Phonologia (<i>gr. phonê</i> =som) é o estudo dos elementos materiaes da palavra, isto é, dos sons elementares. [...]. Phonetica é o estudo dos sons oraes ou articulados considerados em si isoladamente” (Pereira, 1907, p. 4).
“A fonética examina os sons e suas mudanças atendendo à maneira de os pronunciar” (Said Ali, 1966, p. 15).
“[...] A análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o som que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro som, permite a comunicação lingüística” (Bechara, 1977, p. 27-28).
“A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos lingüísticos: sua produção, articulação e variedades. Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função lingüística distintiva de unidades lingüísticas superiores dotadas de significado” (Bechara, 2009, p. 53).
“A disciplina que estuda minuciosamente os sons da fala, as múltiplas realizações dos fonemas, chama-se fonética. A parte da gramática que estuda o comportamento dos fonemas numa língua denomina-se fonologia, fonemática ou fonêmica” (Cunha; Cintra, 2017, p. 41).
“[...] A esse estudo das regras de pronúncia de uma língua se dá o nome de fonologia” (Perini, 2005, p. 49).
“[...] À Fonética cabe descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. À Fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas [...]” (Castilho, 2014, p. 140).

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante das acepções apresentadas, constatamos que, para a maioria dos estudiosos, a fonética e a fonologia se complementam com a função de estudar a dimensão sonora da linguagem, sendo que a primeira tem como objeto de estudo os sons da fala e a segunda tem como objeto de estudo os fonemas ou sons da língua. Portanto, a fonética centra-se nos aspectos físicos e fisiológicos do processo de produção dos sons da fala, já a fonologia centra-se na organização dos sons dentro do sistema linguístico. Todavia, mediante os dados coletados (Quadro 6), cabe-nos salientarmos que também há gramáticos que optam por não distinguirem essas duas áreas, escolhendo usar genericamente um único termo, como Said Ali (1966) e Perini (2005), e, ainda, há outros que utilizam outra nomeação estabelecida antes dos parâmetros propostos pela NGB, por exemplo, Duarte (1829).

Ademais, a concepção de articulação adotada no âmbito da fonética e da fonologia - no centro das gramáticas brasileiras - perpassa por diferentes apontamentos ao longo do tempo. Detalhadamente, Duarte (1829), Said Ali (1966) e Perini (2005) concebem a ideia de articular como pronunciar. Para Ribeiro (1885) e Pereira (1907), a concepção de articular está atrelada à de estruturar, já, para Maciel (1914), ela está atrelada à de correlacionar. Por sua vez, na perspectiva de Cunha e Cintra (2017), articular envolve relacionar. Ainda, Bechara (1977, 2009) e Castilho (2014) aludem a concepção de articulação com vista à distinção. Em vista disso, nesse campo, articular é pronunciar, estruturar, correlacionar, relacionar e distinguir os elementos sonoros e gráficos de uma palavra.

Nessa direção, interessa-nos, no interior da fonética e da fonologia, a percepção de que os sons produzidos se unem para constituir sonora e graficamente as palavras. Expliquemos: os fonemas, ou seja, a menor unidade sonora de uma língua, - na escrita, representados por sinais gráficos, as letras - estabelecem unidades de som, isto é, as sílabas (criadas pela união de um ou mais fonemas) e a junção de sílabas (ou de uma única sílaba) estabelece as ligações para formar as palavras. Logo, para a fonética e para a fonologia, articular é conectar os elementos gráficos (fonemas) e os elementos sonoros (sons) inerentes ao sistema da língua a fim de construir os vocábulos.

Por influência disso, ainda no domínio das gramáticas brasileiras, somos levados a abordar os elementos que constituem estruturalmente as formas linguísticas. Para tanto, adentraremos ao campo da morfologia. Mas, afinal, o que é morfologia? Essa resposta, ancorada nas obras selecionadas para este estudo, encontra-se no quadro a seguir (Quadro 7).

QUADRO 7 - O que é morfologia?

MORFOLOGIA
“A Etymologia distribue todas as palavras em certas classes, segundo as suas diferentes propriedades e serventias” (Duarte, 1829, p. 9).
“Morphologia é o tratado das fôrmas que tomam as palavras para constituir a linguagem” (Ribeiro, 1885, p. 51).
“Morphologia é o trato da palavra, organicamente considerada, isto é, com relação aos seus elementos materiaes ou fôrmas exteriores” (Maciel, 1914, p.76).
“Morphologia (gr. morphê = fôrma, logos = tractado) é a parte da Lexeologia que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua idéa ou significação” (Pereira, 1907, p. 59).
“A Lexeologia não examina os vocábulos um por um, como faz o dicionário. Divide-os em um pequeno número de grupos ou categorias e registra os fatos comuns e constantes e os fatos variáveis e excepcionais” (Said Ali, 1966, p. 15).
Estuda “as formas” linguísticas (Bechara, 1977, p. 25).
“[...] Estudo da palavra e suas formas” (Bechara, 2009, p. 54).
“[...] Examinou-se a palavra em sua forma” (Cunha; Cintra, 2017, p. XXV).
“O estudo dos morfemas e de suas associações se denomina morfologia” (Perini, 2005, p. 50).
“A Morfologia é o estudo da estrutura dos morfemas, ou seja, dos constituintes das palavras” (Castilho, 2014, p. 144).

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do exposto (Quadro 7), a morfologia é o ramo dos estudos gramaticais que visa examinar a estrutura e a formação das palavras - conforme apontam Ribeiro (1885), Maciel (1914), Bechara (1977, 2009), Cunha e Cintra (2017), Perini (2005) e Castilho (2014) -, bem como as suas classificações, segundo apresentam Duarte (1829), Pereira (1907) e Said Ali (1966). Isso posto, chama-nos a atenção os aspectos morfológicos que se estruturam internamente para constituir as palavras, por exemplo, radical, afixos, desinências. Tais aspectos são classificados pelas gramáticas de morfemas (lexicais ou gramaticais), isto é, são as unidades mínimas de significação de uma palavra.

Por conseguinte, é por intermédio do estudo da estrutura e/ou da formação das palavras que verificamos a presença da noção de articulação na morfologia, a qual é pautada, sobretudo, na concepção de articulação enquanto nexos das palavras. Em outros termos, articular é associar,

isto é, relacionar estruturalmente as unidades mínimas de significação de uma palavra. E, morfológicamente, uma vez materializadas estruturalmente, as palavras são alocadas em classes gramaticais conforme as suas funções na língua e se conectam textualmente para constituir os sentidos, conforme veremos a seguir.

Ademais, somado à fonética, à fonologia e à morfologia, há o campo da sintaxe. Nessa direção, notemos o quadro subsequente (Quadro 8) em que apresentamos as definições referentes a esse campo de investigação.

QUADRO 8 - O que é sintaxe?

SINTAXE
“Syntaxe, isto é, Composição, é a parte da Grammatica, que ensina a compor uma oração, segundo as relações que as palavras tem umas com as outras” (Duarte, 1829, p. 64).
“[...] A syntaxe considera as palavras como relacionadas umas com outras na construção de sentenças, e considera as sentenças no que diz respeito à sua estrutura, quer sejam simples, quer se componham de membros ou de clausulas” (Ribeiro, 1885, p. 193).
“Syntaxologia é o tratado das palavras, consideradas collectivamente, isto é, nas suas diversas funções ou relações logicas” (Maciel, 1914, p. 253).
“[...] O estudo das palavras combinadas para a expressão do pensamento” (Pereira, 1907, p. 195).
“A sintaxe considera a oração ou proposição como um todo, e as palavras que a constituem como termos essenciais ou secundários da proposição” (Said Ali, 1966, p. 16).
“A sintaxe é o estudo dos padrões estruturais de uma língua determinados pelas relações recíprocas na oração e das orações no discurso” (Bechara, 1977, p. 197).
“[...] Estudo das combinações materiais ou funções sintáticas” (Bechara, 2009, p. 54).
“A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar frases denomina-se sintaxe” (Cunha; Cintra, 2017, p. 133).
“A sintaxe é a parte da gramática que estuda as orações e suas partes - ou seja, a estrutura interna da oração” (Perini, 2005, p. 62).
“A Sintaxe é o estudo das estruturas sintagmáticas e sentenciais” (Castilho, 2014, p. 144).

Fonte: Elaborado pela autora.

Perante o exposto, o domínio da sintaxe abrange a forma como as palavras se relacionam umas com as outras para formar textualmente frases, orações e/ou períodos. Ou seja, estuda a relação composicional estabelecida entre os elementos linguísticos de uma sentença. À vista disso, chama-nos a atenção a maneira como as palavras se organizam (seja em uma frase - nominal ou verbal -, seja em uma oração, seja em um período - simples ou composto) para promover a coesão e a coerência das sentenças.

Nessa área, a concepção de articulação está atrelada à conexão dos elementos linguísticos nas sentenças seja por meio da relação, da combinação ou da associação das palavras. Isto é, articular, para Duarte (1829), Ribeiro (1885), Maciel (1914), Bechara (1977), é relacionar. Já, para Pereira (1907), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2017), articular é combinar. E, para Said Ali (1966), Perini (2005) e Castilho (2014), articular é associar. Por conseguinte, na sintaxe, a articulação acarreta a disposição das palavras nas sentenças, estabelecendo a conexão entre os elementos linguísticos que as formam.

Em síntese, no interior das gramáticas brasileiras, a noção de articulação está diretamente relacionada à conexão de unidades linguísticas fundamentais para a promoção da comunicação por meio da linguagem. Singularmente, no campo da fonética e da fonologia, a ideia de “conexão” refere-se às relações estabelecidas entre os sons da fala, ou seja, refere-se à forma como os fonemas se articulam no interior de uma língua. No campo da morfologia, por sua vez, a ideia de "conexão" diz respeito à maneira como as unidades significativas da língua (morfemas) se combinam para formar palavras. Já na sintaxe a ideia de "conexão" refere-se ao elo entre as palavras que compõem frases, orações e períodos.

Para sistematizar o que acabamos de explicar, vejamos o quadro a seguir (Quadro 9).

QUADRO 9 - Dimensões da linguagem e suas unidades linguísticas no interior das gramáticas brasileiras

DIMENSÕES DA LINGUAGEM NO CAMPO DAS GRAMÁTICAS BRASILEIRAS	UNIDADES LINGUÍSTICAS
Fonética e/ou Fonologia	Fonemas - Letras - Sílabas - Palavras
Morfologia	Morfemas – Palavras
Sintaxe	Palavras - Frases (verbal/nominal) - Orações - Períodos (simples/composto)

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim sendo, a articulação ora se estabelece entre os fonemas, as letras e as sílabas que formam as palavras pronunciadas pelos falantes (eixo da fonética e/ou fonologia); ora entre os morfemas e as palavras (eixo da morfologia); ora na relação entre as palavras que constituem textualmente frases, orações e períodos (eixo da sintaxe). Ou seja, as gramáticas brasileiras - pautadas em normas linguísticas - abordam a articulação por intermédio da organização e da combinação dos elementos linguísticos, postos em conexão, em diferentes níveis: fonético, fonológico, morfológico e sintático.

A seguir, após termos abordado a articulação linguística pelo olhar das gramáticas brasileiras, passaremos a estudar esse fenômeno pela ótica dos estudos linguísticos de base reccional (2.2).

2.2 A articulação pela ótica dos estudos de base reccional

Na Linguística, no âmbito dos estudos estruturalistas - a partir das décadas de 1950 e 1960 - o campo da sintaxe adquiriu ampla notoriedade, uma vez que o centro de investigação desses estudos é a base estrutural da língua. Nesse enquadramento, o fenômeno da articulação se faz presente, primordialmente em relação à maneira como a língua é organizada mediante a combinação “interna” dos elementos linguísticos na sentença.

Nesse campo, a língua é compreendida como “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (Saussure, 2012, p. 42). Ou seja, é um sistema de signos interdependentes. Por isso, para Saussure, ela é estruturada por meio da relação entre dois elementos linguísticos: o significado (o conceito, isto é: a ideia representada pela palavra) e o significante (a imagem acústica, isto é: a forma do signo).

Corroborando com o postulado de Saussure (2012), Perini (2008, p. 21) enfatiza que “o estudo da estrutura de uma língua tem como objetivo explicitar o relacionamento realizado pelo falante entre um sistema de conceitos e certos estímulos sensoriais (fonéticos, gráficos...), que podemos chamar de ‘formas’”. Isso ocorre, visto que, do ponto de vista da estrutura, a relação estabelecida entre o conceito e a forma é constitutiva da língua, promovendo, dessa maneira, um sistema de relação dinâmico entre os signos linguísticos.

Nessa direção, no plano da sintaxe, os estudos linguísticos de base reccional compreendem a articulação por intermédio das relações estabelecidas entre os diferentes elementos linguísticos que constituem a sentença. Em outros termos, investigam os procedimentos de ligação desses elementos, abrangendo, desse modo, o plano da organicidade das sentenças. Dentre os estudos concebidos nessa abordagem, destaca-se o trabalho proposto

por Louis Hjelmslev (1939), autor que efetivamente trabalhou com o conceito de “recção” e o desenvolveu teoricamente.

O linguista dinamarquês Hjelmslev (1939) - partindo do princípio de que “toda linguística estrutural é aquela que vê na língua uma estrutura e que faz da estrutura a norma de todas as suas classificações”¹⁶ (Hjelmslev, 1939, p. 10, tradução nossa) - propôs o conceito de recção no âmbito da relação entre os elementos linguísticos constituintes da sentença, observando a dinâmica da estrutura formal e “interna” da linguagem. Nessa direção, o autor constitui duas funcionalidades distintas para essa noção: a recção pura e a recção complexa, pois, para ele,

a estrutura constitui uma hierarquia que só conhece sua própria ordem e à qual só existe uma única entrada possível; para reconhecê-la segundo seu princípio inerente, é necessário seguir um procedimento que é ao mesmo tempo dedutivo e irreversível, descendo gradualmente dos fatos mais abstratos (gerais, simples) para os fatos cada vez mais concretos (particulares, complexos)¹⁷ (Hjelmslev, 1939, p. 10, tradução nossa).

Assim sendo, para o autor, a recção pura (marcada por fatos gerais, simples) é a ligação direta estabelecida entre os elementos de uma sentença, já a recção complexa (marcada por fatos particulares, complexos) é a conexão entre uns e outros elementos da sentença de maneira dependente. Assim, segundo ele, as duas formas são fundamentais para a compreensão da estrutura linguística de uma sentença, demonstrando que cada elemento linguístico ocupa uma função dentro dessa sentença. Ilustraremos com os exemplos a seguir (3) e (4):

(3) A vacina protege as pessoas.

(4) As autoridades governamentais pediram para que as pessoas ficassem em casa durante o pico da pandemia.

A primeira sentença (3) é um exemplo de recção pura, pois a articulação entre o verbo e o complemento ocorre de maneira simples. Isto é, há uma relação direta entre o verbo “*protege*” (verbo transitivo direto) e o complemento “*as pessoas*” (objeto direto). Por sua vez,

¹⁶ “[...] est linguistique structurale toute linguistique qui voit dans la langue une structure et qui fait de la structure la norme de toutes ses classifications”.

¹⁷ “La structure constitue une hiérarchie qui ne connaît que son propre ordre et à laquelle il n'y a qu'une seule entrée possible; pour la reconnaître selon son principe inherent il faut suivre une procédure à la fois deductive et irréversible, en descendant graduellement des faits les plus abstraits (generaux, simples) aux faits de plus en plus concrets (particuliers, complexes)”.

a segunda sentença (4) é um exemplo de recção complexa, porque a articulação entre o verbo e o complemento se dá de maneira mais elaborada, ou seja, o verbo “*pediram*” (verbo transitivo indireto) requer como complemento, nessa sentença, uma oração subordinada: “*para que as pessoas ficassem em casa durante o pico da pandemia*”. Portanto, em (4), o verbo não estabelece uma ligação sentencial de forma direta sobre o complemento, como ocorre em (3), revelando uma complexidade na relação entre o verbo e seu o complemento.

Por conseguinte, a noção de recção defendida por Hjelmslev (1939) refere-se ao modo como os elementos de uma sentença se organizam, compreendendo a língua como um todo. Em outros termos, ela permite que haja uma rede de relações estruturais formais entre os elementos linguísticos que compõem a sentença.

Por outro lado, o linguista francês Alain Berrendonner (1990, 2002) concebe a noção de recção em seus escritos, especificamente ao explorar a sintaxe pela ótica da microsyntaxe¹⁸: nível de investigação linguística que se centraliza na organização das estruturas sintáticas da língua. Sendo, portanto, um campo que examina a construção das sentenças, observando as partes que a compõe: sujeito, predicado, complementos, por exemplo. Ou seja, a microsyntaxe se ocupa da sintaxe “interna” da sentença.

Dessa forma, para Berrendonner, “[...] a construção interna das sentenças pode ser descrita em termos de relações formais estabelecidas entre segmentos significantes: concatenação (x precede y) e/ou recção (x implica a co-ocorrência de y)”¹⁹ (Berrendonner, 1990, p. 26-27, tradução nossa). Expliquemos. Na concatenação, os elementos linguísticos se organizam de maneira sequencial, estabelecendo, portanto, uma relação linear entre os elementos da sentença sem uma relação de dependência estrita. Já a recção diz respeito a dependência entre os elementos linguísticos da sentença, ou seja, refere-se as combinações sintáticas, que possuem relações de dependência entre seus constituintes. Logo, na microsyntaxe, os elementos linguísticos estão ligados sequencialmente, seja pela concatenação, seja pela recção. Demonstramos com as sentenças a seguir (5) e (6):

(5) A pandemia causou medo e mudanças no comportamento social.

(6) Os cientistas recomendaram o uso de máscaras.

¹⁸ Acentuamos que Berrendonner, ao seu modo, apresenta o conceito de recção para instituir o seu outro lugar de análise, não reccional, que estaria na macrossyntaxe.

¹⁹ “[...] la construction interne des clauses se laisse décrire en termes de relations formelles établies entre des segments signifiants: concaténation (x précède y) et/ou rection (x implique la co-occurrence de y)”.

Em (5), há um caso de concatenação entre duas unidades linguísticas - “*medo*” e “*mudanças*” - que são unidas pela conjunção coordenativa aditiva “*e*”. Assim, elas não dependem sintaticamente uma da outra, simplesmente se articulam por meio de uma sequência sentencial. Já, em (6), há um caso de recção, visto que, nessa sentença, o verbo “*recomendaram*” exige um complemento: “*o uso de máscaras*”. Ou seja, existe uma relação de dependência sintática entre esses elementos linguísticos. Nessa ótica, cada elemento linguístico, de maneira interdependente, conecta-se ao outro para formar estruturalmente a materialidade da sentença.

Assim sendo, na abordagem de Berrendonner (1990, 2002), a recção diz respeito às relações oriundas dos elementos linguísticos que se unem para formar uma sentença, estabelecendo relações de dependência. Já na concatenação esses elementos se unem de maneira independente.

Didaticamente, ilustramos no quadro seguinte (Quadro 10) o que elucidamos em relação aos postulados teóricos defendidos pelos autores Hjelmslev e Berrendonner, no que diz respeito à maneira como eles visualizam a articulação linguística no escopo dos estudos linguísticos de bases reccionais.

QUADRO 10 - As abordagens propostas tanto Hjelmslev quanto Berrendonner no campo dos estudos de base reccional

COMO A ARTICULAÇÃO É ABORDADA POR HJELMSLEV E BERRENDONNER NO INTERIOR DOS ESTUDOS DE BASE RECCIONAL?	
Hjelmslev	Recção pura: ligação direta estabelecida entre os elementos de uma sentença.
	Recção complexa: a conexão entre uns e outros elementos da sentença de maneira dependente.
Berrendonner	Concatenação: independência entre os elementos linguísticos da sentença.
	Recção: dependência entre os elementos linguísticos da sentença.

Fonte: Elaborado pela autora.

Brevemente, tanto Hjelmslev (1939) quanto Berrendonner (1990, 2002) tomam a articulação enquanto um fenômeno de ligação entre os elementos “internos” que constituem as sentenças. Em suas classificações, por aproximação, podemos dizer que o conceito de recção pura (Hjelmslev, 1939) vai ao encontro do de concatenação (Berrendonner, 1990, 2002), bem

como a noção de recção complexa (Hjelmslev, 1939) vai ao encontro da de recção (Berrendonner, 1990, 2002).

Em face do exposto em 2.1 e 2.2, observa-se que a discussão sobre o fenômeno da articulação linguística na abordagem realizada pelas gramáticas brasileiras tradicionais levou em consideração a fonética, a fonologia, a morfologia e a sintaxe, ao passo que, nos estudos linguísticos de base reccional, ela ocorreu somente no âmbito da sintaxe, conforme mostramos na presente seção. Na sequência, discorreremos sobre a noção de articulação pelo ângulo dos estudos de base posicional (2.3).

2.3 A articulação pelo ângulo dos estudos de base posicional

Um outro modo de compreender o fenômeno da articulação é pelo prisma dos estudos linguísticos de base posicional, que se concentram na investigação da organicidade sintática da sentença, versando sobre as posições sintáticas dos elementos linguísticos, bem como sobre as relações desses elementos no “interior” da sentença. Desse modo, para esse campo de investigação, a organização sintática de uma sentença se estabelece em virtude das posições dos seus constituintes, considerando que eles se relacionam entre si hierarquicamente.

Nessa abordagem teórica, um dos principais representantes é Jean-Claude Milner (1989). O autor - no âmbito da teoria dos lugares-posições ou somente teoria das posições - explicita as relações estabelecidas entre os elementos constituintes da sentença, as quais são advindas das posições que esses elementos ocupam no processo de constituição da articulação sintática. Nessa ótica, para Milner (1989), uma sintaxe posicional deve considerar as propriedades absolutas e as relacionais dos lugares-posições: as propriedades absolutas dizem respeito à etiquetagem categorial de um termo e ao pertencimento categorial de um termo; as propriedades relacionais dizem respeito à associação posicional dos termos.

Por conseguinte, para o autor, a sintaxe é tida como uma articulação entre os lugares-posições. Com isso, para mostrar a dinâmica estabelecida entre os elementos constituintes de uma sentença, Milner (1989) assegura que há uma geometria sintática configurada por meio de duas categorias: *place* e *site*. A primeira categoria, denominada *place*, refere-se à localização material (isto é, orgânica) do elemento linguístico na sentença. Ou seja, é a posição observável na linearidade da sentença. A segunda categoria, chamada *site*, refere-se às propriedades relacionais que definem a configuração sintática.

Em outros termos, *place* diz respeito a um lugar não qualificado, ao passo que *site* diz respeito a um lugar qualificado na sentença. Sintetizando, nos dizeres de Milner (1989), a teoria sintática posicional,

[...] ao admitir que o *site* é uma posição, admite ao mesmo tempo que algumas dessas propriedades (relacionais e absolutas) estão vinculadas a uma geometria. Em outras palavras, um determinado termo linguístico tem dois tipos de propriedades: algumas são específicas dele e ele as possui seja qual for a sua posição geométrica [...], outras estão ligadas à posição geométrica e qualquer termo que ocupe uma determinada posição as possuirá, seja qual for a sua própria natureza (Milner, 1989, p. 301, tradução nossa)²⁰.

Mediante o exposto, Milner (1989) defende que a sintaxe não se estabelece na relação entre os elementos da sentença, mas sim na relação entre *sites*, ou seja, entre os lugares sintáticos qualificados. Em vista disso, a abordagem posicional centra-se nas propriedades dos lugares sintáticos que preenchem as posições sintáticas das sentenças: sujeito, predicado e objeto, por exemplo. Nesse direcionamento, a articulação se estabelece no plano da organicidade sintática em virtude da posição dos elementos na sentença. Para exemplificar, vejamos os exemplos (7) e (8)²¹:

(7) A população prefere a vacina Janssen.

(8) A vacina Janssen, a população prefere.

Analisando os casos apresentados anteriormente (7 e 8), percebe-se que, em (7), a sentença segue a estrutura usual da Língua Portuguesa (sujeito + verbo + complemento), especificamente a FN *a população* ocupa o *place* sujeito; o verbo “*prefere*” ocupa o *place* núcleo do predicado verbal e a FN *a vacina Janssen* ocupa o *place* objeto direto. Esses são, portanto, os lugares não qualificados (*place*), que são visíveis na organicidade da sentença. Por sua vez, em (8), ocorreu a inversão do lugar não qualificado, já que a FN *a vacina Janssen* se moveu para o início da sentença. No entanto, mesmo em posição distinta, ela continua exercendo a função de objeto direto. Assim, inferimos que a mudança de posição estrutural na

²⁰ [...] em admettant que le site est une position, elle admet du même coup que certaines de ces propriétés (tant relationnelles qu’absolues) sont liées à une géométrie. Autrement dit, um terme linguistique donné a deux sortes de propriétés : les unes lui sont propres et il les possède quelle que soit sa position géométrique [...], les autres sont attachées à la position géométrique et tout terme qui occupe une position donnée les possédera, quelle que soit par ailleurs sa nature propre.

²¹ Outros exemplos, além dos apresentados na obra de Milner (1989), foram desenvolvidos nos trabalhos de Dias (2009) e de Dalmaschio (2013), trabalhos os quais revisitamos para confeccionarmos os exemplos (7) e (8) desta pesquisa.

sentença se efetivou em relação ao *site*, já que ele não necessita de um lugar fixo, antes de um lugar qualificado, o qual qualifica o termo atribuindo-lhe função na sentença.

Logo, pela ótica milneriana, a articulação se manifesta por meio da noção de seleção e de combinação dos elementos constituintes da sentença - reafirmando o interesse pela observação dos elementos estruturais da sentença -, ou seja, na conexão entre os componentes linguísticos sintaticamente posicionados (*place* e *site*), conforme representamos no quadro a seguir (Quadro 11).

QUADRO 11 - Processo de constituição da articulação sintática para Milner

COMO A ARTICULAÇÃO É VISTA POR MILNER NA ESFERA DOS ESTUDOS DE BASE POSICIONAL?	
Milner	<i>Place</i> : lugar não qualificado na sentença.
	<i>Site</i> : lugar qualificado na sentença.

Fonte: Elaborado pela autora.

Frente ao exposto, constatamos que estamos novamente perante a um campo de investigação que agrega a articulação linguística estritamente em relação a materialidade das sentenças. Outrossim, bem como postulamos em 2.2, em 2.3 a articulação também se estabelece apenas no âmbito da sintaxe, mormente na conexão estabelecida entre os elementos linguísticos sintaticamente posicionados na estrutura da sentença. No item seguinte, voltaremos a nossa atenção para a investigação da articulação linguística pelo olhar da perspectiva dos estudos que versam sobre a linguagem em uso (2.4).

2.4 A articulação pela perspectiva dos estudos que versam sobre a linguagem em uso

Agregamos, ainda, em nossa pesquisa, os estudos funcionalistas que partem do pressuposto de que é na interação social que a gramática da língua se constrói, visto que “[...] estudam a língua em seu contexto social de uso” (Naro; Votre, 1992, p. 289). Nesse âmbito, a linguagem não é entendida apenas como um conjunto de estruturas formais, antes, é vista como uma ferramenta para atender as necessidades comunicativas e sociais dos falantes. Nas palavras de Neves (1994),

[...] qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a

comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. Todo o tratamento funcionalista de uma língua natural põe sob exame, pois, a competência comunicativa. Isso implica considerar as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração (Neves, 1994, p. 109).

Logo, as formas linguísticas são apreendidas na relação com os contextos de uso e com as funções comunicativas que são submetidas. Ou seja, a linguagem é tomada como um instrumento de interação social, que considera, para além da estrutura gramatical, o contexto discursivo, abrangendo, desse modo, as funções “internas” e “externas” das unidades linguísticas.

Sendo assim, é colocada em cena a relação entre a forma (fator linguístico) e a função (fator extralinguístico) da linguagem, já que a língua é articulada em função da dinâmica estabelecida pela situação de comunicação. Por isso, baseando-se na utilização concreta da língua pelos falantes, os funcionalistas admitem que a gramática é constituída a partir do discurso, em outros termos, “[...] do uso da língua - a comunicação na situação social - origina-se a forma da língua, com as características que lhe são peculiares” (Votre; Naro, 1989, p. 169-170), e compreendem “[...] a língua como um objeto maleável, probabilístico e não-determinístico” (Votre; Naro, 1989, p. 170).

Nessa ótica, as estruturas das expressões linguísticas são configuradas como funções, que são manifestadas em uso, já que a forma linguística não é vista como algo isolado, mas sempre em relação ao contexto (Neves, 1994). Em vista disso, podemos expressar que - no campo funcionalista - a noção de articulação está intimamente ligada à maneira como as unidades linguísticas se conectam para significar, uma vez que não se limita a uma análise estrutural, mas considera como as unidades cumprem funções específicas em contextos comunicativos distintos. Assim sendo, a forma linguística é articulada em função das intenções do falante e das expectativas do ouvinte, sendo ajustada conforme o contexto de uso.

Detalhadamente, a articulação não envolve apenas a estrutura dos elementos linguísticos, mas também as suas funcionalidades, as quais são determinadas conforme as necessidades pragmáticas da situação. Assim, cada ato de fala é uma escolha estratégica de articulação, em que o falante organiza as unidades linguísticas de acordo com suas intenções comunicativas e com o contexto social em que está inserido. Isso significa que as formas linguísticas podem ser articuladas de maneiras distintas em diferentes contextos e com dessemelhantes objetivos comunicativos.

Assim sendo, nessa perspectiva, a articulação linguística não é vista apenas como uma estrutura abstrata e independente das condições sociais e contextuais, mas como um sistema dinâmico que se adapta às necessidades de comunicação dos falantes, pois parte da premissa de que as estruturas gramaticais são moldadas pela necessidade de comunicação. Isso ocorre, visto que, no âmbito do funcionalismo,

[...] não se considera que uma descrição da estrutura da sentença seja suficiente para determinar o som e o significado da expressão linguística, entendendo-se que a descrição completa precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente (Neves, 1994, p. 113).

Com isso, uma das características centrais da articulação linguística no funcionalismo é a relação estreita entre a forma e a função. Ou seja, as formas linguísticas são vistas como soluções para funções comunicativas, porque o significado de uma construção linguística é determinado, em grande parte, pela função que ela cumpre no discurso. Assim, de acordo com essa concepção, a articulação vai além dos níveis fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos, já que está vinculada a uma visão semântica e pragmática da linguagem. E, com isso, abrange não só as questões gramaticais, mas também as questões discursivas. Observemos o que acabamos de dizer no quadro a seguir (Quadro 12):

QUADRO 12 - A articulação no campo da linguagem em uso

COMO A ARTICULAÇÃO SE MANIFESTA ENTRE OS ELEMENTOS LINGUÍSTICOS E OS SEUS USOS?
Forma: Aspectos gramaticais (fonologia, fonética, morfologia e sintaxe)
Função: Aspectos discursivos (semântica e pragmática)

Fonte: Elaborado pela autora.

Em resumo, na esfera dos estudos que versam sobre a linguagem em uso, os elementos linguísticos (os aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos) e os seus usos (os aspectos semânticos e pragmáticos) implicam que a articulação da forma linguística está intrinsecamente ligada à função comunicativa que ela desempenha no discurso. Em outras palavras, nesse campo, articular é estabelecer conexões ou relações entre os elementos linguísticos de forma que eles façam sentido dentro de um contexto comunicativo. Para ilustrar

a articulação no funcionalismo, tomemos o exemplo subsequente (9), o qual foi o estopim do debate traçado entre Votre/Naro e Nascimento:

(9) “A nossa barraca, por exemplo, este ano faturou uma faixa de dez mil cruzeiros... Eu errei. Cem mil cruzeiros faturou a nossa barraca, certo?”²²

No debate, com base nessa formulação (9), o argumento de Votre e Naro era o de que a sentença “*Cem mil cruzeiros faturou a nossa barraca*” apresentava uma sintaxe diferente da sentença “*A nossa barraca, por exemplo, este ano faturou uma faixa de dez mil cruzeiros*”. E essa diferença residia exatamente no "ambiente discursivo" em que nasceu a primeira sentença. Nesse ambiente discursivo/pragmático, um ou mais falantes estavam falando sobre o faturamento de pequenos comércios em festas públicas. Ou seja, esse era o tópico discursivo. Portanto, a inversão do objeto direto na sentença se deu em função de uma articulação com esse tópico, isto é, em articulação com falas anteriores à sentença. Então, essa sentença (*Cem mil cruzeiros faturou a nossa barraca*) "acontece" na ordem da relação com as outras, apresentando a questão do faturamento como inicial. Assim, considerou-se a função comunicativa da sentença para explicar a sua sintaxe. Daí uma visão funcionalista da sintaxe.

Por sua vez, a visão de Nascimento - na época - era a de que o único "compromisso" que uma sentença tem é com o arcabouço formal gerado na mente/cérebro do tipo SNflex V SN (ou seja, com a estrutura sintática básica de uma sentença canônica do português). Sendo assim, para ele, as duas sentenças operam na mesma sintaxe e a inversão não tem nenhuma pertinência, pois é meramente uma questão de desempenho diferente, sem nenhum papel relevante na sintaxe. Nesse viés formalista, a articulação entre os dois SNs e o V, sendo um deles portador de traço de flexão no português, é fundamento "interno" da linguagem (ou da i-língua). Desse modo, as articulações entre o linguístico e o discursivo não são explicativas no modelo formal proposto por Nascimento.

Diante do exposto até o momento neste capítulo, destacamos que, em 2.1, 2.2 e 2.3, há o estudo dos elementos linguísticos “internos” da língua e as relações estabelecidas entre eles. Especificamente, em 2.1, a articulação se manifesta no âmbito da fonologia, da fonética, da morfologia e da sintaxe; em 2.2, a articulação ocorre no campo da sintaxe, em especial nas relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que constituem a sentença; em 2.3, a

²² Exemplo retirado da página 178 do texto *Mecanismos Funcionais do Uso da Língua* redigido por Votre e Naro (1989).

articulação também se efetiva no domínio da sintaxe, particularmente na posição dos elementos linguísticos da sentença.

Por sua vez, em 2.4, há o estudo da forma e da função da língua, ou seja, além dos aspectos “internos” são agregados os aspectos “externos” da língua, assim, a articulação envolve as formas linguísticas relacionadas às suas funcionalidades, isto é, a sua função comunicativa. Para mais, no item seguinte (2.5), abordaremos a articulação pelo olhar da perspectiva teórica que assumimos neste estudo, a Semântica da Enunciação.

2.5 A articulação sob o ponto de vista da Enunciação em uma perspectiva histórico-social da linguagem

Após discorrermos sobre o fenômeno da articulação linguística pela luz das gramáticas brasileiras (2.1), pela ótica dos estudos de base reccional (2.2), pelo ângulo dos estudos de base posicional (2.3), bem como pela perspectiva dos estudos que versam sobre a linguagem em uso (2.4), abordaremos - em (2.5) - esse fenômeno sob o ponto de vista da Enunciação em uma perspectiva histórico-social da linguagem.

Nessa perspectiva teórica²³, a articulação abarca não somente os liames sintáticos, mas também as razões enunciativas desses nexos, uma vez que ela engloba tanto a dimensão material (plano orgânico) quanto a dimensão simbólica (plano enunciativo) da linguagem. Ou seja, a articulação é concebida por meio das relações sintático-semânticas estabelecidas em virtude do acionamento das formas linguísticas nos acontecimentos enunciativos. Com isso, articular não é simplesmente conectar os elementos da língua, mas sim produzir sentido ao mobilizar esses elementos em enunciação.

Assim sendo, no domínio da Semântica da Enunciação, a articulação é um procedimento mobilizado pela enunciação, enquanto um acontecimento histórico de produção de sentidos. Nessa concepção, a articulação é apreendida tanto no âmbito do enunciado e do texto (Guimarães, 2009, 2018, 2023), quanto no âmbito das formações nominais (Dias, 2018, 2023, 2025). É sobre isso que iremos tratar nas duas próximas subseções (2.5.1) e (2.5.2).

²³ A Semântica da Enunciação é a perspectiva que baliza o presente estudo, portanto, suas bases teóricas estão traçadas no primeiro capítulo desta Tese.

2.5.1 A articulação no âmbito do enunciado e do texto

A articulação linguística no âmbito do enunciado e do texto é abordada pelo semanticista Eduardo Guimarães como um dos modos de relação enunciativa mobilizado pelo acontecimento da enunciação²⁴. Para o autor, não só enunciados constituem textos, mas também textos constituem enunciados. Desse modo, o enunciado significa, pois, está inserido em um texto e o texto significa porque integra enunciados produzidos enunciativamente. De maneira detalhada, Guimarães argumenta que:

[...] Tomar o ponto de vista de uma semântica linguística é tomar como lugar de observação do sentido o enunciado. E neste sentido, saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado. Mas para mim, considerar o processo no qual uma forma constitui o sentido de um enunciado é considerar em que medida esta forma funciona num enunciado, enquanto enunciado de um texto. Ou seja, não há como considerar que uma forma funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto (Guimarães, 2017, p. 9).

Em outros termos, consoante Guimarães (2018), o texto é uma unidade de significação que é composta por enunciados, os quais, conforme já discutimos no item 1.3, apresentam uma consistência interna e uma independência relativa. Essa unidade, ao seu modo, significa em virtude das relações estabelecidas com enunciados e com outros textos. Nesse viés, o autor postula que:

A articulação é o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade. Ou seja, a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local entre elementos linguísticos, mas também e fundamentalmente por uma relação do Locutor (enquanto falante de um espaço de enunciação) com aquilo que ele fala. Uma articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação (Guimarães, 2009, p. 51).

Dito de outra maneira, a articulação é um procedimento enunciativo que se estabelece na organização dos enunciados por meio de relações de contiguidade entre as formas linguísticas que compõem o enunciado e o texto em função de um acontecimento específico o qual se situa em uma cena inerente a um espaço de enunciação político. Ou seja, articular “não

²⁴ O outro modo de relação enunciativa é o procedimento de reescrituração, todavia, não iremos abordá-lo neste trabalho.

se trata de uma relação direta entre uma forma e o sentido. Trata-se de uma relação estabelecida pelo acontecimento” (Guimarães, 2009, p. 67). Isso ocorre, visto que “o sentido não é algo que é dado pelas formas, mas por seu funcionamento no acontecimento que lhe atribui sentido” (Guimarães, 2009, p. 68).

Nesse direcionamento, Guimarães (2018) estabelece que há na organização dos enunciados três modos de articulação linguística, são eles: articulação por dependência, articulação por coordenação e articulação por incidência. Em seguida, explicaremos e exemplificaremos cada um desses modos estabelecidos pelo autor. Para isso, utilizaremos o texto a seguir (Figura 3).

FIGURA 3 - (10) Anúncio de propaganda: jovens e covid-19

COVID-19
JOVENS E COVID-19 #COVID19 #EUPROSPERO
PROTEJA SUA FAMÍLIA

Jovens podem ficar muito doentes e até mesmo morrer por COVID-19, bem como espalhar a doença para pessoas em maior risco de morrer, como seus avós, pais, amigos e familiares com condições de saúde pré-existentes.

O distanciamento físico pode ajudar a deter a COVID-19. **Fique em casa** com seus familiares se assim for solicitado. Mantenha contato com amigos e familiares de forma virtual. Proteja-se e proteja sua família.

OPAS Organização Pan-Americana de Saúde
 Organização Mundial da Saúde Américas
INFORME-SE. PREPARE-SE. AJA.
 www.paho.org/coronavirus

Fonte: Página da Organização Pan-Americana de Saúde no *Facebook*.²⁵

O primeiro modo - a articulação por dependência - ocorre “quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento” (Guimarães, 2018, p. 81). Ou seja, nele os elementos linguísticos são organizados de maneira que se tornem um só, uma vez que a menção de apenas um elemento é suficiente para resgatar

²⁵ Disponível em: https://www.facebook.com/OPASOMSBrasil/photos/apesar-de-n%C3%A3o-estarem-no-grupo-de-risco-adolescentes-e-jovens-tamb%C3%A9m-podem-se-in/1484461028393877/?_rdr. Acesso em: 17 de março de 2025.

o enunciado. Exemplificando: no enunciado “*O distanciamento físico pode ajudar a deter a covid-19*”, que compõem o texto precedente (Figura 3), a relação entre os elementos determinantes “*o*” (artigo definido masculino) e “*físico*” (adjetivo) estão em conformidade com o elemento determinado “*distanciamento*”, estabelecendo nesse enunciado, por dependência, um único elemento, isto é, o grupo nominal: “*o distanciamento físico*”.

O segundo modo - a articulação por coordenação - diz respeito a “um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade” (Guimarães, 2018, p. 81). Nesse modo, de acordo com a composição do enunciado, os elementos linguísticos de uma mesma natureza tornam-se um só elemento. Por exemplo, no anúncio de propaganda (Figura 3), há o seguinte enunciado: “*Mantenha contato com amigos e familiares de forma virtual*”, que estabelece, no que tange à articulação por coordenação, uma enumeração, a qual é marcada pela presença da conjunção aditiva “*e*”, evidenciando a soma dos substantivos “*amigos*” mais “*familiares*” para promover a significação nesse acontecimento enunciativo.

O terceiro modo - a articulação por incidência - “é a relação que se dá entre um elemento externo a outro que, ao se articular com ele, forma um elemento do segundo tipo” (Guimarães, 2018, p. 81). Ou seja, elementos linguísticos de distinta natureza se juntam e formam um novo elemento. Assim sendo, “o elemento que incide, ao se articular no enunciado, apresenta uma enunciação que comenta a si mesma, ou seja, uma enunciação que fala da enunciação do enunciado que se enuncia” (Guimarães, 2018, p. 83). Recortamos a título de exemplificação o enunciado: “*Jovens podem ficar muito doentes e até mesmo morrer por covid-19*” (Figura 3), visto que nele visualizamos uma relação de articulação por incidência por meio do acionamento do advérbio “*até*” que incide no todo do enunciado, reforçando a argumentação pretendida. Isso ocorre, pois, o advérbio “*até*” indica que uma consequência mais extrema em relação ao assunto abordado (no caso, a morte) também pode ocorrer, contrariando uma expectativa comum (de que os jovens não morrem por covid-19).

Isso posto, ressaltamos que, para Guimarães (2018),

[...] nas articulações de dependência e coordenação o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona elementos do enunciado, na articulação por incidência o acontecimento especifica uma operação pela qual a enunciação de um lugar de Locutor se relaciona à enunciação de lugares de dizer (enunciadores) diferentes (Guimarães, 2018, p. 84).

Logo, para o autor, as articulações (seja por dependência, seja por coordenação, seja por incidência) não são meramente relações combinatórias entre os elementos constituintes dos

enunciados que integram os textos, antes, elas produzem significação em virtude do acontecimento enunciativo em que as formas linguísticas são inseridas. Ou seja, “é um modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas, é, então, uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento” (Guimarães, 2023, p. 127).

Prosseguindo, discorreremos sobre a concepção de articulação linguística para Dias (2018, 2023, 2025).

2.5.2 A articulação no âmbito das formações nominais

O semanticista Luiz Francisco Dias, ao seu modo, compartilha da concepção de articulação defendida por Guimarães (2009, 2018, 2023), contudo, apresenta um novo estudo para as articulações linguísticas estabelecidas entre as unidades sintáticas na esfera das formações nominais²⁶. Para Dias (2018, p. 251), “[...] o conceito de articulação inclui não só as relações de conexão entre duas unidades material e sequencialmente constituídas, mas também a vinculação entre uma unidade formal e unidades que não se apresentam materialmente situadas numa disposição sequencial”. Ou seja, a articulação não é simplesmente uma conexão linear entre os elementos linguísticos, antes é um fenômeno enunciativo.

Nessa direção, para o autor, a articulação engloba a associação do plano orgânico e do plano enunciativo da língua: a dimensão orgânica da língua preserva às regularidades sintáticas das formas linguísticas, já a dimensão enunciativa mobiliza o funcionamento semântico dessas formas em acontecimento. Por conseguinte, “a ideia da articulação advém da tese de que unidades linguísticas se relacionam por razões enunciativas, tendo em vista a mobilização de referenciais históricos em função de pertinências enunciativas configuradas na atualidade do dizer” (Dias, 2023, p. 171).

Em vista disso, Dias (2018, 2023, 2025) elenca - até o presente momento de sua produção - quatro processos articulatórios das formas linguísticas. Especificamente, articulação subnominal; articulação intranominal; articulação internominal e articulação predicativa. Vejamos, a seguir, separadamente, cada um desses processos articulatórios.

As articulações subnominais referem-se às formações nominais que condensam enunciados descritivos para formar uma unidade linguística, por meio das razões enunciativas que levam à estabilização de um nome como uma unidade temática que se adentra ao léxico de

²⁶ A noção de formação nominal está exposta no tópico 1.3.4 deste trabalho.

uma língua. Nas palavras do autor, esse processo articulatório “envolve a constituição semântica do nome, e é formado pela condensação de enunciados que se articulam em torno de um eixo integrativo de nominalização, sustentando os nomes enquanto unidades lexicais” (Dias, 2023, p. 162).

Como exemplo, observemos a rede enunciativa²⁷ a seguir (Quadro 13), a qual foi confeccionada com base no exemplo desenvolvido por Dias (2018, p. 119):

QUADRO 13 - Rede enunciativa 1: articulação subnominal da FN *distância*

REDE ENUNCIATIVA 1: ARTICULAÇÃO SUBNOMINAL <i>DISTÂNCIA</i>	
Rede de enunciados descritivos	(11) Separação entre dois ou mais elementos. (12) Intervalo entre dois ou mais pontos, lugares, objetos. (13) Frieza ou afastamento afetivo entre pessoas.
Condensação	↓
Unidade nominal básica em posição temática	FN: <i>distância</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em Dias (2018, p. 119).

Na rede enunciativa 1 (Quadro 13), apresentamos três enunciados descritivos (11, 12 e 13) que se articulam entre si a fim de constituir socialmente uma unidade nominal básica em posição temática na Língua Portuguesa: a FN *distância*. E, uma vez constituída por intermédio de uma articulação subnominal, ela passa a circular nos dizeres inseridos na sociedade, por exemplo: “[...] *Durante a pandemia, manter uma distância de dois metros entre as pessoas tornou-se uma medida essencial para conter a propagação do vírus*”²⁸.

Por sua vez, a articulação intranominal (Dias, 2018, 2023, 2025) integra as formações nominais que agregam em sua base lexical (radical, raiz) elementos formativos, denominados, tradicionalmente, de afixos (prefixos e/ou sufixos). No entanto, o interesse, aqui, ocorre na medida em que esses formativos são considerados na ordem enunciativa, e não simplesmente na agregação de elementos morfológicos. Ou seja, os elementos formativos são vistos como mobilizadores referenciais que se articulam às formas linguísticas para significar (Dias, 2025). Ilustremos esse processo articulatório com a análise da FN *distanciamento* (Figura 4).

²⁷ O conceito de rede enunciativa será explanado no capítulo 3 desta Tese.

²⁸ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/veja-medidas-que-cada-estado-esta-adotando-para-combater-covid-19>. Acesso em: 31 de março de 2025.

FIGURA 4 - (14) FN: *distanciamento*



Fonte: Página sobre o coronavírus da UFRGS.²⁹

Nesse acontecimento enunciativo, podemos visualizar uma FN articulada de maneira intranominal: a FN *distanciamento*. Essa formação nominal é resultante da derivação sufixal a partir da forma mobilizada “*distanciar*”, com o acréscimo do mobilizador referencial “-*mento*”. Ao seu modo, essa FN conserva a ideia de separação espacial, já presente em sua forma mobilizada, em especial o distanciamento físico entre os seres humanos, conforme é evidenciado na enunciação em que essa FN está inserida (Figura 4).

Ademais, há as formações nominais articuladas internominalmente. Em consonância com Dias (2018, 2023), essas formações nominais são constituídas por um nome-núcleo e um convergente. Desse modo, elas referem-se “às convergências de adjetivos, pronomes, numerais, artigos ou integradores preposicionais voltados para o nome na constituição de um grupo nominal” (Dias, 2023, p. 162). Em outras palavras, essa dimensão engloba a formação de grupos nominais. Para exemplificar, vejamos a figura adiante (Figura 5).

²⁹ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/como-oferecer-ajuda-em-tempos-de-distanciamento-social/>. Acesso em: 22 de março de 2025.

FIGURA 5 - (15) FN: *distância social*



BRADM #C-1038 www.seton.com.br (11) 4196.1938

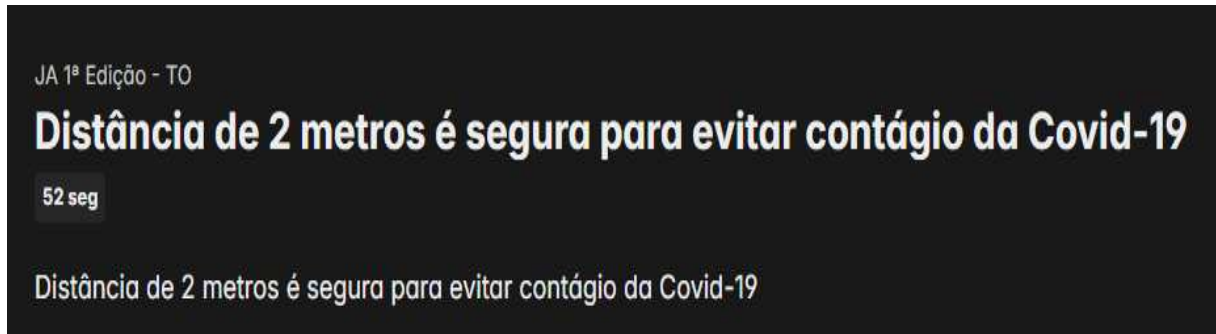
Fonte: Site do SETON.³⁰

Nesse exemplo (Figura 5), temos a presença da FN *distância social* a qual é articulada de maneira intranominal, visto que engloba a articulação de um nome-núcleo (*distância*) ao convergente adjetival (*social*) para adquirir significação. Para mais, a formação nominal *distância social*, recorrente no dizer sanitário durante a pandemia de covid-19 (como é o caso do exemplo anterior), provém do dizer biomédico e das orientações da OMS, ganhando *status* de recomendação sanitária (uma medida concreta para evitar a transmissão do vírus) e atuando como mecanismo de controle discursivo e de regulação dos seres humanos no espaço público.

Por fim, há a articulação predicativa que se manifesta na relação entre uma formação nominal e um predicado (Dias, 2023, 2025). Nos termos de Dias (2023, p. 162), essa articulação “se instala na relação entre uma formação nominal e um predicado, tendo o verbo como catalisador de formações nominais, constituídas no lugar do sujeito e no lugar do objeto” (Dias, 2023, p. 162). Contemplemos essa articulação linguística com a análise do enunciado da manchete de um telejornal em sequência (Figura 6).

³⁰ Disponível em: <https://www.seton.com.br/placa-aviso-distancia-social.html>. Acesso em: 22 de março de 2025.

FIGURA 6 - (16) Articulação predicativa: a FN *distância*



Fonte: Manchete do telejornal JA 1ª edição - TO. ³¹

No enunciado apresentado na Figura 6, observa-se a presença da formação nominal *distância*, que, após adquirir pertencimento social - conforme indicado no Quadro 13 -, passa a ser mobilizada enunciativamente. Assim, nesse enunciado - “*Distância de 2 metros é segura para evitar contágio da covid-19*” - a FN *distância* se articula predicativamente, desempenhando a função sintática de sujeito.

Desse modo, com base nos processos de articulação linguística descritos anteriormente, Dias (2023, p. 161) esclarece que as articulações “do ‘já significado’, social e historicamente configurado, e do ‘a significar’, de uma atualidade, determinam as formas expressivas na constituição de unidades linguísticas, bem como as suas articulações, na órbita da formulação do enunciado”. Portanto, “abordar determinada construção nominal como acontecimento é conceber a articulação dos seus componentes segundo razões enunciativas, como também avaliar a sua inserção num espaço de pertinências mais amplo” (Dias, 2018, p. 132).

Ante o exposto, esboçamos - resumidamente - as considerações de Guimarães e Dias sobre a articulação linguística (Quadro 14).

³¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8498818/>. Acesso em: 22 de março de 2025.

QUADRO 14 - A articulação linguística no âmbito das propostas de Guimarães e Dias

COMO A ARTICULAÇÃO É VISTA POR GUIMARÃES E POR DIAS?		
Guimarães	<i>A articulação no âmbito do enunciado e do texto</i>	Articulação por dependência: os elementos linguísticos são organizados de maneira que se tornem um só.
		Articulação por coordenação: os elementos linguísticos de uma mesma natureza tornam-se um só elemento.
		Articulação por incidência: elementos linguísticos de distinta natureza se juntam e formam um novo elemento.
Dias	<i>A articulação no âmbito das formações nominais</i>	Articulação subnominal: constituição (isto é, condensação) de um nome, ou seja, de uma formação nominal.
		Articulação intranominal: formações nominais que agregam em sua base (forma mobilizada) elementos formativos (mobilizadores referenciais).
		Articulação internominal: formação de grupos nominais (nome-núcleo e convergente(s)).
		Articulação predicativa: relação estabelecida entre uma formação nominal e um predicado.

Fonte: Elaborado pela autora.

Destarte, no campo da Semântica da Enunciação (2.5), a articulação linguística envolve a análise da significação da linguagem, considerando a mobilização das formas linguísticas no acontecimento enunciativo do dizer. Nessa direção, nota-se que, nessa perspectiva, a articulação não é abordada mais como conexão, visto que ela abarca não só os liames sintáticos, mas as razões enunciativas desses nexos.

2.6 Resumo do capítulo

Em linhas gerais, tencionamos a abordar, no decorrer da escrita deste segundo capítulo, a maneira como a articulação é percebida em distintos campos, averiguando as proximidades, bem como os distanciamos que há entre eles no que tange ao estudo do fato linguístico em análise. Concisamente, apresentaremos o quadro a seguir (Quadro 15) para tecermos nossas considerações sobre o que acabamos de discutir.

QUADRO 15 - Síntese da concepção de articulação para as teorias abordadas

A ARTICULAÇÃO LINGUÍSTICA NO ÂMBITO DE DISTINTAS TEORIAS	
A articulação pela luz das gramáticas brasileiras	A articulação - enquanto conexão - se manifesta no campo da fonética e da fonologia (nas conexões estabelecidas entre os fonemas no interior de uma língua); da morfologia (na maneira como as unidades significativas da língua, morfemas, se combinam para formar palavras); da sintaxe (na conexão das palavras em frases e orações).
A articulação pela ótica dos estudos de base reccional	A articulação (vista como conexão) se manifesta no âmbito da sintaxe, em especial, nas relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que constituem a sentença.
A articulação pelo ângulo dos estudos de base posicional	A articulação (enquanto conexão) é revelada em virtude da organização sintática de uma sentença por meio das posições dos elementos constituintes.
A articulação pela perspectiva dos estudos que versam sobre a linguagem em uso	A articulação (tomada como conexão) se estabelece nas relações entre os elementos linguísticos em uso de forma que eles façam sentido dentro de um contexto comunicativo.
A articulação sob o ponto de vista da Enunciação em uma perspectiva histórico-social da linguagem	A articulação (enquanto processo de produção de sentido) é concebida por meio das relações sintático-semânticas estabelecidas em virtude do acionamento das formas linguísticas nos acontecimentos enunciativos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em suma, constatamos que as gramáticas brasileiras, os estudos de base reccional e os estudos de base posicional centram-se, cada um ao seu modo, na investigação da articulação dos aspectos “internos” da língua. Já os estudos que versam sobre a linguagem em uso, bem

como os da Enunciação em uma perspectiva histórico-social da linguagem centram-se, cada um à sua maneira, na investigação dos aspectos “internos” e “externos” da língua.

Singularmente, nas gramáticas brasileiras (2.1), a articulação se manifesta no âmbito da fonologia, da fonética, da morfologia e da sintaxe. Nos estudos linguísticos de base reccional (2.2) e nos de base posicional (2.3), a articulação ocorre no campo da sintaxe, sendo que, no primeiro, ela se realiza em virtude das relações que são estabelecidas entre os elementos linguísticos que constituem a sentença; no segundo, ela se efetiva na posição dos elementos linguísticos da sentença.

Ademais, nos estudos que versam sobre a linguagem em uso (2.4), a articulação se dá em virtude da funcionalidade da forma linguística em uso, o qual é circunscrito em um contexto pontual. Em outra direção, na Semântica da Enunciação (2.5), a articulação envolve a análise da significação da linguagem, considerando a mobilização das formas linguísticas no acontecimento enunciativo do dizer por meio do referencial histórico e da pertinência enunciativa dessas formas.

Finalmente, reforçamos que, em uma perspectiva enunciativa, a articulação é concebida por meio das relações sintático-semânticas estabelecidas em virtude do acionamento das formas linguísticas nos acontecimentos enunciativos (2.5.1 e 2.5.2). Isso, por conseguinte, a difere do conceito de conexão. Com isso, articular não é simplesmente conectar os elementos da língua, antes é produzir sentido ao mobilizar esses elementos em enunciação.

CAPÍTULO 3

PRESUPOSTOS METODOLÓGICOS

3 APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentaremos as diretrizes metodológicas que orientam o desenvolvimento deste trabalho, as quais, à luz da pesquisa descritiva, fundamentam-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Semântica da Enunciação. Para tanto, o capítulo será composto pelas seguintes seções: em (3.1) **O material de análise**, descreveremos o processo de delimitação e de seleção do *corpus* da pesquisa. E, em (3.2) **Procedimento de análise: a rede enunciativa**, mostraremos o procedimento que visa discutir as relações de sentido constituídas mediante as articulações entre as unidades linguísticas, isto é, o conceito de rede enunciativa (Dias, 2018, 2023). Para concluir, em (3.3) **Resumo do capítulo**, faremos uma síntese do que foi discutido no presente capítulo.

3.1 O material de análise

O nosso trabalho pauta-se no estudo do processo articulatório-enunciativo das formações nominais³². Por conseguinte, as formações nominais são o objeto de análise desta pesquisa. Em vista disso, torna-se necessário realizarmos um recorte temático para a seleção das FNs, o qual será apresentado a seguir.

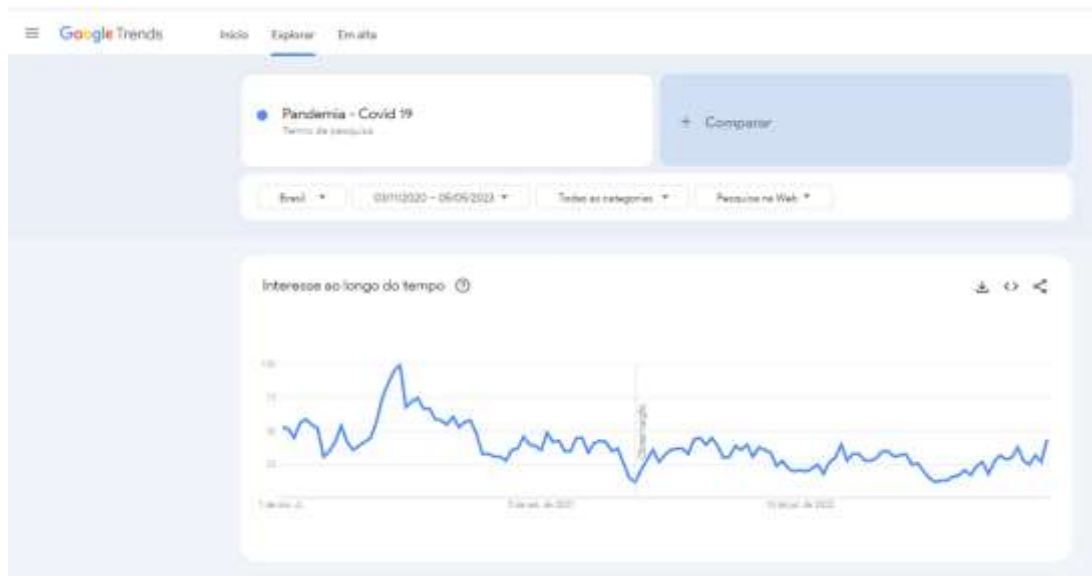
Metodologicamente, delimitamos como unidade de análise as formações nominais afloradas no período da pandemia da covid-19 no Brasil, relacionadas à saúde e às tensões sociais. Especificamente, estabelecemos o seguinte recorte temporal: 11 de março de 2020, data em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a covid-19 como uma pandemia, até 05 de maio de 2023, data em que a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à covid-19.

Dessa maneira, o nosso *corpus* será constituído por textos (enunciados) de diferentes gêneros - cuja linguagem seja verbal ou mista -, obtidos na mídia digital, que contenham as formações nominais cujos referenciais históricos que as sustentam situam-se no âmbito da saúde pública, produzindo diferentes perspectivas de sentido, principalmente aquelas relacionadas às tensões sociais. Para mais, o estudo volta-se, predominantemente, à análise de gêneros como charges, manchetes e anúncios de propaganda, por serem representativos do *corpus* investigado.

³² O conceito de formação nominal (Dias, 2018, 2023) já foi discutido por nós no tópico 1.3.4 desta Tese.

Acrescenta-se que a pertinência da temática estudada pode ser também evidenciada pelo mecanismo de pesquisa *Google Trends*³³, que demonstra sua relação, em maior ou menor grau, com as enunciações inseridas no recorte temporal da nossa pesquisa. Observemos o gráfico a seguir (Figura 7):

FIGURA 7 - (17) A covid-19 e a circulação de enunciações: evidências do Google Trends



Fonte: *Print* retirado do *Google Trends*.³⁴

No gráfico anterior (Figura 7), podemos observar o recorrente emprego do termo *pandemia da covid-19* - seja em maior ou em menor escala - ao longo do período de recorte temporal da nossa pesquisa, qual seja: 11 de março de 2020 a 05 de maio de 2023, conforme já explicitamos anteriormente. Com isso, reafirmamos a popularidade e a regularidade das enunciações sobre essa temática na sociedade. Ademais, ao analisarmos o referido gráfico - que apresenta informações quantitativas - percebemos que, proporcionalmente, em meados de março de 2021, houve o ápice das enunciações sobre *pandemia da covid-19* e, gradativamente, houve um declínio, o qual se estabilizou e se manteve, ainda regular, acarretando a comprovação da continuidade, bem como da permanência das enunciações sobre a *pandemia* nos dizeres sociais.

Outrossim, ressaltamos que a escolha pelo referido *corpus* se justifica pelo fato de que, ao voltarmos o nosso olhar para esse fenômeno social, *pandemia*, encontramos-nos em um

³³ O *Google Trends* possibilita observar a evolução do uso de uma palavra ou termo ou expressão ao longo do tempo.

³⁴ Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2020-11-03%202023-05-05&geo=BR&q=Pandemia%20Covid-19&hl=pt>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

campo fecundo de produção dos processos linguísticos, dentre eles, a nominalização: processo utilizado, amplamente, para significar o momento histórico e social de uma época.

Passemos, agora, para a explanação do procedimento de análise: a rede enunciativa (Dias, 2018, 2023).

3.2 Procedimento de análise: a rede enunciativa

A nossa análise se constituirá com base no procedimento metodológico denominado de rede enunciativa, elaborado por Dias (2018, 2023). Esse procedimento, por meio das dimensões de sentido, cria pontos de observação enunciativa, permitindo evidenciar que uma mesma estrutura formal pode ser perpassada por diferentes significações conforme o acontecimento enunciativo de que ela participar. Ou seja, a rede enunciativa nos permite analisar a recorrência de um mesmo fato linguístico, a partir de razões enunciativas, perpassadas pelo domínio de mobilização, com base na relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

Nas palavras do próprio autor,

a constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas em usos efetivos, como no Google e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua. O ideal é a combinação dos dois tipos [...] (Dias, 2018, p. 35).

Em outros termos, podemos analisar as articulações das unidades linguísticas considerando o ponto de vista enunciativo, e não estritamente a estrutura formal de um enunciado. Ou seja, as redes enunciativas (Dias, 2018, 2023) agrupam enunciados - sejam eles efetivos, sejam eles criados pelo pesquisador - em que é possível observar as semelhanças e/ou as diferenças de um fato linguístico tanto no plano orgânico/material da língua quanto no plano enunciativo.

Assim sendo, a rede enunciativa expressa o processo de produção de sentidos da língua, uma vez que, consoante Dias (2023, p. 155), ela “agrega construções linguísticas, no sentido de explicitar as articulações internas ao enunciado. [...] essas articulações permitem a relação entre memória e atualidade no enunciado”. Com isso, ao formar uma rede enunciativa, cumpre-se o propósito de evidenciar os domínios de mobilização linguística por meio das articulações que integram o enunciado (Dias, 2023).

Exemplifiquemos o procedimento metodológico cunhado por Dias (2018, 2023): a rede enunciativa. Para tanto, observemos cinco FNs, em rede: *gripe*, *gripezinha*, *gripe forte*, *gripezinha boba* e *gripezinha que mata*³⁵.

QUADRO 16 - Rede enunciativa 2: as FNs *gripe*, *gripezinha*, *gripe forte*, *gripezinha boba* e *gripezinha que mata*



Fonte: Elaborado pela autora.

Iniciaremos discorrendo sobre a articulação linguística da primeira unidade nominal mencionada - *gripe*. Vejamos (Figura 8):

FIGURA 8 - (18) FN: *gripe*



Fonte: Site da Diretoria de Vigilância Epidemiológica.³⁶

³⁵ Nesta rede enunciativa, a ordem das formações nominais foi estabelecida de acordo com o encadeamento das análises.

³⁶ Disponível em: <https://www.dive.sc.gov.br/index.php/influenza-gripe>. Acesso em: 14 de novembro de 2022.

A FN *gripe* (Figura 8) apresenta-se na Língua Portuguesa como uma unidade nominal estabilizada lexicalmente. Observemos os enunciados descritivos a seguir (Quadro 17) - em rede -, a fim de comprovarmos essa constatação.

QUADRO 17 - Rede enunciativa 3: enunciados descritivos que condensam a unidade nominal *gripe*

REDE ENUNCIATIVA 3: ENUNCIADOS DESCRITIVOS QUE CONDENSAM A UNIDADE NOMINAL <i>GRIPE</i>
(19) “[...] Doença causada por um vírus do tipo Influenza, que faz com que o sistema respiratório fique infeccionado e cause uma série de sintomas no paciente.” ³⁷
(20) “[...] Doença viral, aguda do aparelho respiratório, que provoca febre, tosse, dor de garganta, dores no corpo e mal estar (sic).” ³⁸
(21) Doença infecciosa provocada pelos vírus Influenza: A, B, C e D. ³⁹
(22) “Mãe, eu estou com nariz escorrendo, você pode comprar lenço pra (sic) mim?” ⁴⁰

Fonte: Elaborado pela autora.

Os enunciados supracitados (Quadro 17) - seja no campo científico e conceitual ou mesmo naquele relacionado à fala recorrente em uma instância privada de uso -, em rede, condensam uma unidade nominal socialmente pertinente: *gripe*. Assim sendo, a articulação dessa FN se inscreve na dimensão subnominal.

Além disso, essa condensação se efetiva tendo em vista a relação que há entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa dessa forma linguística. Logo, na instância enunciativa, a FN *gripe* expõe um potencial temático para ser alvo de diferentes enunciações, sobretudo, no campo da saúde social. Ilustremos (Quadro 18).

³⁷ Disponível em: <https://www.rededorsaoluiz.com.br/doencas/gripe>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

³⁸ Disponível em: <http://www.sopterj.com.br/respirar/perguntas-frequentes/o-que-e-o-gripe-influenza/>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

³⁹ Construção própria.

⁴⁰ Disponível em: <https://inglesnasuacasa.com.br/problemas-causados-pelo-inverno-em-ingles/>. Acesso em: 24 de abril de 2024.

QUADRO 18 - Rede enunciativa 4: a formação nominal *gripe* em uso

REDE DENUNCIATIVA 4: A FN <i>GRIPE</i> EM USO
(23) “Todos os anos, com a aproximação do inverno, começamos a nos preocupar em evitar as doenças respiratórias que popularmente chamamos de <i>gripe</i> .” ⁴¹
(24) “[...] No mundo, estima-se que haja um bilhão de casos de <i>gripe</i> , dos quais de três a cinco milhões são graves, resultando em 290 mil a 650 mil mortes de doenças respiratórias relacionadas à influenza por ano. As cepas usadas nas vacinas, porém, precisam ser trocadas anualmente antes da temporada de <i>gripe</i> , pois os vírus circulantes continuam em constante mutação.” ⁴²
(25) “Ontem, na aula de Língua Portuguesa, a professora pediu que seus alunos produzissem uma redação sobre a <i>gripe</i> .” ⁴³

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, nos enunciados anteriores (Quadro 18), podemos observar que a FN *gripe* foi balizada como potencial temático para a criação de diferentes enunciados na sociedade: “[...] *popularmente chamamos de gripe*”; “[...] *casos de gripe*[...]”; “[...] *temporada de gripe*[...]” e “[...] *sobre a gripe*”. Isso ocorre, visto que ela é uma forma significativa que está materializada no léxico da língua.

Nessa direção, “[...] trata-se de saber que há um cenário de constituição de sentidos (domínio de mobilização) que precede e motiva um nome” (Dias, 2018, p. 120). E, uma vez constituído socialmente, esse nome “resume uma história enunciativa da percepção das entidades expressa nos enunciados descritivos” (Dias, 2018, p. 120). E, por conseguinte, passa a ser inserido em outros acontecimentos.

Passemos, agora, para a explanação da segunda formação nominal: *gripezinha*. Averiguemos a charge a seguir (Figura 9):

⁴¹ Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/gripe-e-resfriado/>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

⁴² Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/pfizer-inicia-testes-finais-de-vacina-de-mrna-contr-a-gripe/>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

⁴³ Construção própria.

FIGURA 9 - (26) FN: *gripezinha*

Fonte: *Blog do AFTM*.⁴⁴

Morfologicamente, de acordo com os estudos tradicionais, estamos diante de uma derivação feminina singular do substantivo *gripe*, abrangendo a terminação “-inha” como o sufixo formador de diminutivo. No entanto, enunciativamente, nesta cena (Figura 9), a FN *gripezinha* adquire uma nova configuração de sentido, diferente da que é socialmente conhecida, qual seja: simples resfriado. Em outros termos, a FN *gripezinha* movimentava o sentido de *gripe*. Assim sendo, enunciar *gripezinha*, neste acontecimento, retrata o olhar de um determinado grupo social que pretende minimizar a covid-19.

Ademais, enfatizamos que a FN *gripezinha* adquiriu extensa pertinência social a partir do momento em que foi enunciada pelo ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, em um pronunciamento⁴⁵ realizado sobre a covid-19. Nesse dizer, o ex-presidente banaliza a doença chamando-a de *gripezinha* e, com isso, essa FN agrega novos referenciais históricos à produção de sentido nos enunciados de que participa.

Quanto a sua composição articulatória, salientamos que a FN *gripezinha* é constituída tanto por meio da articulação subnominal, quanto da articulação intranominal. Isso ocorre, pois,

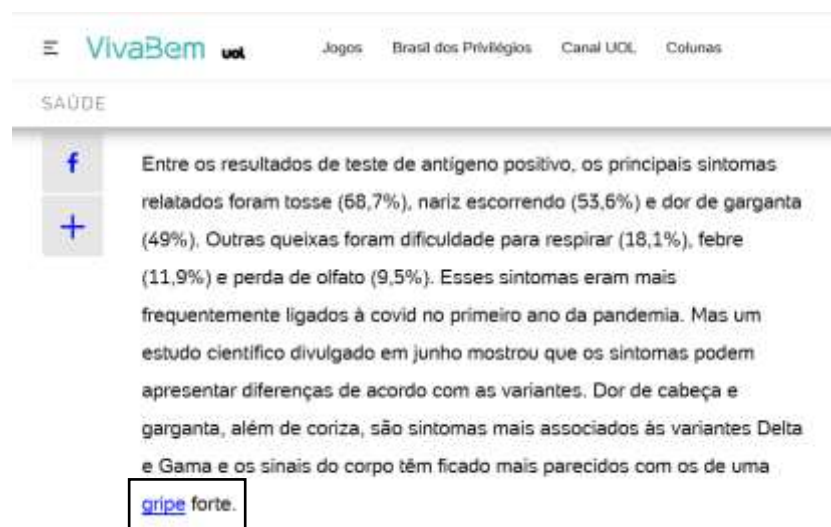
⁴⁴ Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-mascaras-nas-ruas/>. Acesso em: 29 de março de 2024.

⁴⁵ Trecho do pronunciamento do ex-presidente Jair Bolsonaro proferido em 24 de março de 2020: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma *gripezinha* ou *resfriadinho*, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão” (Transcrição e grifo nossos).

além de ser uma unidade linguística que condensa enunciados descritivos (*gripe*), articulada pela dimensão subnominal, *gripezinha* se materializa em torno da articulação intranominal, que diz respeito a um tipo de processo de formação de palavras em uma abordagem enunciativa, visto que ela apresenta os seguintes elementos linguísticos: *gripe* (forma mobilizada) mais *zinha* (mobilizador referencial).

A terceira formação nominal que iremos analisar é *gripe forte*. Vejamos a seguir (Figura 10) a diferença que queremos pontuar, em relação ao último exemplo analisado.

FIGURA 10 - (27) FN: *gripe forte*



Fonte: Site VivaBem.⁴⁶

No acontecimento enunciativo anterior (Figura 10), visualizamos a FN *gripe forte*. A referida FN é construída pelo nome-núcleo (*gripe*), que acarreta uma perspectivação referencial por meio de um convergente específico (*forte*). Assim, a FN *gripe forte* é constituída devido à necessidade de singularizar um nome. Portanto, não é “qualquer” *gripe*: “*fraca*” ou “*comum*”, por exemplo, mas sim uma *gripe forte*. Ou seja, o convergente adjetival aponta para a intensidade da gripe. Ainda, neste exemplo, podemos destacar a relação da FN *gripe forte* com a covid-19, ou melhor, com as variantes Delta e Gama. Com isso, entendemos que as articulações subnominal e internominal são condições para a construção articulatória dessa FN.

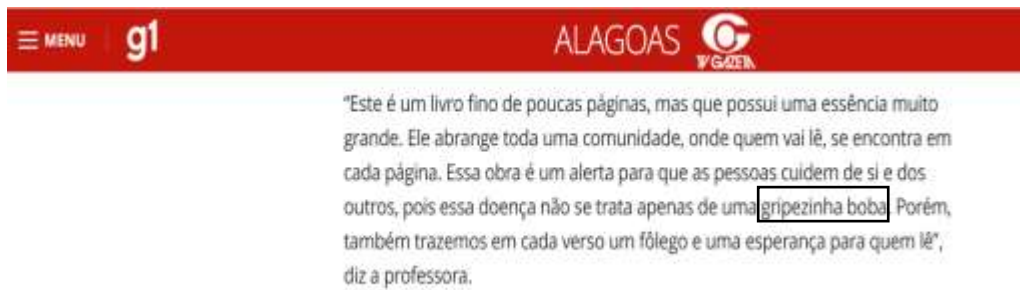
Ou seja, o nome *gripe* é constituído subnominalmente, uma vez que condensa enunciados descritivos e passa a agregar significativamente o léxico de uma língua. Já a articulação internominal ocorre devido ao fato de que o nome-núcleo (*gripe*) necessita de um

⁴⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/agencia-estado/2021/08/08/tosse-e-coriza-levam-a-busca-de-teste-rapido-de-covid.htm>. Acesso em: 25 de abril de 2024.

recorte referencial (*forte*) para efetuar uma nova nomeação e, com isso, constitui um nova FN (*gripe forte*) por meio de “relações articulatórias responsáveis por fornecer unidade às construções nominais constituídas por núcleo e convergentes (determinantes)” (Dias, 2018, p. 159).

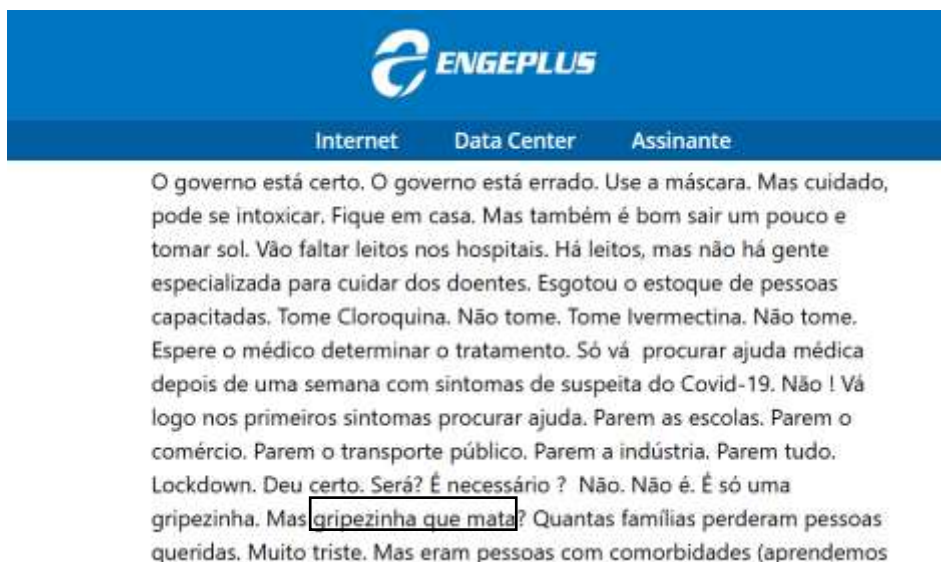
A seguir, analisaremos as duas últimas FNs que selecionamos para investigar nesta rede enunciativa (Quadro 16): *gripezinha boba* e *gripezinha que mata*. Por sua vez, essas unidades nominais são articuladas por intermédio dos seguintes processos articulatórios: subnominal, intranominal e internominal. Observemos, agora, as figuras 11 e 12:

FIGURA 11 - (28) FN: *gripezinha boba*



Fonte: Site G1.⁴⁷

FIGURA 12 - (29) FN: *gripezinha que mata*



Fonte: Portal Engeplus.⁴⁸

⁴⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2021/05/30/professores-da-rede-publica-de-maceio-produzem-cordel-sobre-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 14 de novembro de 2022.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.engeplus.com.br/noticia/economia-e-mercado/2020/os-tempos-em-que-o-mundo-ficou-no-escuro-e-parecia-ter-perdido-o-rumo>. Acesso em: 14 de novembro de 2022.

As formações nominais *gripezinha boba* (Figura 11) e *gripezinha que mata* (Figura 12) são articuladas concomitantemente por meio de três processos, são eles: subnominal, intranominal e internominal. Como exposto, a articulação subnominal está presente uma vez que estamos diante da FN *gripe* que condensa enunciados descritivos e é socialmente pertinente. Quanto à articulação intranominal, que integra o estudo da formação de palavras em uma perspectiva enunciativa, temos o nome-núcleo dessas FNs, qual seja: *gripezinha*, cuja análise já está apresentada anteriormente (Figura 9).

Outrossim, temos também a articulação internominal, já que as FNs *gripezinha boba* e *gripezinha que mata* são unidades nominais constituídas por nome-núcleo e convergente. Especificamente, essas FNs apresentam o mesmo nome-núcleo (*gripezinha*), todavia os convergentes são diferentes: a primeira (Figura 11) apresenta apenas um elemento linguístico (*boba*), ao passo que a segunda (Figura 12) apresenta dois elementos linguísticos (*que mata*), tratando-se, portanto, de uma oração inteira.

Destacamos, ainda, com base nos domínios de mobilização dessas formas - referencial histórico e a pertinência enunciativa -, que tanto a FN *gripezinha boba* (Figura 11), quanto a FN *gripezinha que mata* (Figura 12) tem a pretensão de combater a banalização da covid-19. Em outros termos, estamos diante de FNs que produzem um tensionamento de significações para a FN *gripezinha*. Ou seja, articular internominalmente uma FN já constituída por uma articulação subnominal e intranominal corresponde a produzir uma diferença social, por meio de uma diferença linguística.

Diante da análise dessa rede enunciativa (Quadro 16), com base nos processos articulatórios que integram a constituição das FNs - subnominais, intranominais e internominais -, salientamos que há FNs que são articuladas por um processo articulatório, há FNs que são articuladas por dois processos, bem como há FNs que são articuladas por meio dos três processos articulatórios. Em nossa análise, temos, em síntese, a formação nominal *gripe* articulada, isoladamente, pela dimensão subnominal. As FNs *gripezinha* e *gripe forte* articuladas, simultaneamente por dois processos, sendo: a primeira pelas articulações subnominal e intranominal e a segunda pelas articulações subnominal e internominal. Por fim, temos as FNs *gripezinha boba* e *gripezinha que mata* articuladas concomitantemente pelos três processos: subnominal, intranominal e internominal.

Além do exposto, prosseguindo com a nossa análise, destacamos que - somada aos três tipos de processos articulatórios das formações nominais estudados até o momento - há a articulação predicativa. Nessa orientação, enquanto as articulações subnominal, intranominal e internominal concentram-se na observação da constituição das nominalizações, ou seja, das

formações nominais, a articulação predicativa concentra-se na observação dessas formas linguísticas inseridas nos enunciados (Dias, 2023).

Então, as articulações subnominal, intranominal e internominal podem ser realizadas também de forma predicativa. Isso ocorre, uma vez que, em acontecimento, as formas linguísticas (FNs) se conectam às suas predicacões (Nogueira-Dias, 2022). Nessa direção, voltaremos, a partir de agora, o nosso olhar para a relação que a formação nominal estabelece com os demais termos do enunciado, observando, assim, o papel da nominalidade na constituição do enunciado.

Assim sendo, elaboramos (Quadro 19) uma rede enunciativa com enunciados predicativos pautados nas FNs em análise (Quadro 16).

QUADRO 19 - Rede enunciativa 5: enunciados predicativos formados por meio das FNs:

gripe, gripezinha, gripe forte, gripezinha boba e gripezinha que mata

REDE ENUNCIATIVA 5: ENUNCIADOS PREDICATIVOS FORMADOS POR MEIO DAS FNs: <i>GRIPE, GRIPEZINHA, GRIPE FORTE, GRIPEZINHA BOBA E GRIPEZINHA QUE MATA</i>
(30) “A covid não é uma <i>gripe</i> .” ⁴⁹
(31) “Eu me internei achando que [a covid] era uma <i>gripezinha</i> .” ⁵⁰
(32) “A covid é uma <i>gripe forte</i> que gruda em você e não sai por nada.” ⁵¹
(33) “Pra (<i>sic</i>) quê? [A covid] É uma <i>gripezinha boba</i> . Nem mata.” ⁵²
(34) “[A covid] é uma ' <i>gripezinha</i> ' que mata.” ⁵³

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa rede enunciativa (Quadro 19), as formações nominais *gripe, gripezinha, gripe forte, gripezinha boba e gripezinha que mata* - articuladas de maneira predicativa - ocupam o lugar sintático de predicativo do sujeito em todos os enunciados. E essas predicacões, cada uma

⁴⁹ Disponível em: <https://www.prefeiturademossoro.com.br/noticia/29522/paciente-diagnosticada-com-coronavirus-em-mossoro-comemora-alta-e-alerta-fiquem-em-casa>. Acesso em: 31 de abril de 2024.

⁵⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/nao-uma-gripezinha-muito-serio-nao-imaginava-que-fosse-voltar-dz-primeiro-paciente-grave-de-coronavirus-do-rio-24381413>. Acesso em: 31 de abril de 2024.

⁵¹ Disponível em: <https://twitter.com/anavilarinol/status/1542233404149841926>. Acesso em: 31 de abril de 2024.

⁵² Disponível em: https://www.facebook.com/SecomVc/photos/a.118191972869420/292087248813224/?type=3&paipv=0&eav=AfaKj8nWc_gAJBrL0NaGLWAE4G5mHpVGb_0d5EebjX-di4mFXhS0MuvG28GENCKDbo&_rdr. Acesso em: 31 de abril de 2024.

⁵³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/04/02/especial-sem-esperar-ajuda-do-governo-paraisopolis-contrata-medicos-para-combater-virus.htm>. Acesso em: 31 de abril de 2024.

ao seu modo, atribuem uma perspectiva para o sujeito - especificamente para a covid - com base nos domínios de mobilização que as sustentam. Em seguida, examinaremos cada um dos enunciados dessa rede.

Em 30, há um trecho da fala de uma professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - que foi infectada pela covid-19 - em que ela afirma que: “*A covid não é uma gripe*”. Nesse enunciado, a FN *gripe* - a qual é articulada subnominalmente (como já discutimos) - passa a se articular também de maneira predicativa, visto que ela adquire relação com as outras partes desse enunciado, ocupando, assim, o lugar de predicativo do sujeito. Portanto, esse dizer (30) instala o referencial de que a covid é uma doença extremamente grave e, por consequência, ela não é uma “simples” gripe, perspectivando, dessa maneira, a gravidade do novo coronavírus.

Em 31, o enunciado “*Eu me interneiei achando que [a covid] era uma gripezinha*”, proferido pelo ex-vereador do Rio de Janeiro e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Édson de Moraes, que é uma das pessoas que enfrentou um dos primeiros casos mais graves da doença, agrega a FN *gripezinha* - que, conforme já analisamos, é articulada subnominalmente e intranominalmente. E, inserida neste acontecimento, constatamos que ela também é articulada de maneira predicativa, ocupando o lugar de predicativo do sujeito. Nessa direção, o enunciado 31 recobre o referencial de que a covid não é uma doença banal, mas sim grave.

Em 32, visualizamos também mais um dizer que tenciona o referencial de que o novo coronavírus é uma doença grave e, ainda, permanente: “*A covid é uma gripe forte que gruda em você e não sai por nada*”. Para tal perspectivação, foi acionada a FN *gripe forte* - que é articulada subnominalmente e internominalmente, segundo nossa análise - e, em uso, incorporando as relações sintático-semânticas, ela adquire também a articulação predicativa, já que ocupa uma posição no enunciado, a de predicativo do sujeito.

Em 33, recortamos um comentário irônico de uma postagem do *Facebook* em relação à aquisição de ventiladores pulmonares para o combate à covid-19, qual seja: “*Pra (sic) quê? [A covid] É uma gripezinha boba. Nem mata.*”. Aqui, há a FN *gripezinha boba* - a qual é articulada, conforme já discutimos, de maneira subnominal, intranominal e internominal. Ademais, observando a articulação entre as partes do enunciado, em especial os lugares sintáticos, ela passa a se articular de maneira predicativa, operando como predicativo do sujeito. Nessa direção, esse enunciado apresenta uma crítica a respeito do desdenho da doença (covid-19) por parte de um determinado grupo social, que a minimiza, e, para tanto, de maneira sarcástica, ela

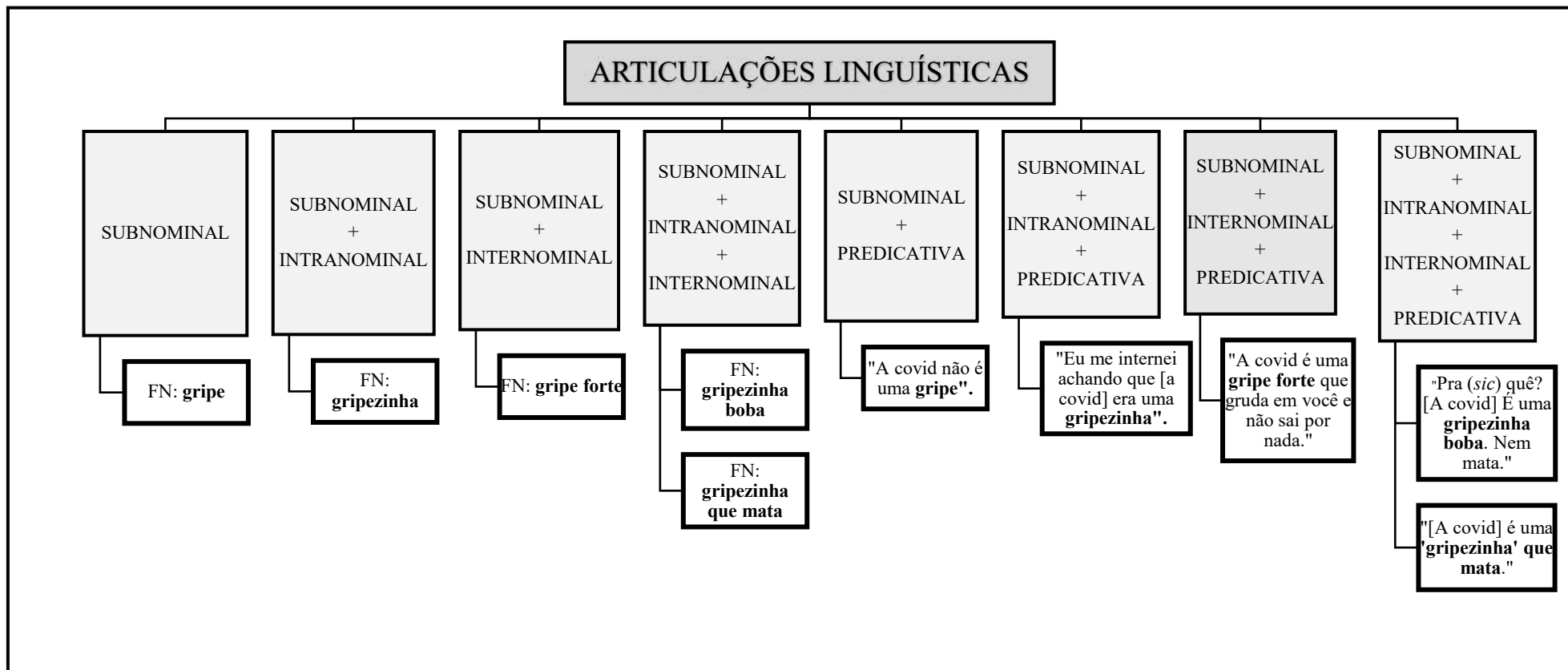
é perspectivada como *uma gripezinha boba que nem mata*. Contudo, de forma implícita, é acionado o referencial que predica para a gravidade da covid.

Por último, em 34, estamos diante da fala de um médico que enfatiza que “[a covid] é uma *'gripezinha' que mata*”. Destacamos, aqui, a FN *gripezinha que mata* que além das articulações subnominal, intranominal e internominal, como já evidenciamos, passa a se articular, inclusive, de forma predicativa, exercendo a função de predicativo do sujeito. Em 34, essa forma linguística adquire pertinência ancorada também no domínio referencial que ressalta que a covid é uma doença extremamente perigosa, já que ela é *uma 'gripezinha' que mata*, ou seja, algo fatal. Com isso, o termo *'gripezinha'* é utilizado também de maneira sarcástica.

Em suma, na análise dessa rede enunciativa, visualizamos que o funcionamento das articulações predicativas ocorreu no lugar sintático de predicativo do sujeito em todos os enunciados. E observamos que as predicções discutidas adquiriram pertinências nesses acontecimentos enunciativos com base nos referenciais - que ancoram a significação das FNs - pautados na gravidade da doença covid-19.

No quadro a seguir (Quadro 20), condensamos a análise das FNs *gripe*, *gripezinha*, *gripe forte*, *gripezinha boba* e *gripezinha que mata* (Quadro 16), bem como dos enunciados de que elas fazem parte (Quadro 19) referente às articulações subnominais, intranominiais, internominiais e predicativas apresentadas anteriormente. Observemos.

QUADRO 20 - Sistematização da análise das articulações linguísticas



Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro anterior (Quadro 20), apresentamos a sistematização da análise de cinco FNs (Quadro 16): *gripe*, *gripezinha*, *gripe forte*, *gripezinha boba* e *gripezinha que mata*, bem como de cinco enunciados (Quadro 19) que contêm essas FNs, respectivamente: (30) “*A covid não é uma gripe*”; (31) “*Eu me internei achando que [a covid] era uma gripezinha*”; (32) “*A covid é uma gripe forte que gruda em você e não sai por nada*”; (33) “*Pra (sic) quê? [A covid] É uma gripezinha boba. Nem mata*” e (34) “*[A covid] é uma 'gripezinha' que mata*”. Para tanto, traçamos um contínuo das articulações linguísticas: subnominal, intranominal, internominal e predicativa.

Nessa direção, iniciamos com a FN articulada pela articulação subnominal. Em seguida, temos as FNs articuladas por dois processos articulatórios: ora subnominal mais intranominal, ora subnominal mais internominal. E, depois, as FNs articuladas, ao mesmo tempo, pelos três processos: subnominal mais intranominal mais internominal. Posteriormente, há o enunciado articulado por meio de duas articulações subnominal e predicativa. Em seguida, temos os enunciados articulados por três processos articulatórios: ora subnominal mais intranominal mais predicativa, ora subnominal mais internominal mais predicativa. E, por último, os enunciados articulados, ao mesmo tempo, pelos quatro processos: subnominal mais intranominal mais internominal mais predicativa.

Em síntese, diante do exposto, reafirmamos a tese de que “[...] as redes enunciativas são sistematizações de construções linguísticas, de ordem metodológica, para uma análise semântica das unidades da língua, consideradas em articulação” (Dias, 2023, p. 171). Isto é, as redes enunciativas evidenciam a análise semântica de construções linguísticas em articulação (sobretudo, de FNs), circunscrevendo não só o plano orgânico como também o plano enunciativo da língua.

3.3 Resumo do capítulo

Em síntese, no capítulo 3, apresentamos o nosso material de análise (as formações nominais emergidas na covid-19) e os pressupostos metodológicos que ancoram a nossa pesquisa, especificamente, o procedimento intitulado rede enunciativa (Dias, 2018, 2023). Nessa direção, a título de demonstração, analisamos as articulações linguísticas de cinco formações nominais, em rede: *gripe*, *gripezinha*, *gripe forte*, *gripezinha boba* e *gripezinha que mata*.

Dando continuidade ao nosso trabalho, o capítulo seguinte será dedicado, de forma minuciosa, ao desenvolvimento das análises referentes às articulações linguísticas de formações

nominais afloradas na pandemia da covid-19. Nessa direção, a nossa atenção recairá sobre o modo como essas FNs se articulam orgânica e enunciativamente, à luz dos processos articulatórios propostos por Dias (2018, 2023) - subnominal, intranominal, internominal e predicativa -, que serão examinados em detalhe.

CAPÍTULO 4

**EM ANÁLISE: AS ARTICULAÇÕES LINGUÍSTICAS DAS FORMAÇÕES
NOMINAIS**

4 APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO

O último capítulo desta Tese será dedicado à análise das articulações linguísticas das formações nominais que emergiram durante a crise sanitária global provocada pela pandemia de covid-19. Especificamente, examinaremos essas nomeações à luz dos processos articulatórios concebidos por Dias (2018, 2023, 2025): articulação subnominal, articulação intranominal, articulação internominal e articulação predicativa.

Dessa forma, visando à análise proposta, o capítulo segue a seguinte estrutura: (4.1) **A subnominalização: condensação de enunciados descritivos e o escopo referencial da FN covid-19**; (4.2) **A intranominalização: articulações internas em FNs inscritas no referencial da pandemia**; (4.3) **A internominalização: articulações entre o nome e seus convergentes e as razões enunciativas que as mobilizam**; (4.4) **Do nome à predicação: as articulações predicativas e a mobilização enunciativa da FN covid-19** e (4.5) **Resumo do capítulo**.

Seguindo essa linha de investigação, apreenderemos, de forma detalhada, como se constituem as articulações das formações nominais internas e externas ao nome, conforme previsto no quarto objetivo específico deste trabalho. Para mais, investigaremos como uma unidade nominal é formada, levando em conta a incidência das articulações linguísticas que, isoladas ou de forma concomitante, atuam sobre ela - atendendo, assim, ao quinto objetivo específico delineado neste estudo. Ademais, com vistas ao cumprimento do sexto objetivo específico, elaboraremos contínuos, estruturados em redes enunciativas, sobre os processos articulatórios das formações nominais, a fim de evidenciar a complexidade desses processos.

4.1 A subnominalização: condensação de enunciados descritivos e o escopo referencial da FN covid-19

A subnominalização - processo articulatório de constituição semântica de um nome (isto é, de uma formação nominal) - é constitutiva do funcionamento enunciativo em que o nome emerge. Ou seja, a articulação subnominal é a dinâmica enunciativa de regularização de um nome na língua (Dias, 2018, 2023). Seguindo esse direcionamento, como surgiu o nome *covid-19*?

Em dezembro de 2019, autoridades sanitárias da cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China, identificaram os primeiros casos de uma pneumonia de causa até então desconhecida, caracterizada por sintomas respiratórios graves e evolução clínica alarmante. E, em pouco tempo, essa doença se disseminou mundialmente. Esse cenário, portanto, marcou o

início do que viria a ser reconhecido como um dos maiores acontecimentos sanitários do século XXI: a pandemia de covid-19.

De início, refletindo a insegurança epistemológica, bem como a ausência de um nome consolidado nos estágios iniciais da doença, o referido acontecimento foi designado de diversas maneiras. Para ilustrar, elegemos, dentre as demais, cinco dessas designações: *doença respiratória misteriosa*, *pneumonia misteriosa*, *pneumonia de causa desconhecida*, *vírus desconhecido* e *novo vírus (coronavírus)*. Pontuamos que a escolha dessas nomeações se justifica em razão do elevado número de ocorrências identificadas durante o processo de coleta dos dados. Observemos essas nomeações nas manchetes jornalísticas a seguir:

FIGURA 13 - (35) FN: Doença respiratória misteriosa



Fonte: Jornal Folha de São Paulo.⁵⁴

FIGURA 14 - (36) FN: Pneumonia misteriosa



Fonte: Canal UOL.⁵⁵

⁵⁴ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/01/doenca-respiratoria-misteriosa-mata-dois-na-china-e-gera-alerta-nos-eua.shtml?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 28 de maio de 2025.

⁵⁵ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2020/01/03/causa-de-pneumonia-misteriosa-intriga-pesquisadores.htm>. Acesso em: 28 de maio de 2025.

FIGURA 15 - (37) FN: *Pneumonia de causa desconhecida*



Fonte: Site World Health Organization.⁵⁶

FIGURA 16 - (38) FN: *Vírus desconhecido*



Fonte: Revista Exame.⁵⁷

FIGURA 17 - (39) FN: *Novo vírus (coronavírus)*



Fonte: Site G1.⁵⁸

⁵⁶ Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/disease-outbreak-news/item/2020-DON229>. Acesso em: 28 de maio de 2025.

⁵⁷ Disponível em: <https://exame.com/ciencia/virus-desconhecido-que-matou-uma-pessoa-na-china-comeca-a-se-espalhar/>. Acesso em: 28 de maio de 2025.

⁵⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/13/novo-virus-que-cause-doenca-pulmonar-misteriosa-gera-temor-na-china-mas-ha-motivo-para-preocupacao.ghtml>. Acesso em: 28 de maio de 2025.

Assim, a partir dos dados expostos (Figuras 13, 14, 15, 16 e 17), reafirmamos que “doença respiratória misteriosa”, “pneumonia misteriosa”, “pneumonia de causa desconhecida”, “vírus desconhecido” e “novo vírus (coronavírus)” são nomes que deram formas a enunciados que circularam em diferentes acontecimentos enunciativos, sendo mobilizados, previamente, para se referir à doença covid-19.

Posteriormente, após a identificação do novo coronavírus (SARS-CoV-2) - reconhecido como o agente transmissor da doença - a Organização Mundial da Saúde (OMS), com base em diretrizes já consolidadas com a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), oficializou, em 11 de fevereiro de 2020, o nome da doença decorrente do novo coronavírus: *covid-19* (Figura 18).

FIGURA 18 - (40) FN: *Covid-19*



Fonte: Site OPAS/OMS.⁵⁹

Isso posto, salientamos que o nome *covid-19* configura uma subnominalização que emergiu como resposta à necessidade de oferecer pertinência a enunciações sobre um acontecimento sanitário de proporções globais. Em outras palavras, *covid-19* é uma formação

⁵⁹ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/11-2-2020-oms-anuncia-nome-para-doenca-causada-por-novo-coronavirus-covid-19-opas-apoia>. Acesso em: 10 de junho de 2025.

nominal articulada subnominalmente. Nessa direção, demonstraremos - no quadro a seguir (Quadro 21) - como ocorreu a condensação dessa FN.

QUADRO 21 - A subnominalização da FN *covid-19*

A SUBNOMINALIZAÇÃO DA FN COVID-19	
Enunciados descritivos	(35) “ <i>Doença respiratória misteriosa</i> mata dois na China e gera alerta nos EUA” (36) “Causa de <i>pneumonia misteriosa</i> intriga pesquisadores” (37) “ <i>Pneumonia de causa desconhecida</i> – China” (38) “ <i>Vírus desconhecido</i> que matou uma pessoa na China começa a se espalhar” (39) “ <i>Coronavírus</i> : o que se sabe sobre o <i>novo vírus</i> que surgiu na China” (40) “ <i>Coronavírus Disease 2019</i> ”
Condensação	↓
Unidade nominal em posição temática	<i>covid-19</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em Dias (2018).

Em 21, apresentamos a condensação da FN *covid-19*, a qual se efetua por intermédio da articulação subnominal. Essa condensação ocorreu devido ao fato de que diferentes nomeações genéricas atribuídas à doença em seus momentos iniciais - *doença respiratória misteriosa*, *pneumonia misteriosa*, *pneumonia de causa desconhecida*, *vírus desconhecido*, *novo vírus (coronavírus)* - e, posteriormente, *Coronavirus Disease 2019* constituíram um percurso de construção referencial que culminou na estabilização do nome oficial da doença *covid-19*, definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de fevereiro de 2020. Em outros termos, de maneira articulada, os enunciados descritivos supracitados⁶⁰ se condensaram e formaram uma nova unidade nominal em posição temática: a FN *covid-19*.

Sendo assim, ancorados na perspectiva de que “[...] um nome designa algo na medida em que se associa a esse nome uma história de enunciações na qual ele está envolvido” (Dias,

⁶⁰ Reforçamos que há outros enunciados descritivos que também convergem para condensação da FN *covid-19*, todavia, tendo em vista a necessidade de um recorte metodológico, em função da expressiva extensão do material de análise, selecionamos os enunciados apresentados no quadro 21.

2018, p. 123), defendemos a tese de que o nome *covid-19* se subnominalizou sustentado no cerne do referencial histórico da pandemia. Em outras palavras, essa nomeação, até então, ainda não constava no léxico corrente da língua, entretanto, foi criada mediante à necessidade de oferecer pertinência a enunciações sobre uma doença que desencadeou uma crise pandêmica.

Uma vez em circulação, essa formação nominal não permanece restrita ao seu escopo histórico de emergência; ao contrário, ela passa a se ancorar em diferentes perspectivas referenciais. Esse movimento de deslocamento e ampliação referencial faz com que *covid-19*, bem como a articulação linguística que estabelece com outras FNs, ainda sustentada pelo lastro histórico da pandemia, seja mobilizada por novas enunciações, nas quais se atualiza e se reinscreve. Dessa forma, identificamos, no *corpus* analisado, três dessas perspectivas que se destacam pela recorrência e pela força com que reconfiguram os sentidos da nomeação: a perspectiva da ciência, a perspectiva da política e a perspectiva da dispersão social.

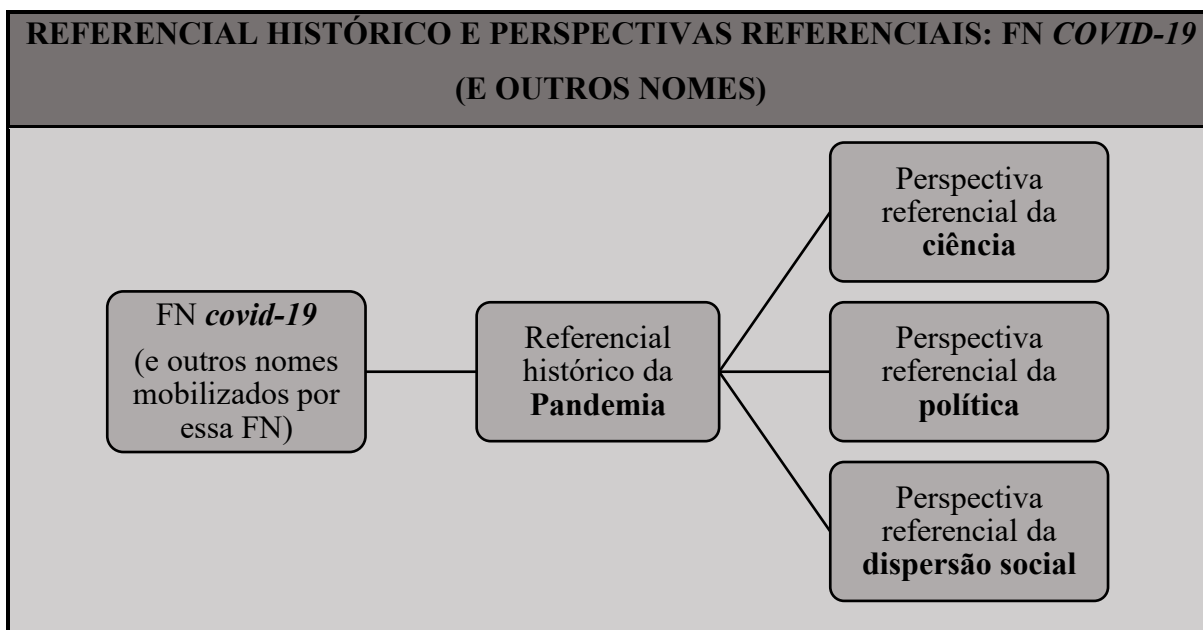
Vale dizer que a seleção dessas três perspectivas corresponde a um movimento analítico sobre o fenômeno de subnominalização que estamos tentando descrever. Não queremos, com isso, realizar um fechamento referencial sobre esse nome, apenas escolhemos, dentre as ocorrências encontradas no processo de sondagem que realizamos, categorias referenciais mais recorrentes e as trouxemos para nossa discussão. Vamos a elas.

A perspectiva referencial da ciência situa-se na interface entre as questões médicas e as questões de saúde pública, mobilizando saberes técnico-científicos. A perspectiva referencial da política, por sua vez, refere-se às questões de cunho governamental. Já a perspectiva referencial da dispersão social diz respeito às enunciações vinculadas a temáticas diversas da vida social, isto é, às ações cotidianas atravessadas pela pandemia.

Para mais, ressaltamos que, embora todas as três perspectivas sejam compreendidas como sociais, já que consideramos que as significações que sustentam a nomeação de *covid-19* (e de outros nomes mobilizados por essa FN) se apresentam sempre alicerçadas em práticas socio-históricas, o que nomeamos aqui como “perspectiva referencial da dispersão social” diz respeito às enunciações de grupo(s) organizado(s) de pessoas que compartilham um espaço, cultura, valores e regras comuns, com o objetivo de estabelecer uma vida coletiva. Ou seja, nessa perspectiva, os sentidos ultrapassam os limites das esferas institucionalizadas, como a ciência e a política, alcançando e atravessando outras dimensões constitutivas da vida em sociedade.

Com o intuito de sintetizar o que propomos, elaboramos o seguinte esquema ilustrativo (Quadro 22).

QUADRO 22 - FN *covid-19* (e outros nomes): referencial histórico e perspectivas referenciais



Fonte: Elaborado pela autora.

Partindo das reflexões delineadas anteriormente, passamos à análise de três ocorrências (Figuras 19, 20 e 21), cujo alvo de discussão é a FN *covid-19*, articulada subnominalmente, conforme já exposto. Vejamos a primeira ocorrência (Figura 19):

FIGURA 19 - (41) FN *covid-19*: perspectiva referencial da ciência



Fonte: Brasil Escola.⁶¹

⁶¹ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/coronavirus-covid-19.htm>. Acesso em: 04 de junho de 2025.

Na ocorrência anterior (41), há um informativo que apresenta uma enunciação ancorada na perspectiva referencial da ciência, cujo objetivo é informar, alertar e orientar a população a respeito da covid-19. É, portanto, um texto de divulgação científica, voltado, sobretudo, ao público leigo, mas sustentado por elementos que conferem legitimidade ao saber médico-científico.

Ao seu modo, esse tipo de enunciado (Figura 19) busca popularizar um conhecimento técnico, mantendo a autoridade epistemológica da ciência, como pode ser visualizado na seção “*Sintomas*” - que é organizada por itens: “*febre; tosse; falta de ar; dificuldade respiratória*” - visualmente destacada e acompanhada de um ícone que ilustra um rosto enfermo, reforçando a função de alerta sobre a covid-19. Observemos o próximo exemplo (Figura 20):

FIGURA 20 - (42) FN *covid-19*: perspectiva referencial da política



Fonte: Contee.⁶²

A charge (Figura 20), por sua vez, ancorada na perspectiva referencial da política, representa um momento de tensão durante a pandemia da covid-19. Nela, observa-se a figura do ex-presidente, Jair Bolsonaro, empurrando o mapa humanizado do Brasil, o qual grita “*Socorro*”, ao ser conduzido contra a representação visual de um “vírus monstruoso”, nomeado pela FN *covid-19*. O enunciado proferido por Bolsonaro - “*Esse negócio de coronavírus é*

⁶² Disponível em: <https://contee.org.br/a-negacao-da-pandemia-e-da-educacao-e-uma-histeria-coletiva/>. Acesso em: 04 de junho de 2025.

histeria, taoquei?!" - evidencia uma tentativa de deslegitimação do saber médico-científico, que é substituído por uma enunciado político marcado pelo negacionismo e pela retórica de banalização da pandemia.

Ademais, em 42, há a figura de um cidadão brasileiro que, identificando-se com a fala do ex-presidente, afirma: "*É isso aí, mito! O STF mata muito mais!*", acentuando a adesão social a uma fala anticientífica.

Ao mesmo tempo, na Figura 20, a covid-19 é representada visualmente por meio da imagem de uma caveira ameaçadora, o que contradiz a minimização verbal sobre a doença e reforça o impacto concreto da crise sanitária. Passemos à próxima ocorrência (Figura 21).

FIGURA 21 - (43) FN *covid-19*: perspectiva referencial da dispersão social



Fonte: Site Leialogora.⁶³

A charge (Figura 21) apresenta, de forma irônica, a transformação das prioridades sociais provocadas pela pandemia de covid-19. Dividida em dois quadros, ela contrapõe dois enunciados: "*o assalto antes do covid-19*" - em que um suposto assaltante exige a carteira e o celular da vítima - e "*[o assalto] depois do covid-19*", no qual o mesmo personagem exige máscara e álcool em gel. A inversão humorística revela, do ponto de vista enunciativo, uma reorganização dos valores na sociedade, em que itens de proteção sanitária assumem um papel

⁶³ Disponível em: <https://www.leialogora.com.br/noticia/77816/antes-e-depois-do-covid-19>. Acesso em: 04 de junho de 2025.

central no cotidiano, evidenciando como a presença da FN *covid-19* reconfigura as práticas sociais, fazendo com que, no caso em questão, objetos antes triviais passem a ser considerados como objetos de valor e de sobrevivência.

Outrossim, de forma ampliada, uma vez subnominalizado, o nome *covid-19* começa a formar redes de significação para ganhar regularidade e se fixar socialmente, constituindo, dessa maneira, redes com outros nomes. Portanto, defendemos a tese de que a língua não cessa no processo de subnominalizar. Ao contrário, é justamente a partir dele que ela começa a se articular, dando continuidade - em certa medida - à própria subnominalização por meio de outras articulações linguísticas.

Sendo assim, a fim de demonstrar o que afirmamos, vejamos, em seguida, algumas formações nominais que foram potencializadas pela *covid-19* (Figuras 22 até 29).

FIGURA 22 - (44) FN: *covidário*



Fonte: Diário de Suzano.⁶⁴

FIGURA 23 - (45) FN: *gripezinha que mata*



Fonte: Jornal Folha de São Paulo.⁶⁵

⁶⁴ Disponível em: <https://www.diariodesuzano.com.br/cidades/covidario-de-suzano-atinge-100-de-ocupacao/58146/>?. Acesso em: 11 de junho de 2025.

⁶⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/04/uma-gripezinha-que-mata-muita-gente.shtml>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

FIGURA 24 - (46) FNs: *quarentena e telemedicina*



Fonte: Plurall.⁶⁶

FIGURA 25 - (47) FN: *aglomeração*



Fonte: Blog do AFTM.⁶⁷

⁶⁶ Disponível em: <http://plurall.com.br/plurall/telemedicina-ganha-forca-durante-quarentena/>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

⁶⁷ Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-luta-da-fiscalizacao/>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

FIGURA 26 - (48) FNs: *distanciamento social e auxílio emergencial*



Fonte: Postagem da rede social X.⁶⁸

FIGURA 27 - (49) FN: *novo normal*



Fonte: Site de notícias NSC Total.⁶⁹

⁶⁸ Disponível em: <https://x.com/ACritica/status/1250408564037947392>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/noticias/charge-do-ze-dasilva-o-novo-normal>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

FIGURA 28 - (50) FN: *grupo de risco*



Fonte: Blog do AFTM.⁷⁰

FIGURA 29 - (51) FN: *pico da pandemia*



Fonte: Site Univiçosa.⁷¹

Nas ocorrências expostas anteriormente (44-51), podemos visualizar formações nominais que, potencializadas pelo acontecimento da covid-19, passaram a configurar unidades

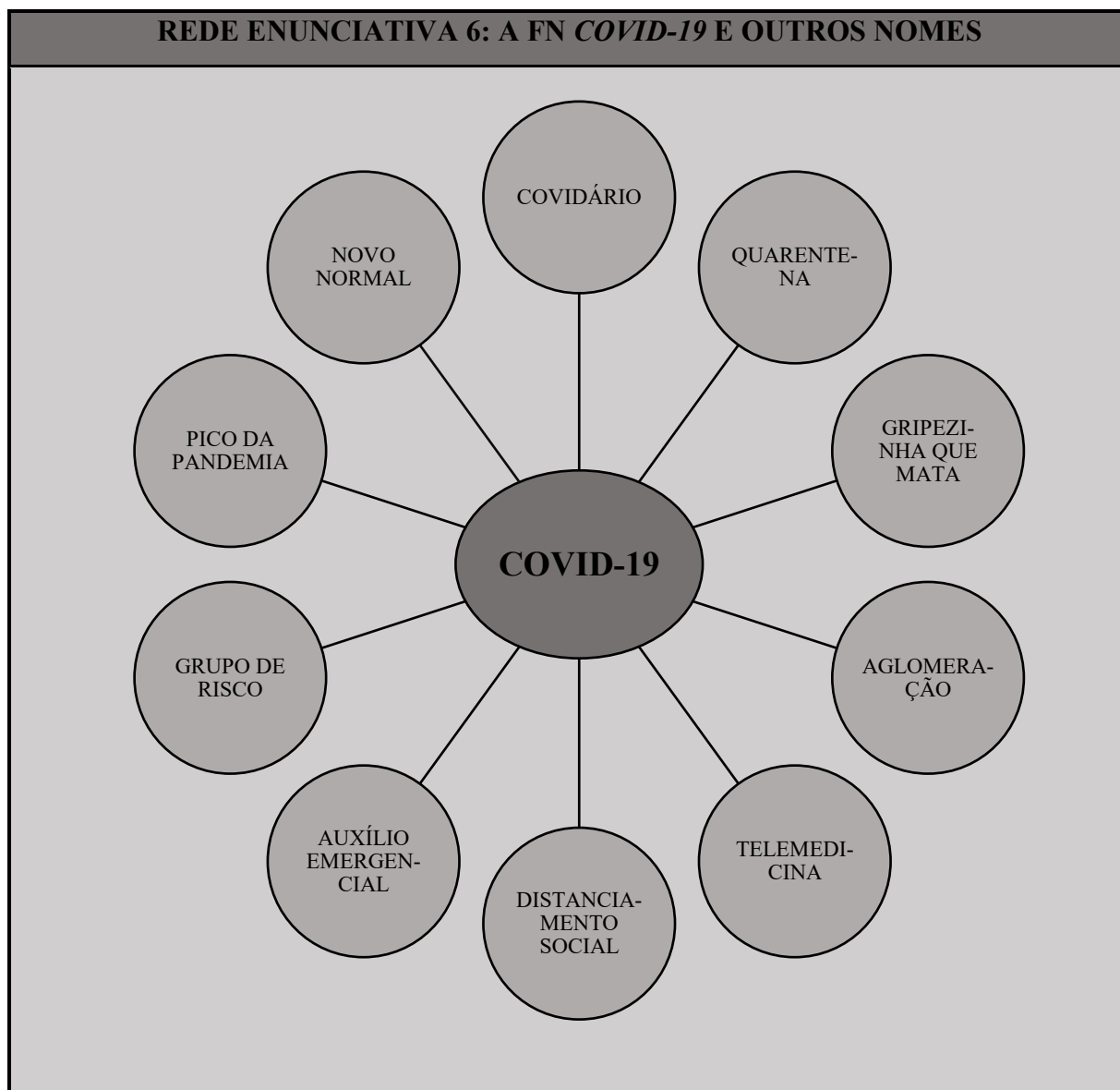
⁷⁰ Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-pandemia/>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

⁷¹ Disponível em: <https://www2.univicoso.com.br/uninoticias/noticias/estamos-nos-aproximando-dd-pico-da-pandemiae-agora>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

de sentido socialmente pertinentes no âmbito da crise pandêmica. Esse movimento articulatório-enunciativo evidencia o modo como a língua, ao se confrontar com um acontecimento ‘inédito’, mobiliza as articulações linguísticas para produzir novas nomeações, que respondem à necessidade social de significar a experiência vivida.

Observemos, a seguir, essas formações nominais em rede (Quadro 23).

QUADRO 23 - Rede enunciativa 6: a FN *covid-19* e outros nomes



Fonte: Elaborado pela autora.

No Quadro 23, apresentamos uma rede enunciativa (6) composta por formações nominais articuladas subnominalmente que, embora signifiquem diferentes enunciações, adquiriram pertinência e produtividade de circulação social ao se ancorarem no referencial

histórico da pandemia, enredadas à FN *covid-19*. Esse núcleo de sentido opera como um ponto de convergência enunciativa capaz de mobilizar e ressignificar nomes já existentes, assim como de engendrar novas nomeações. Entre essas FNs, destacam-se: *covidário*, *telemedicina*, *quarentena*, *aglomeração*, *gripezinha que mata*, *auxílio emergencial*, *distanciamento social*, *grupo de risco*, *pico da pandemia* e *novo normal*. Cada uma delas, a sua maneira, evidencia um vínculo com a experiência social e histórica da pandemia, funcionando como marcas linguísticas fecundas em um período específico e, ao mesmo tempo, como elementos que ultrapassam o acontecimento inicial para circular em outras enunciações. Diante desse quadro, colocam-se duas questões fundamentais: como essas subnominalizações se materializam na língua? E, mais especificamente, de que modo a *covid-19* se reorganiza subnominalmente, projetando-se socialmente e configurando novos recortes de sentido?

No âmbito da organicidade linguística, partimos do princípio de que a resposta está nas articulações linguísticas das formações nominais, uma vez que, para nós, as articulações podem coexistir e operar em paralelo em uma mesma FN. Ou seja, as FNs possuem a capacidade de se articular linguisticamente por intermédio de diferentes processos articulatórios, conforme evidenciaremos nas análises futuras, a fim de sustentarmos a nossa hipótese de pesquisa. Nesse caminho, lançaremos olhares, nas seções subsequentes, para a articulação intranominal (4.2); internominal (4.3) e predicativa (4.4).

4.2 A intranominalização: articulações internas em FNs inscritas no referencial da pandemia

Na seção anterior (4.1), refletimos sobre a articulação linguística que se estabelece entre o nome e os enunciados descritivos que o sustentam, ou seja, sobre o processo de subnominalização das formações nominais. Essa reflexão nos levou à formulação da tese de que as demais articulações linguísticas - intranominal, internominal e predicativa - se constituem com base na articulação subnominal, a qual lhes serve de fundamento para a construção da significação. Sendo assim, assumimos a premissa de que toda formação nominal - socialmente pertinente - emerge na língua como efeito de uma articulação subnominal, que legitima sua existência enunciativa.

Prosseguindo a nossa análise, voltamo-nos, neste momento, para a articulação interna das FNs, também denominada articulação intranominal (Dias, 2018, 2023, 2025). Nas gramáticas tradicionais, conforme apresentamos no capítulo 2, a formação de palavras é compreendida, predominantemente, como um processo de agregação de afixos - prefixos e/ou

sufixos - a uma base, a fim de constituir novas unidades lexicais. Todavia, na dinâmica da articulação intranominal das formações nominais, os elementos mórficos são compreendidos como mobilizadores referenciais (isto é: formas conhecidas e reiteradas na língua), que se articulam às formas linguísticas, integrando visões e atitudes social e historicamente construídas, já que são carregados de significação e se atualizam enunciativamente ao serem integrados a diferentes formas linguísticas (Dias, 2025, no prelo). Nesse caminho, de que modo tal articulação se realiza no funcionamento da língua?

O processo enunciativo de formação de palavras - compreendido como articulação intranominal - ancora-se nos conceitos de referencial histórico e de pertinência enunciativa, uma vez que está alicerçado nas razões enunciativas que motivam as articulações internas ao nome. Nos termos de Dias (2018, p. 12), “as razões enunciativas da constituição da formação nominal não prescindem das regularidades estruturais, mas estão centradas numa ordem da materialidade do dizer cujo alcance é mais amplo e denso do que a horizontalidade das relações sintagmáticas”.

Sob essa ótica, empreendemos a análise da articulação intranominal que incide a partir da forma linguística *covid*, considerando-a como espaço de atualização de sentidos historicamente configurados e enunciativamente pertinentes. Para tanto, observamos quatro mobilizadores referenciais, são eles: *anti-*, *-ário*, *-fobia* e *-ão*⁷², os quais, ao serem integrados à forma base (seja *x-covid*, seja *covid-x*), ativam diferentes recortes de sentido que refletem nas enunciações filiadas ao referencial histórico da pandemia.

Vejamos a rede enunciativa representada na sequência (Quadro 24):

⁷² Selecionamos esses quatro mobilizadores referenciais, com base na recorrência em buscas no *Google*, visando evitar a sobreposição analítica e ressaltar o procedimento da articulação intranominal das FNs.

QUADRO 24 - Rede enunciativa 7: Articulação intranominal - FNs *anticovid*, *covidário*, *covidfobia* e *covidão*



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa rede enunciativa (7), há a forma linguística *covid* articulada intranominalmente por intermédio de diferentes elementos formativos entendidos, na perspectiva assumida, como mobilizadores referenciais: *anti-*, *-ário*, *-fobia* e *-ão*. De modo abrangente, de origem grega, o mobilizador referencial *anti-* atua na Língua Portuguesa indicando oposição, confronto ou negação em relação à forma base a qual ele é articulado (Bechara, 2009). Já o formativo *-ário*, ao seu modo, forma nomes de lugar, função ou pertencimento, mantendo o vínculo com a base por meio de uma relação de pertinência ou institucionalização (Cunha; Cintra, 2017). Por sua vez, o elemento formativo *-fobia*, também de origem grega, agrega à base a ideia de medo patológico, aversão ou repulsa (Bechara, 2009). Por fim, o mobilizador referencial *-ão*, de grande produtividade na Língua Portuguesa, marca substantivos derivados que indicam ação, processo ou, em usos expressivos, intensidade e grandiosidade (Cunha; Cintra, 2017).

Desse modo, à medida que esses mobilizadores referenciais (*anti-*, *-ário*, *-fobia* e *-ão*) se articulam intranominalmente à forma linguística *covid*, as FNs *anticovid*, *covidário*, *covidfobia* e *covidão* (articuladas também subnominalmente, como defendemos na seção 4.1) ganham pertinência enunciativa e passam a circular em diferentes enunciações relativas à

pandemia no domínio da perspectiva referencial da ciência, da política, bem como da dispersão social⁷³.

Damos início à análise relativa à articulação intranominal, examinando a formação nominal *anticovid*. Inserida no referencial histórico da pandemia da covid-19, essa FN se configura como uma forma linguística de alta produtividade na língua. Por meio dela, observa-se a ativação de um posicionamento enunciativo marcado pela negação ou oposição à covid-19. Assim, *anti-*, ao operar como mobilizador referencial, introduz uma significação que instaura uma postura de resistência, rejeição ou enfrentamento à pandemia, cujos efeitos de sentido variam de acordo com a perspectiva referencial em que a forma é mobilizada - seja na esfera científica, seja na política, seja na da dispersão social.

A seguir, examinaremos três ocorrências em que essa FN é empregada (Figuras 30, 31 e 32).

FIGURA 30 - (52) FN *anticovid*: perspectiva referencial da ciência



Fonte: Página Poder 360.⁷⁴

⁷³ Salientamos que essas perspectivas integram o recorte analítico adotado neste trabalho, conforme assinalado no tópico anterior. Ressaltamos, contudo, que não desconsideramos a possibilidade de que tais nomes possam circular em outros domínios discursivos. Ademais, convém destacar, uma vez mais que, no nosso entendimento, a perspectiva referencial da ciência posiciona-se na intersecção entre os campos médico e da saúde pública, acionando conhecimentos técnico-científicos. Por outro lado, a perspectiva referencial da política está relacionada a questões de natureza governamental e institucional. Já a perspectiva referencial da dispersão social diz respeito aos dizeres ancorados na vivência social, ou seja, nas práticas cotidianas impactadas pela pandemia.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/comite-anticovid-discute-meios-de-evitar-3a-onda-e-variante-indiana/>. Acesso em: 25 de junho de 2025.

FIGURA 31 - (53) FN *anticovid*: perspectiva referencial da política

Campanhas anticovid

Diretor de mídias da Secretaria de Comunicação Social (Secom) do Ministério das Comunicações, Ricardo de Freitas Martins da Veiga afirmou que desde fevereiro de 2020 o governo federal investiu cerca de R\$ 400 milhões em campanhas anticovid.

Fonte: Site Uol.⁷⁵

FIGURA 32 - (54) FN *anticovid*: perspectiva referencial da dispersão social



Fonte: Página DW - Deutsche Welle.⁷⁶

Na figura 30, a FN *anticovid*, pautada na perspectiva referencial da ciência, configura-se como um nome de atuação que orienta à contenção da pandemia. Ou seja, trata-se de uma formação nominal alicerçada na objetividade técnica, que confere ao comitê um caráter de oposição e enfrentamento direto ao vírus. Logo, sua mobilização representa uma enunciação que dá forma e sentido à ação científica no enfrentamento da pandemia, legitimando o comitê *anticovid* como um espaço de autoridade e racionalidade no combate à pandemia.

Ademais, a FN *anticovid* (Figura 31), alicerçada na perspectiva referencial da política, opera na legitimação de ações governamentais de controle da pandemia, as quais são associadas à responsabilidade pública. Assim, em 31, a formação nominal *anticovid* configura um

⁷⁵ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/comite-anticovid-discute-meios-de-evitar-3a-onda-e-variante-indiana/>. Acesso em: 25 de junho de 2025.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/milhares-protestam-contra-medidas-anticovid-na-europa/a-60375333>. Acesso em: 25 de junho de 2025.

posicionamento governamental, já que legitima práticas de comunicação institucional que se alinham a interesses políticos, no caso em questão, as campanhas *anticovid*.

Por sua vez, a FN *anticovid*, ancorada na perspectiva da dispersão social (Figura 32), assinala um conjunto de medidas - relativas ao combate à doença - que são contestadas socialmente por intermédio de sujeitos que as rejeitam, configurando, dessa maneira, posições de resistência frente às ações institucionais de controle sanitário. Sob esse viés, a FN *anticovid* não apenas nomeia ações de saúde pública, mas põe em cena um posicionamento social em meio à pandemia, revelando resistência (em relação às medidas *anticovid*) por meio de protestos, como é evidenciado na ocorrência 54.

Avançando, consideramos a formação nominal *covidário*, que, assim como a FN *anticovid*, emerge no referencial histórico da pandemia e perpassa pelo campo da ciência, da política e da dispersão social. Ela, ao seu modo, configura-se como uma forma que designa espaços ou locais vinculados à covid-19.

Observemos três ocorrências em que essa FN é acionada (55, 56 e 57).

FIGURA 33 - (55) FN *covidário*: perspectiva referencial da ciência



Fonte: Página da Prefeitura Municipal de Monte Santo - BA.⁷⁷

⁷⁷ Disponível em: <https://acessoainformacao.montesanto.ba.gov.br/covidario-municipal-de-monte-santo/>. Acesso em: 28 de junho de 2025.

FIGURA 34 - (56) FN *covidário*: perspectiva referencial da política



Fonte: Jornal Gazeta do Povo.⁷⁸

FIGURA 35 - (57) FN *covidário*: perspectiva referencial da dispersão social

Cuidados com a equipe

A princípio, as pessoas achavam amedrontador estar num hospital que só recebia casos de Covid-19 e apelidado de **covidário**. Mas por incrível que pareça, muitos da equipe relatavam que se sentiam mais seguros e protegidos ali dentro do que em um supermercado. Havia os EPIs e todos da equipe estavam conscientes e, ao mesmo tempo, se cuidavam. A equipe de limpeza era exímia na atitude corajosa de entrar nas UTIs para fazer a limpeza e a higienização dos quartos, do chão, tirar o lixo e desinfecção dos ambientes.

Fonte: Site Ultimato.⁷⁹

A FN *covidário*, no plano da ciência (Figura 33), designa um ambiente associado à covid-19, sobretudo, para fins de controle sanitário e estratégias de saúde pública. Ou seja, *covidário* é um espaço destinado ao tratamento exclusivo de pacientes contaminados pelo coronavírus, funcionando como “alas hospitalares específicas” ou “hospitais de campanha”.

Assim sendo, no exemplo 55, a FN *covidário* designa uma realidade emergencial e “improvisada”, marcada por precariedade, sobrecarga do sistema de saúde e falta de recursos. Logo, *covidário* atua como um marcador espacial de emergência, evidenciando as estratégias logísticas adotadas frente à rápida disseminação do vírus.

No campo político, a FN *covidário* passou a circular com frequência em dizeres institucionais, em âmbitos estaduais e municipais, como forma de apresentar iniciativas de combate à pandemia. No entanto, na figura 34, a FN *covidário* foi mobilizada de modo

⁷⁸ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/breves/desabafo-marcia-huculak-brasil-covidario/>. Acesso em: 28 de junho de 2025.

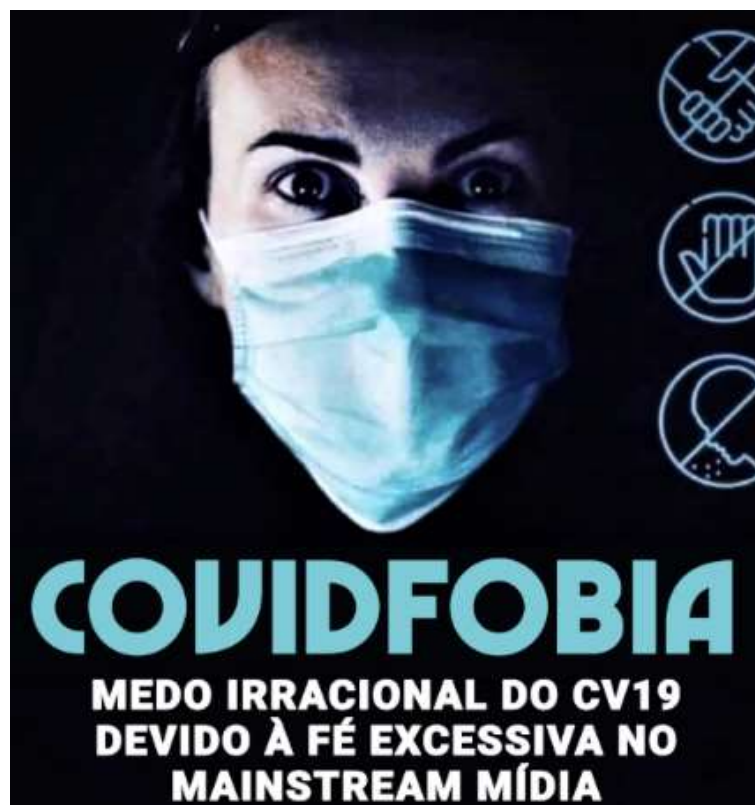
⁷⁹ Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-covidario-do-hospital-das-clinicas-do-caos-a-missao>. Acesso em: 28 de junho de 2025.

crítico/irônico para apontar a solução “improvisada” das políticas públicas de saúde, a falta de planejamento ou, até mesmo, o abandono institucional (como pode ser visto no enunciado: “Fizemos do Brasil um *covidário*”), tornando-se índice de críticas à má gestão ou à insensibilidade do poder público, assumindo, enunciativamente, função de denúncia.

Além disso, sob a perspectiva da dispersão social (Figura 35), a FN *covidário* - amplamente aceita e enunciada - adquire pertinência para nomear um local físico, mas, sobretudo, para revelar um espaço simbólico - “[...] apelidado de *covidário*”. Nessa direção, no excerto apresentado, 57, a FN *covidário* inscreve as tensões entre o cuidado e o abandono que atravessaram a vivência social da doença.

Prosseguindo, examinamos a formação nominal *covidfobia*, que, assim como as FNs *anticovid* e *covidário*, emerge como uma FN relevante no cenário pandêmico, tornando-se, desse modo, pertinente nos dizeres que circulam na sociedade. Vejamos os exemplos a seguir (58 e 59):

FIGURA 36 - (58) FN *covidfobia*: perspectiva referencial da ciência e da política



Fonte: Rede Social *Facebook*.⁸⁰

⁸⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=430259148769682&set=a.151314196664180>. Acesso em: 26 de junho de 2025.

FIGURA 37 - (59) FN *covidfobia*: perspectiva referencial da dispersão social



Fonte: Rede Social X.⁸¹

De modo geral, a formação nominal *covidfobia* emerge como uma construção linguística enunciativamente marcada por sentidos de aversão e medo irracional, que se articulam à experiência social da pandemia da covid-19. Ela, portanto, tem sido mobilizada (Figura 36) para descrever quadros psíquicos de ansiedade intensa e respostas emocionais desproporcionais ao risco real de contágio do vírus SARS-CoV-2. Nessa direção, *covidfobia* opera como uma categoria diagnóstica ou descritiva, vinculada ao impacto psicológico da pandemia sobre os seres humanos, especialmente diante da superexposição midiática ao perigo da doença. Nesse caso, essa FN assume, em 58, função de denúncia retórica (perspectiva política), sugerindo que determinadas decisões seriam movidas por um “medo coletivo” representado em diversas mídias sociais mais do que por evidências científicas (perspectiva científica).

Para mais, no campo da perspectiva referencial da dispersão social (Figura 37), a FN *covidfobia* circula de forma mais expressiva, muitas vezes associada a práticas discriminatórias contra as pessoas infectadas pelo vírus. Assim, o medo da covid-19 produziu situações de exclusão, rejeição e violência contra indivíduos considerados “vetores” da doença, o que

⁸¹ Disponível em: https://x.com/search?q=Covidfobia&src=typed_query. Acesso em: 26 de junho de 2025.

provoca a reconfiguração nas dinâmicas sociais de convivência, como é retratado no exemplo em questão (59).

Por fim, exploramos a formação nominal *covidão*, que se apresenta como uma forma linguística de caráter informal, que, em virtude da pandemia da covid-19, também se constitui como um neologismo amplamente produtivo na Língua Portuguesa. Vejamos, a seguir, uma ocorrência que recorta a FN *covidão* inserindo-a em diferentes perspectivas referenciais (60).

FIGURA 38 - (60) FN *covidão*: perspectiva referencial da ciência, da política e da dispersão social



Fonte: Página do Custódio.⁸²

A charge *Brasileirão-Covidão 2020* (Figura 38) envolve o universo esportivo e o período pandêmico, mobilizando a forma linguística *covidão* a qual condensa efeitos de sentido que articulam crítica, denúncia e ironia, deslocando o olhar do espectador não só para a banalização da pandemia, mas também para a ausência de controle estatal. Nela, a enunciação

⁸² Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasaude/planosdesaudestampoucoelucrammuito/>. Acesso em: 26 de junho de 2025.

se materializa na voz do vírus, personificado como jogador de futebol, cujo dizer - “*Estou bem preparado, pronto para derrubar defesas e derrotar todos que não acreditaram em mim*” - revela um posicionamento que interpela diretamente as pessoas que negaram a gravidade da covid-19. A resposta “*Em todos!*”, diante da pergunta “*Vai atuar em qual time?*”, inscreve um memorável que remete à disseminação generalizada do vírus e à falta de distinção entre os afetados, ao mesmo tempo em que ironiza a passividade social diante da crise sanitária. Assim sendo, a charge mobiliza uma reflexão atravessada pelos campos da ciência, da política e da dispersão social, evidenciando como os sentidos da pandemia são produzidos e ressignificados nos espaços cotidianos de circulação do dizer.

Essas últimas análises (*covidfobia* e *covidão*) demonstram que, embora as três perspectivas referenciais apresentem diferenças significativas na forma como orientam os sentidos da FN *covid-19*, é próprio do funcionamento linguístico que tais perspectivas se interpenetrem e coexistam em determinadas ocorrências. Isso se observa, por exemplo, na análise de *covidfobia* e *covidão*, em que a separação entre as perspectivas científica, política e da dispersão social se mostra menos marcada. Essa menor delimitação decorre, em grande medida, da natureza informal, característica da circulação desses nomes, que favorece a sobreposição de sentidos e a mobilização simultânea de críticas, ironias e denúncias. Nesse caso, como demonstrado na charge *Brasileirão-Covidão 2020*, a nomeação articula elementos dos três referenciais, revelando que as perspectivas podem operar de modo híbrido, tensionando e cruzando fronteiras entre seus domínios.

Diante disso, intentamos demonstrar que, para além da simples agregação dos elementos formativos em uma forma linguística, a articulação intranominal é mais um procedimento linguístico que se manifesta na organização dos sentidos sociais. Suas ativações em diferentes enunciações revelam como a língua foi afetada por formas de resistência, polarização e crítica, constituindo um campo semântico altamente marcado pelas dinâmicas sociais, históricas e políticas do período. Em vista disso, reiteramos que o estudo das formações nominais articuladas intranominalmente não pode se restringir a uma análise estritamente material dessas formas, antes deve considerar os efeitos de sentido mobilizados por essa articulação.

Para mais, a partir da análise da articulação intranominal que perpassa a forma linguística *covid*, observa-se que diferentes mobilizadores referenciais foram incorporados a sua estrutura, resultando em formações nominais que atualizam sentidos nos acontecimentos pandêmicos: *anticovid*, *covidário*, *covidfobia* e *covidão*. Logo, os mobilizadores, ao se articularem (intranominalmente) à forma *covid*, não apenas ampliam o léxico da pandemia, mas também refletem os embates em torno dessa crise sanitária.

Em vista disso, a importância da articulação intranominal reside no fato de que ela ultrapassa uma mera operação formal ou gramatical, uma vez que é essencial para a construção do sentido na linguagem. Assim, compreender a formação de palavras - a articulação intranominal - como um processo articulatório-enunciativo implica reconhecer a linguagem como um espaço dinâmico de produção de significações.

Cumprido acrescentar, novamente, que, no campo da articulação linguística, além das articulações subnominal (4.1) e intranominal (4.2), destacam-se também a articulação internominal - a qual será examinada de forma mais aprofundada na próxima seção (4.3) -, bem como a predicativa (4.4).

4.3 A internominalização: articulações entre o nome e seus convergentes e as razões enunciativas que as mobilizam

Em continuidade ao percurso analítico delineado neste estudo, após a análise da articulação subnominal (seção 4.1), bem como da articulação intranominal (seção 4.2), avançamos, nesta terceira seção (4.3), para a investigação das articulações entre o nome e seus convergentes e as razões enunciativas que as mobilizam. Antes de prosseguir, reiteramos que a divisão realizada se apoia em um enfoque metodológico, com o intuito de favorecer a sistematização e a clareza da análise desenvolvida. A partir deste ponto, portanto, direcionamos o nosso olhar para as formações nominais articuladas internominalmente.

O processo de internominalização das formações nominais, por sua vez, estabelece-se na articulação entre o nome-núcleo e o(s) determinante(s) que, de modo convergente, constituem os grupos nominais (Dias, 2018, 2023). Ou seja, trata-se de uma articulação que opera externamente ao nome. Porém, compreender a articulação de uma formação nominal internominal implica ir além da percepção de uma mera junção de dois ou mais elementos linguísticos que se associam linearmente. De modo mais preciso, compreender a articulação de uma formação nominal internominal consiste em concebê-la como um “bloco de significação”, em que os elementos linguísticos articulados - nome-núcleo e convergentes(s) - não apenas se somam, mas estabelecem entre si uma articulação semântico-enunciativa capaz de produzir sentido de forma integrada, ou seja, “em bloco”.

Por conseguinte, a articulação internominal, ao se integrar à dimensão enunciativa da língua, não se restringe a considerar apenas o(s) convergente(s) que se associa(m) ao nome-núcleo por meio da horizontalidade linguística (ou seja, os elementos linguísticos que se agregam à direita e/ou à esquerda do nome-núcleo), uma vez que ela também abrange os

referenciais históricos e as pertinências enunciativas que sustentam as FNs internominais em sua verticalidade, em virtude das razões enunciativas que fundamentam a sua mobilização no dizer. Em outras palavras, nos termos de Dias (2018, p. 118), “a abordagem da Semântica da Enunciação opera para abordar as motivações enunciativas das articulações que o nome contrai na constituição da unidade nominal complexa (grupo nominal)”.

Nessa direção, com o propósito de explicitar o processo de internominalização das formações nominais, elaboramos duas redes enunciativas - 8 e 9 - que retratam esse fenômeno. Especificamente, selecionamos FNs que, ancoradas no referencial histórico da pandemia da covid-19, mobilizam, de maneira orgânica e enunciativa, a forma linguística *covid* (ou *covid-19*). Observemos, a seguir, a análise dessas formações nominais. Para dar início, construímos a rede enunciativa 8 (Quadro 25).

QUADRO 25 - Rede enunciativa 8: Articulação internominal - nome-núcleo: *covid*

REDE ENUNCIATIVA 8: ARTICULAÇÃO INTERNOMINAL - NOME-NÚCLEO: <i>COVID</i>
(61) “Delírio é uma consequência comum de <i>covid severa</i> , diz estudo.” ⁸³
(62) “Mesmo os pacientes que apresentam quadros leves da doença, assim como os graves, podem desenvolver sintomas característicos da <i>covid longa</i> .” ⁸⁴
(63) “Estudos mostram que sintomas da covid podem perdurar meses e até mais de um ano. Isso seria sinal de <i>covid crônica</i> ?” ⁸⁵
(64) “Há cerca de três meses eu tive <i>covid sem sintomas aparentes</i> e desde então tenho notado que a comida parece sem graça ou muito doce.” ⁸⁶
(65) “Em casos raros, as pessoas podem receber <i>covid após a vacinação</i> .” ⁸⁷

Fonte: Elaborado pela autora.

⁸³ Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/delirio-e-uma-consequencia-comum-de-covid-severa-diz-estudo>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

⁸⁴ Disponível em: <https://portal.afya.com.br/clinica-medica/covid-longa-como-reconhecer-os-principais-sintomas>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

⁸⁵ Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/covid-cronica/>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

⁸⁶ Disponível em: https://www.reddit.com/r/DoesAnybodyElse/comments/1irxu40/dae_think_food_just_tastes_bland_or_okay/?tl=pt-br. Acesso em: 03 de julho de 2025.

⁸⁷ Disponível em: <https://suprevida.com.br/blog/em-casos-raros-as-pessoas-podem-receber-covid-apos-a-vacinacao/?srsltid=AfmBOopPlyYIVYetSmGaiTD7vwegYWU6mx28vW9LpffOaGmiJ11C5N7H>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

Na rede enunciativa 8, há em destaque cinco formações nominais, articuladas internominalmente, que possuem o mesmo nome-núcleo (*covid*) sobre o qual incidem diferentes convergentes, nomeadamente: *covid severa*, *covid longa*, *covid crônica*, *covid sem sintomas aparentes* e *covid após a vacinação*. Cada uma dessas FNs, a seu modo, atualiza, por intermédio da articulação internominal, o nome *covid*, em virtude dos convergentes - *severa*, *longa*, *crônica*, *sem sintomas aparentes* e *após a vacinação* - que se agregam a esse nome, conferindo-lhe especificidades referenciais. Dessa maneira, elas passam a operar como um ponto de atualização semântica do referente pandêmico, conforme os domínios em que se inscrevem - seja no campo da ciência, da política ou da dispersão social.

Estruturalmente, as formações nominais *covid severa*, *covid longa* e *covid crônica* são constituídas pelo nome-núcleo *covid* articulado a um convergente adjetival: *severa*, *longa* e *crônica*, respectivamente. Uma vez articulada internominalmente, a formação nominal *covid severa* intensifica o grau de gravidade atribuído à doença. Já a FN *covid longa* reclassifica a experiência da doença a partir de sua duração. Por sua vez, a FN *covid crônica* inscreve a doença em um regime de persistência patológica, aproximando-a de enfermidades de longa duração e de difícil erradicação.

Ademais, a formação nominal *covid sem sintomas aparentes* - constituída pelo nome-núcleo (*covid*), articulado a uma estrutura preposicionada (*sem sintomas aparentes*), a qual funciona como adjunto adnominal - evidencia a ausência de manifestações visíveis da doença. Por fim, a FN *covid após a vacinação* - formada pelo nome-núcleo (*covid*), articulado a uma estrutura preposicionada (*após a vacinação*), que atua como adjunto adnominal - associa o nome da doença a uma marca temporal que tenciona o dizer sobre a eficácia vacinal.

Em rede, essas formações nominais revelam não somente a produtividade da língua, mas também o funcionamento da linguagem como espaço de litígio de significações sobre a pandemia. Em outras palavras, tais FNs internominais distinguem diferentes formas de experienciar a covid e destacam a capacidade que o nome-núcleo *covid* tem de receber, por intermédio da articulação internominal, determinações que mobilizam os sentidos ligados à manifestação clínica da doença.

Para além disso, elaboramos outra rede enunciativa (9) em que o nome *covid-19* é mobilizado não mais como nome-núcleo, mas como convergente em formações nominais articuladas internominalmente. Vejamos (Quadro 26).

QUADRO 26 - Rede enunciativa 9: Articulação internominal - convergente: *covid-19*

REDE ENUNCIATIVA 9: ARTICULAÇÃO INTERNOMINAL - CONVERGENTE: COVID-19
(66) “ <i>Pandemia de covid-19</i> foi marcante por todos os aprendizados que deixou.” ⁸⁸
(67) “OMS diz que <i>curva da covid-19 no Brasil</i> está achatada[...].” ⁸⁹
(68) “ <i>Pacientes com covid-19</i> recebem alta e elogiam atendimento do hospital de Patos.” ⁹⁰
(69) “ <i>Nova onda de covid-19</i> : especialistas esclarecem dúvidas sobre a doença.” ⁹¹
(70) “ <i>A quarentena na covid-19</i> : orientações e estratégias de cuidado.” ⁹²

Fonte: Elaborado pela autora.

Na rede enunciativa 9, agrupamos cinco FNs que têm um mesmo elemento convergente (*covid-19*), são elas: *pandemia de covid-19*, *pacientes com covid-19*, *nova onda de covid-19*, *curva da covid-19 no Brasil* e *a quarentena na covid-19*. Nessas formações nominais, *covid-19* se articula internominalmente assumindo a função de elemento convergente dos nomes-núcleos: *pandemia*, *onda*, *quarentena*, *curva* e *pacientes*.

Com a realização da articulação internominal, a FN *pandemia de covid-19* retrata o fenômeno global de disseminação da doença, enfatizando o caráter coletivo do evento pandêmico. Já a FN *pacientes com covid-19* identifica a condição que caracteriza um grupo específico de pessoas que contraíram a doença, focando na experiência individual e clínica do adoecimento. A FN *nova onda de covid-19* atualiza o sentido temporal e dinâmico da pandemia, destacando o recrudescimento dos casos nas fases (ondas) da doença.

Por sua vez, *curva da covid-19 no Brasil* é uma FN que inscreve a doença no âmbito do controle epidemiológico, ao representar a evolução dos casos, com destaque para o território brasileiro. Por fim, a FN *a quarentena na covid-19* destaca as medidas de isolamento social impostas em resposta à pandemia, trazendo à tona dimensões políticas, sociais e cotidianas relacionadas ao enfrentamento da doença.

⁸⁸ Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/pandemia-de-covid-19-foi-marcante-por-todos-os-aprendizados-que-deixou/>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

⁸⁹ Disponível em: <https://www.cruzeirofm.com.br/2020/08/10/noticias/jornalismo/oms-diz-que-curva-da-covid-19-no-brasil-esta-achatada-e-hidroxicloroquina-nao-e-solucao/>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

⁹⁰ Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/pacientes-com-covid-19-recebem-alta-e-elogiam-atendimento-no-hospital-de-patos>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

⁹¹ Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/nova-onda-de-covid-19-tire-suas-duvidas/>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

⁹² Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.com.br/a-quarentena-na-covid-19-orientacoes-e-estrategias-de-cuidado/>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

Ademais, frente a análise das FNs presentes nas duas redes enunciativas expostas anteriormente (8 e 9), podemos analisar que a alternância (ora nome-núcleo, ora convergente) revela, além de um deslocamento de ordem sintático-semântica das FNs, a produtividade que o nome *covid* (ou *covid-19*) possui de se articular internominalmente, mobilizando diversos sentidos nos acontecimentos enunciativos sobre a pandemia. Assim sendo, as formações nominais articuladas em torno da forma linguística *covid* (ou *covid-19*) não se limitam à simples nomeação de eventos vinculados ao período pandêmico, já que, ao constituírem “blocos” de sentido (isto é, grupos nominais), participam significativamente da dinâmica enunciativa do dizer.

Neste estágio da investigação, torna-se imperativo retomar o pressuposto que a sustenta: podem as articulações linguísticas coexistir e operar em paralelo em uma mesma formação nominal? À luz das análises realizadas, a resposta se apresenta como afirmativa. Diante disso, e com base nas formações nominais analisadas nesta seção - em especial nas redes enunciativas 8 e 9 -, de que modo se manifesta a coexistência de diferentes articulações linguísticas em uma mesma formação nominal?

As formações nominais *covid severa*, *covid longa*, *covid crônica*, *covid sem sintomas aparentes*, *covid após a vacinação*, *pandemia de covid-19*, *pacientes com covid-19*, *nova onda de covid-19*, *curva da covid-19 no Brasil* e *a quarentena na covid-19* são unidades nominais que possuem significação na língua, portanto, se articularam subnominalmente. Logo, reforçamos que o processo de subnominalização é condição de existência para todas as formações nominais, conforme já defendemos anteriormente. Além disso, como acabamos de elucidar, todas essas FNs se articulam internominalmente, visto que, organicamente, apresentam nome-núcleo e convergente(s). Nessa direção, estamos afirmando que todas elas se articulam tanto subnominalmente quanto internominalmente.

Para mais, dentre essas FNs, há três que se subnominalizaram por intermédio da articulação intra e internominal, são elas: *covid após a vacinação*, *pandemia de covid-19* e *a quarentena na covid-19*. Expliquemos. Essas formações nominais, como demonstramos, articulam-se subnominalmente, pois são unidades pertinentes de significação na língua, e internominalmente, à medida que apresentam, de maneira orgânica, nome-núcleo e convergente. Ademais, elas são articuladas de forma intranominal, uma vez que o elemento convergente da primeira e o nome-núcleo da segunda e da terceira apresentam formas linguísticas articuladas, internamente, por mobilizadores referenciais, são eles: *vacinação*, *pandemia* e *quarentena*, respectivamente.

Com base no percurso desenvolvido até aqui, constatamos que, para se subnominalizar (ou seja, tornar-se uma unidade significativa na língua), um nome pode simplesmente se submeter ao processo de subnominalização, pode se intranominalizar ou ainda se internominalizar. Além disso, há subnominalizações que se concretizam, simultaneamente, por meio da internominalização e da intranominalização. Para ilustrar, no quadro subsequente (Quadro 27), sistematizamos os exemplos previamente examinados no decorrer deste capítulo.

QUADRO 27 - Os processos articulatórios das formações nominais: subnominalização, intranominalização e internominalização

OS PROCESSOS ARTICULATÓRIOS DAS FORMAÇÕES NOMINAIS: SUBNOMINAL, INTRANOMINAL E INTERNOMINAL			
Subnominalização	Subnominalização e Intranominalização	Subnominalização e Internominalização	Subnominalização e Intranominalização e Internominalização
FN: <i>covid-19</i>	FN: <i>anticovid</i> FN: <i>covidário</i> FN: <i>covidfobia</i> FN: <i>covidão</i>	FN: <i>covid severa</i> FN: <i>covid longa</i> FN: <i>covid crônica</i> FN: <i>covid sem sintomas aparentes</i> FN: <i>pacientes com covid-19</i> FN: <i>nova onda de covid-19</i> FN: <i>curva da covid-19 no Brasil.</i>	FN: <i>covid após a vacinação</i> FN: <i>pandemia de covid-19</i> FN: <i>a quarentena na covid-19</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

À luz dessas análises, observa-se que o nome *covid-19* (ou simplesmente *covid*), subnominalizado para nomear uma nova realidade sanitária, a pandemia, revela elevado potencial articulatório na língua, constituindo outras formações nominais articuladas por diferentes processos articulatórios (Quadro 27) que, ancoradas no referencial histórico da

pandemia, atualizam sentidos diversos conforme as perspectivas sociais que as mobilizam enunciativamente.

Outrossim, com o intuito de aprofundarmos ainda mais a nossa análise sobre a articulação internominal das FNs (isto é, o processo articulatório alvo desta seção), analisamos sob a ótica da ciência, da política e da dispersão social duas formações nominais amplamente enunciadas no período pandêmico: *novo normal* e *auxílio emergencial*. Começemos com a FN *novo normal*.

A formação nominal *novo normal* se tornou recorrente nos dizeres sociais para reconfigurar o modo de vida vigente a partir da crise sanitária provocada pela pandemia da covid-19. Ela, por seu modo, é uma FN que se subnominalizou por intermédio da articulação internominal, uma vez que é formada estruturalmente por um nome-núcleo (*normal*) e um convergente (*novo*).

Nessa direção, a formação nominal *novo normal* funciona enunciativamente - “em bloco” - como um nome (grupo nominal) que mobiliza valores, práticas e vivências em torno da pandemia. Para exemplificar, elegemos três ocorrências em que essa FN está inserida (Figuras 39, 40 e 41).

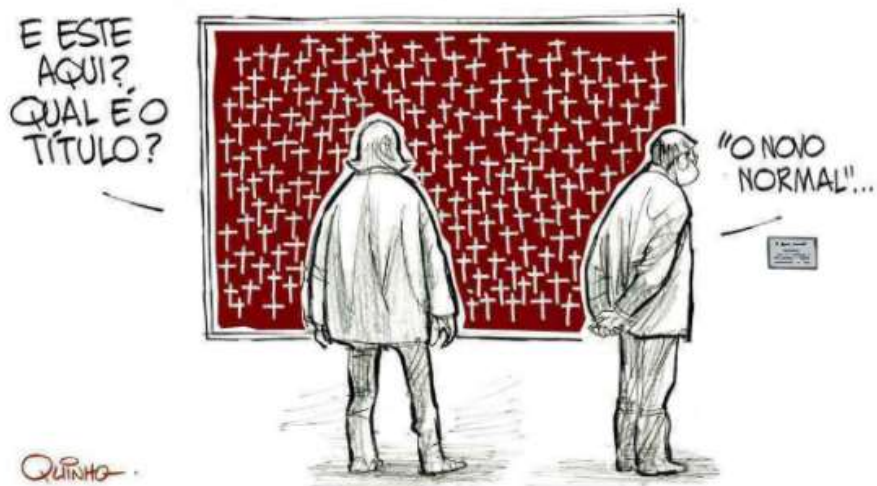
FIGURA 39 - (71) FN *novo normal*: perspectiva referencial da ciência



Fonte: Site de vendas.⁹³

⁹³ Disponível em: <https://www.magazineluiza.com.br/kit-10-placas-de-um-novo-normal-use-mascara-36x46-sinalizo/p/kc7hff39hj/pi/psds/> Acesso em: 11 de junho de 2025.

FIGURA 40 - (72) FN *novo normal*: perspectiva referencial da política



Fonte: Jornal Correio Braziliense.⁹⁴

FIGURA 41 - (73) FN *novo normal*: perspectiva referencial da dispersão social



Fonte: Jornal Diário do Rio.⁹⁵

⁹⁴

Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/07/24/internas_opiniao,874865/charge.shtml. Acesso em: 11 de junho de 2025.

⁹⁵ Disponível em: <https://diariodorio.com/charge-de-domingo-por-rodri-go-magalhaes-6/>. Acesso em: 11 de julho de 2025.

Na ocorrência 71, há uma placa com os dizeres “*Um novo normal. Use máscara*”, acompanhada da referência à “*Lei nº 17.340/2020*”⁹⁶, que se configura como um enunciado científico de caráter normativo que evidencia a atuação da linguagem na construção de sentidos durante a pandemia da covid-19. Ao mobilizar a FN *novo normal* (Figura 39), ancora-se a emergência sanitária em um dizer de adaptação social, no qual práticas como o uso de máscara passam a ser naturalizadas como rotina. Assim, a FN *novo normal* não se limita à nomeação de uma nova realidade, mas opera como um mecanismo de legitimação de condutas obrigatórias, sustentadas por um dizer científico. Ademais, a força do imperativo “*Use máscara*” interpela o cidadão de maneira direta e universal, reforçando a dimensão coletiva da responsabilidade frente ao enfrentamento da pandemia de coronavírus.

Já em 72, a charge reinterpreta o *novo normal* como um quadro repleto de cruzes brancas sobre um fundo vermelho, simbolizando os mortos pela covid-19. Quando observada sob a perspectiva política, ela revela como o dizer “oficial” do *novo normal* pode ser usado para normalizar a tragédia e ocultar responsabilidades do Estado. Nela (Figura 40), há uma pergunta proferida por um dos personagens - “*E este aqui? Qual é o título?*” - a qual é respondida, pelo outro personagem, com a legenda que nomeia o quadro como “*O novo normal*”. Desse modo, a resposta expõe uma crítica ao uso do termo como eufemismo para a tragédia social, disfarçando uma realidade de milhares de mortes.

E, em 73, o enunciado “*Não te reconheci sem máscara!*” revela uma inversão de expectativas sociais. Tradicionalmente, a ausência de máscara era a condição “natural” do reconhecimento facial e da interação entre sujeitos. No período pandêmico - e sobretudo naquilo que se convencionou chamar de *novo normal* -, a máscara passou a ser referência de identidade, cuidado e normalidade (*novo normal*). Essa inversão, por sua vez, é representativa de uma ruptura nas referências de sociabilidade, típica da dispersão social, em que o contato direto é substituído pelo distanciamento visando à proteção. Enunciativamente, a charge (Figura 41) inscreve a sociedade em um novo regime de interação (*novo normal*), no qual os antigos modos de convivência foram desestabilizados. Por conseguinte, sob a perspectiva da dispersão social, ela demonstra que, mesmo em situações cotidianas e aparentemente banais, a pandemia deixou efeitos duradouros sobre os modos de ser, de reconhecer o outro e de se situar no mundo.

Além do exposto, ainda no campo da articulação internominal, exploramos a FN *auxílio emergencial*. Ela é uma formação nominal que se subnominalizou para nomear um Programa Social do Governo Federal: o Auxílio Emergencial. Articulatoriamente, essa subnominalização

⁹⁶ Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-17340-de-30-de-abril-de-2020>. Acesso em: 21 de julho de 2025.

se efetivou por meio da intranominalização e da internominalização, visto que essa FN é constituída pelo nome-núcleo *auxílio* articulado ao convergente *emergencial*. E esse convergente, por seu turno, articula-se internamente.

Enunciativamente, assinalamos que a formação nominal *auxílio emergencial* emerge no âmbito da perspectiva referencial da política, nomeando uma medida de suporte econômico implementada pelo Estado. Assim, o uso dessa FN ocorre predominantemente nessa esfera, tangenciando o campo da ciência, que, embora seja frequentemente acionado para fundamentar decisões relativas a políticas públicas - por exemplo, dados epidemiológicos ou estudos econômicos -, não constitui um domínio direto de circulação dessa nomeação. Nessa direção, a perspectiva referencial da ciência se dilui em função do próprio domínio de circulação da FN *auxílio emergencial*. Dito isso, para exemplificar, apresentamos a seguir duas enunciações que situam, respectivamente, essa formação nominal nos campos da política e da dispersão social (Figuras 42 e 43).

FIGURA 42 - (74) FN *auxílio emergencial*: perspectiva referencial da política



Fonte: Blog do Genildo.⁹⁷

⁹⁷ Disponível em: <http://www.genildo.com/search?q=Aux%C3%ADlio+emergencial>. Acesso em: 16 de julho de 2025.

FIGURA 43 - (75) FN *auxílio emergencial*: perspectiva referencial da dispersão social



Fonte: Blog do J. Bosco.⁹⁸

A primeira charge (Figura 42) inscreve o *auxílio emergencial* no campo da política. Nela, o então presidente Jair Bolsonaro aparece entregando pessoalmente o valor de seiscentos reais (R\$600,00) a um trabalhador ajoelhado - figura do entregador de aplicativo, que se configura como símbolo de uma das formas de trabalho precário durante a pandemia - cercado por câmeras e celulares. Nessa situação, a presença massiva da mídia revela um caráter performático: mais do que garantir o auxílio, a ação busca visibilidade e capital político.

Por sua vez, na segunda charge (Figura 43), observa-se a figura de um cidadão que, ao procurar uma cartomante para ler a “linha da pobreza” em sua mão, evidencia uma situação de desamparo social. A referência explícita ao *auxílio emergencial* - inscrita no topo da imagem -, aliada à ausência de qualquer aparato institucional, compõe uma crítica à negligência do Estado diante da crise social agravada pela pandemia. A cartomante, símbolo tradicional de incerteza e misticismo, assume, em 75, simbolicamente o lugar do Estado, sugerindo que, diante da precariedade e da ausência efetiva de garantias sociais, as pessoas em situação de vulnerabilidade são levadas a depositar suas esperanças mais no acaso do que na efetivação de direitos. No caso em questão, o direito em jogo é o próprio *auxílio emergencial* que, embora previsto como medida de proteção social, é inacessível ou incerto para muitos.

Para finalizar, acrescentamos que, para além dos processos articulatórios responsáveis pela constituição das formações nominais, há também a articulação predicativa. Assim, uma vez subnominalizada - seja de forma independente, seja intranomialmente, seja

⁹⁸ Disponível em: <https://jboscocartuns.blogspot.com/p/charges.html>. Acesso em: 16 de julho de 2025.

internominalmente ou ainda intra e internominalmente - a FN passa a estabelecer articulação de natureza predicativa. É o que veremos na próxima seção (4.4).

4.4 Do nome à predicação: as articulações predicativas e a mobilização enunciativa da FN *covid-19*

Até o estágio anterior da análise, examinamos as articulações linguísticas envolvidas no processo de constituição das formações nominais, o que nos permitiu confirmar a tese de que as formações nominais podem se articular por intermédio de mais de um processo articulatório. De forma mais específica, como já pontuamos, há FNs que se articulam apenas subnominalmente, há FNs que se articulam subnominalmente e intranominalmente, há FNs que se articulam subnominalmente e internominalmente, e, ainda, há FNs que se articulam subnominalmente, intranominalmente e internominalmente.

Nesta seção, dedicamo-nos às articulações predicativas, com especial atenção às relações que se estabelecem entre as formações nominais e a predicação que as envolvem. Assim, sob a perspectiva enunciativa, a articulação predicativa se dá quando uma formação nominal se integra em um enunciado e ativa um verbo, retirando-o do infinitivo. Nesse processo, o verbo funciona como elemento central, articulando as formações nominais que, de forma correspondente, passam a ocupar os lugares sintáticos nos enunciados: lugar de sujeito e lugar de objeto, por exemplo (Dias, 2023). Em vista disso, acrescentamos que, para Dias (2025, p. 47, no prelo), “[...] o lugar sintático acionador da predicação corresponde ao sujeito, e o lugar sintático projetado pelo verbo, no interior da predicação, corresponde ao objeto verbal”.

Dessa forma, nos termos de Dias (2025, p. 48, no prelo), “[...] um dos fundamentos de consistência e unidade do enunciado está na articulação entre as suas partes, especificamente nos lugares sintáticos que se articulam com verbos, propiciando a entrada de formações nominais na enunciação”. Nessa direção, o foco da abordagem enunciativa da sintaxe concentra-se na relação que o nome - compreendido como formação nominal - estabelece com os demais elementos do enunciado.

Isso posto, iniciamos a discussão. Do ponto de vista metodológico, apresentamos quatro redes enunciativas (10, 11, 12 e 13) formadas, cada uma com sua particularidade, por três enunciados que articulam predicativamente as formações nominais *covid-19* (Quadro 28); *covidário* (Quadro 29); *covid longa* (Quadro 30) e *pandemia de covid-19* (Quadro 31). Cabe ressaltar que, nas seções anteriores, já examinamos a constituição articulatória dessas FNs, o que nos permite, neste momento, avançar para a análise das articulações predicativas.

Assim sendo, selecionamos enunciados que se ancoram no referencial histórico da pandemia e que perpassam, cada um à sua maneira, as perspectivas referenciais da ciência, da política e da dispersão social. Para fins de sistematização analítica, em cada uma das redes enunciativas (10, 11, 12 e 13), organizamos os enunciados da seguinte maneira: o primeiro remete à perspectiva da ciência; o segundo, à perspectiva política; e o terceiro, à dimensão da dispersão social.

Recordemos que, na primeira perspectiva, inscrevem-se as enunciações voltadas às questões médicas e de saúde pública, mediados por saberes técnico-científicos. A segunda contempla as questões de natureza institucional e governamental. Já a última abrange os dizeres vinculados à vida social afetada pela pandemia. Iniciemos, portanto, a análise da articulação predicativa, tomando como ponto de partida a rede enunciativa 10 (Quadro 28).

QUADRO 28 - Rede enunciativa 10: Articulação predicativa de uma formação nominal subnominal: *covid-19*

REDE ENUNCIATIVA 10: ARTICULAÇÃO PREDICATIVA DE UMA FN SUBNOMINAL
(76) “A <i>covid-19</i> teve um efeito catastrófico no mundo, resultando em mais de 6 milhões de mortes em todo o mundo. Surgiu como a crise de saúde global mais grave desde a pandemia de 1918. À medida que o vírus sofre mutações, as diretrizes de tratamento são alteradas para refletir as terapias mais eficazes.” ⁹⁹
(77) “Em pronunciamento no rádio e na TV na noite desta terça-feira (24), o presidente Jair Bolsonaro afirmou que o novo coronavírus (<i>covid-19</i>) está sendo enfrentado e pediu calma à população. ‘Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos’, disse o presidente.” ¹⁰⁰
(78) “Na primeira semana em que Maximowski retornou ao emprego, teve contato com um colega que estava com <i>covid-19</i> . Nesse período, a esposa e a filha também contraíram o vírus e os três ficaram isolados em casa.” ¹⁰¹

Fonte: Elaborado pela autora.

⁹⁹ Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK554776/>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-03/bolsonaro-pede-calma-e-diz-que-pais-vencera-novo-coronavirus?>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

¹⁰¹ Disponível em: <https://www3.unicentro.br/colmeia/2023/02/02/historias-alem-dos-numeros-relatos-e-memorias-de-pessoas-que-perderam-familiares-para-o-covid-19/>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

Os enunciados supracitados (rede enunciativa 10) mobilizam predicativamente a formação nominal *covid-19*, que, como já analisamos (seção 4.1), é constituída pela articulação linguística subnominal. No enunciado 76, a FN *covid-19* ocupa o lugar sintático de sujeito, que, enunciativamente, articula-se com o verbo “*teve*”, o qual atua como núcleo da predicação, estabelecendo uma relação de consequência com o objeto verbal. Assim como em 76, no enunciado 77, ao se articular de modo predicativo, a FN *covid-19* ocupa o lugar sintático de sujeito que se articula ao pelo predicado verbal “*está sendo enfrentado*”, formado por um verbo auxiliar de tempo, “*estar*”, pelo gerúndio do verbo ser, “*sendo*”, e pelo verbo principal no particípio, “*enfrentado*”, configurando um processo em desenvolvimento. Por último, no enunciado 78, a FN *covid-19* integra uma estrutura predicativa associada ao verbo de ligação “*estava*” funcionando, dessa forma, como predicativo do sujeito.

Dito isso, passemos à análise da próxima rede enunciativa (11), estruturada a partir da formação nominal *covidário* (Quadro 29).

QUADRO 29 - Rede enunciativa 11: Articulação predicativa de uma formação nominal subnominalizada intranominalmente: *covidário*

REDE ENUNCIATIVA 11: ARTICULAÇÃO PREDICATIVA DE UMA FN SUBNOMINALIZADA INTRANOMINALMENTE
(79) “Depois de colocar em prática o que ficou chamado de um ‘ <i>covidário</i> ’, um local de tratamento exclusivo para a doença, o local já está com sua taxa lotação perto do esgotamento.” ¹⁰²
(80) “Reaberto nesta terça-feira, 11, o <i>covidário</i> de nosso município irá operar de segunda a sexta-feira, [...], por conta da alta demanda de pessoas contaminadas com o novo coronavírus. O espaço foi reaberto no ambulatório do PS, mesmo local do ano passado.” ¹⁰³
(81) “O <i>covidário</i> , porém, é espaçoso. Fui instalada numa sala ampla, com acessos para oxigênio, dividida por um biombo e tendo do outro lado um paciente grave, deduzo, pelos bipes do equipamento que o monitora e pelas constantes idas e vindas da equipe médica.” ¹⁰⁴

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁰² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/30/medico-conta-como-hc-sp-montou-covidario-e-pede-manutencao-do-isolamento.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

¹⁰³ Disponível em: <https://www.dourado.sp.gov.br/noticia/1378/covidario-reaberto/>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/artigo/2021/07/30/um-domingao-no-covidario>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

A rede enunciativa (11) foi constituída por três enunciados que acionam, de modo predicativo, a formação nominal *covidário*. Essa FN, conforme já analisamos (seção 4.2), é subnominalizada por intermédio da articulação intranominal. Vejamos, a seguir, como essa FN se articula predicativamente nas enunciações em que está inserida (Quadro 29).

Em 79, a FN *covidário* ocupa o lugar sintático de predicativo do objeto direto, o qual foi acionado pela articulação estabelecida por meio do verbo “*ficar*”, de valor auxiliar aqui, acompanhado do particípio “*chamado*”. Já, nos enunciados 80 e 81, ao ser articulada predicativamente, a FN *covidário* ocupa o lugar sintático de sujeito.

No enunciado 80, o predicado, expresso pela locução verbal “*irá operar*” indica uma ação futura e intencional, destacando a atividade contínua do *covidário*. No enunciado 81, por sua vez, o verbo “*é*”, verbo de ligação, estabelece uma relação de atribuição entre o *covidário* (sujeito) e a característica expressa pelo predicativo “*espaçoso*”.

Outrossim, sigamos com a análise predicativa da formação nominal *covid longa* (Quadro 30).

QUADRO 30 - Rede enunciativa 12: Articulação predicativa de uma formação nominal subnominalizada internominalmente: *covid longa*

REDE ENUNCIATIVA 12: ARTICULAÇÃO PREDICATIVA DE UMA FN SUBNOMINALIZADA INTERNOMINALMENTE
(82) “ <i>Covid longa</i> é uma nova doença e afeta o trabalho da maioria dos infectados, apontam estudos.” ¹⁰⁵
(83) Nota Técnica da Rede de Pesquisa Solidária relata falta de dados sobre <i>covid longa</i> por órgãos do governo e a necessidade de políticas públicas sobre o assunto. ¹⁰⁶
(84) “‘Minha vida inteira foi arrancada de mim - como aconteceu com tantos outros com <i>covid longa</i> . Tivemos uma grande crise de identidade’, diz ela.” ¹⁰⁷

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/covid-longa-e-uma-nova-doenca-e-afeta-o-trabalho-da-maioria-dos-infectados-apontam-estudos>. Acesso em: 27 de julho de 2025.

¹⁰⁶ Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/covid-longa-carece-de-dados-e-de-diretrizes-de-encaminhamento-no-brasil/>. Acesso em: 27 de julho de 2025.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/12/27/covid-longa-ainda-tenho-que-escolher-entre-andar-ou-falar.ghtml>. Acesso em: 27 de julho de 2025.

Em 30, a rede enunciativa (12) foi formada por meio de três enunciados que acionam, de modo predicativo, a formação nominal *covid longa*. Ela, por seu turno, consoante examinamos anteriormente (seção 4.3), é subnominalizada por intermédio da articulação internominal. No primeiro enunciado (82), a FN *covid longa* ocupa o lugar sintático de sujeito articulado ao verbo de ligação "é", que estabelece uma relação de equivalência entre o sujeito "covid longa" e o predicativo "uma nova doença". No segundo enunciado, 83, por sua vez, a FN *covid longa* ocupa o lugar sintático de complemento nominal, especificamente em "falta de dados sobre covid longa", onde *covid longa* atua como o referente temático da informação cuja ausência é relatada. No terceiro enunciado dessa rede (84), FN *covid longa* - ao ocupar o lugar de complemento "com tantos outros com covid longa" - articula-se, predicativamente, ao verbo "aconteceu". Dentro desse complemento, a formação nominal *covid longa* qualifica o referente "tantos outros", especificando a condição que une essas pessoas: a vivência de enfrentar a *covid longa*.

Por último, observemos a rede enunciativa 13 (Quadro 31), a qual é constituída por enunciados que articulam predicativamente a FN *pandemia de covid-19*.

QUADRO 31 - Rede enunciativa 13: Articulação predicativa de uma formação nominal subnominalizada intra e internominalmente: *pandemia de covid-19*

REDE ENUNCIATIVA 13: ARTICULAÇÃO PREDICATIVA DE UMA FN SUBNOMINALIZADA INTRA E INTERNOMINALMENTE
(85) "O Comitê avalia que 'a <i>pandemia de covid-19</i> provavelmente está em fase de transição'. O diretor da OMS lamentou que pouquíssimas pessoas estejam vacinadas contra o vírus, seja por falta de vacinas ou por desconfiança, apesar de vários estudos comprovarem seus efeitos positivos." ¹⁰⁸
(86) "Recentemente, em um período em que o país bateu sucessivamente o recorde no número de mortes por dia, o presidente criticou também o uso de máscaras, medida com eficácia comprovada, defendida por especialistas de todo o mundo e reforçada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Inclusive, na última sexta-feira, 5, o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom, chegou a declarar que o Brasil precisa levar a sério a <i>pandemia de covid-19</i> ." ¹⁰⁹

¹⁰⁸ Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/01/30/oms-mantem-nivel-maximo-de-alerta-para-a-pandemia-de-covid-19.htm?utm_source=chatgpt.com&cmpid=copiaecola. Acesso em: 28 de julho de 2025.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/negacionismo-do-governo-no-enfrentamento-a-covid-19-prejudica-imagem-do-brasil-no-exterior>. Acesso em: 28 de julho de 2025.

**REDE ENUNCIATIVA 13: ARTICULAÇÃO PREDICATIVA DE UMA FN
SUBNOMINALIZADA INTRA E INTERNOMINALMENTE**

(87) “A *pandemia de covid-19* mostrou que atitudes individuais têm impacto coletivo”, disse o trabalhador ao chegar à empresa.¹¹⁰

Fonte: Elaborado pela autora.

Na rede enunciativa 13, constatamos as articulações predicativas estabelecidas em decorrência da FN *pandemia de covid-19*. Essa formação nominal, de acordo com as análises que realizamos (seção 4.3), é subnominalizada tanto pela articulação intranominal quanto pela articulação internominal. Podemos observar, agora, como ela também se articula, de modo predicativo, ao ser mobilizada enunciativamente.

No enunciado 85, a FN *a pandemia de covid-19* ocupa o lugar sintático de sujeito que está articulado, predicativamente, ao verbo de ligação “*está*”, que relaciona o sujeito ao predicativo “*em fase de transição*”, atribuindo um estado temporário à pandemia. Ademais, no enunciado 86, a formação nominal *pandemia de covid-19* atua como objeto direto do verbo “*levar*”: “*levar a sério a pandemia de covid-19*”. Por fim, no enunciado 87, assim como em 85, a FN *pandemia de covid-19* ocupa o lugar de sujeito. Enunciativamente, ela se articula ao predicado estruturado pelo verbo “*mostrou*”, o qual indica uma ação de revelação, destacando a aprendizagem decorrente do fenômeno vivenciado: *a pandemia de covid-19*.

Conforme as análises realizadas nesta seção, após serem subnominalizadas - cada uma ao seu modo - por meio dos diferentes processos articulatórios que as constituem, as formações nominais *covid-19* (Rede enunciativa 10), *covidário* (Rede enunciativa 11), *covid longa* (Rede enunciativa 12) e *pandemia de covid-19* (Rede enunciativa 13) foram mobilizadas em distintos acontecimentos enunciativos e, a partir disso, passaram também a se articular predicativamente.

4.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo, examinamos os quatro processos articulatórios estudados por Dias (2018, 2023, 2025): a articulação subnominal, a intranominal, a internominal e a articulação predicativa. Os três primeiros dizem respeito às articulações linguísticas que operam na constituição das formações nominais. O último, por sua vez, refere-se às articulações

¹¹⁰ Construção própria.

estabelecidas entre essas formações nominais e a predicação, evidenciando, desse modo, como tais nomes se integram ao enunciado.

Primeiramente, na seção 4.1, abordamos a articulação subnominal, a qual é responsável pela constituição dos nomes na língua por meio do processo de condensação de enunciados descritivos em unidade nominal básica em posição temática. E, ao enfatizar o caráter estruturante da subnominalização no conjunto dos processos articulatórios, propomos que ela se configura como uma condição fundante para as formações nominais.

Em seguida, na seção 4.2, apreendemos a articulação intranominal, que se estabelece internamente ao nome, destacando a relação entre a forma linguística e o elemento formativo que atua como mobilizador referencial na constituição da formação nominal.

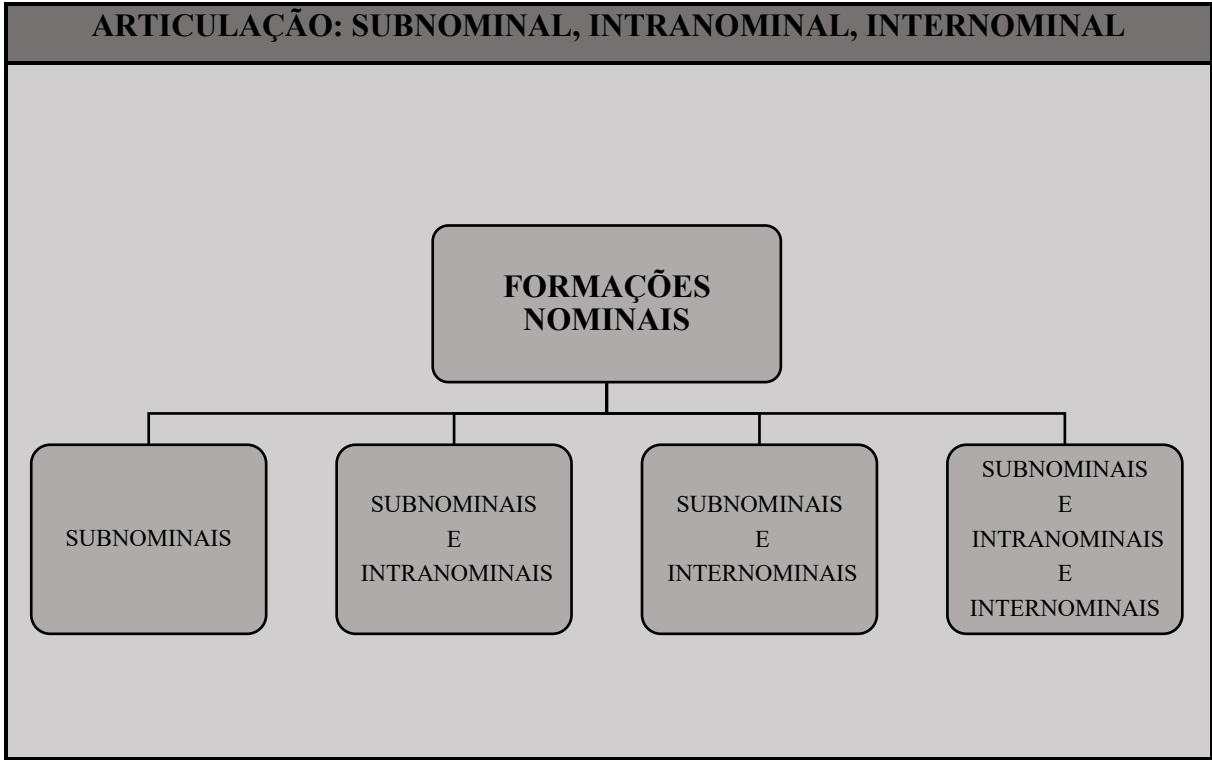
Logo após, na seção 4.3, compreendemos a articulação internominal, a qual se manifesta externamente ao nome, estabelecendo relações entre o nome-núcleo e o(s) convergente(s) responsáveis pela configuração da formação nominal.

Em vista disso, acentuamos que, ao se subnominalizar, as formações nominais podem se constituir por meio de articulações intranominais ou internominais ou, ainda, pela combinação de ambas. Tal constatação sustenta a proposição que formulamos nesta pesquisa.

Por fim, na seção 4.4, exploramos a articulação predicativa, responsável por integrar os nomes nos enunciados, articulando a formação nominal e o verbo por meio da predicação. Nesse ponto, é possível constatar que, quaisquer que sejam os processos articulatórios responsáveis pela constituição das formações nominais, sua integração aos enunciados implica necessariamente uma articulação de natureza predicativa.

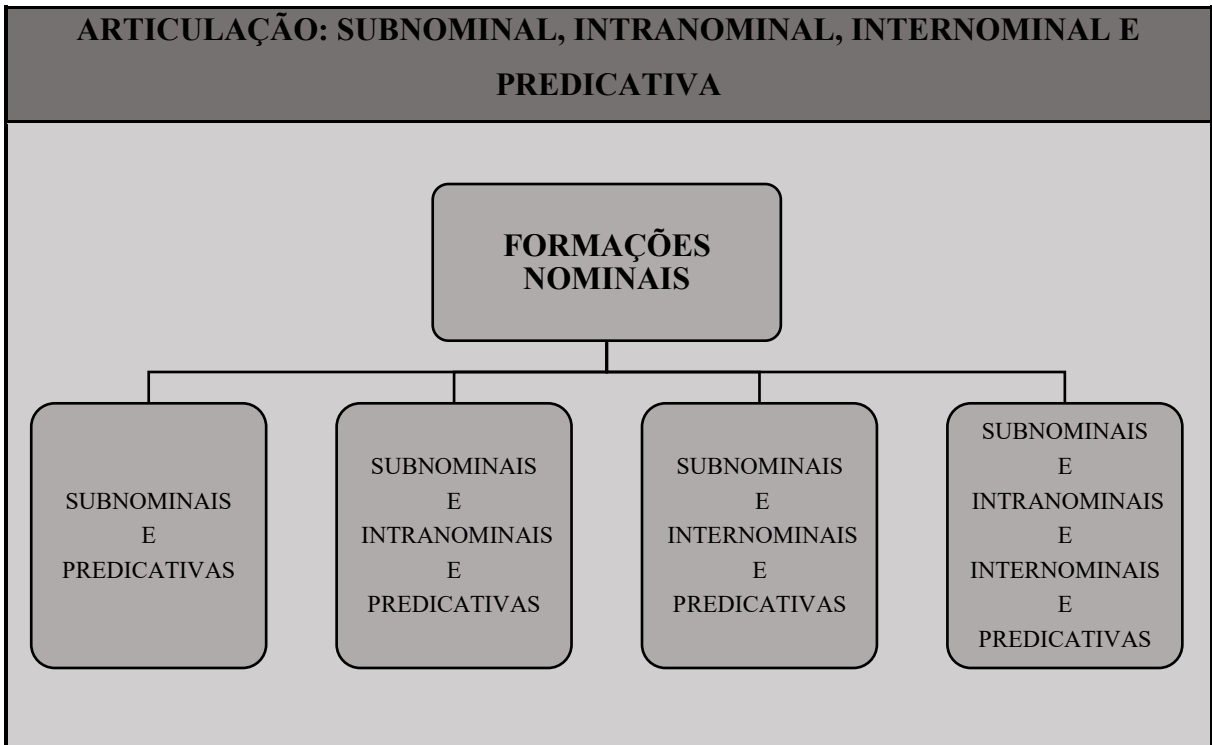
Sintetizando, apresentamos um mapeamento dos processos articulatórios que constituem as formações nominais - articulações subnominal, intranominal e internominal - (Quadro 32), seguido de outro que abrange sua integração ao enunciado, ou seja, a articulação predicativa (Quadro 33).

QUADRO 32 - Processos articulatórios de constituição das formações nominais



Fonte: Elaborado pela autora.

QUADRO 33 - Processos articulatórios de constituição das formações nominais, juntamente com o processo articulatório de inserção dessas formações nominais no enunciado



Fonte: Elaborado pela autora.

Em suma, os quadros expostos anteriormente (32 e 33) sistematizam os processos articulatórios envolvidos na constituição das formações nominais. No quadro 32, delimita-se o plano da constituição das formações nominais por meio das articulações subnominal, intranominal e internominal. A subnominalização figura como condição fundante, na medida em que permite o surgimento dos nomes na língua. A articulação intranominal, por sua vez, compreende as operações internas ao nome, enquanto a internominal evidencia a articulação externa aos nomes.

O quadro 33, por sua vez, retoma essas articulações constitutivas do nome, mas as reinscreve em uma dimensão enunciativa mais ampla, ao integrar o processo articulatório predicativo. Com isso, as formações nominais não apenas são explicadas em sua constituição, mas também em seu funcionamento predicativo no enunciado, visto que a articulação predicativa permite observar como esses nomes são mobilizados ocupando, enunciativamente, diferentes lugares sintáticos. Essa ampliação reforça a centralidade da subnominalização como ponto de partida para a constituição de redes de sentido, articulando a forma linguística e a enunciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que ora apresentamos resultam do percurso teórico-analítico empreendido ao longo desta Tese, cujo foco central consistiu na investigação das **articulações linguísticas das formações nominais**, sob a perspectiva da Semântica da Enunciação. Iniciemos, portanto, retomando a nossa **pergunta de pesquisa**: como as articulações linguísticas são mobilizadas na constituição de uma unidade nominal concebida como formação nominal? Partindo dessa problemática, formulamos a **hipótese** de que as nominalizações, constituídas por meio de formações nominais, podem ser articuladas por intermédio de mais de um processo articulatorio.

Com base na hipótese formulada e com o propósito de responder à indagação proposta, estabelecemos como **objetivo geral** descrever o(s) processo(s) articulatorio(s) que opera(m) na constituição das nominalizações, materializadas por meio de formações nominais, estudando as relações internas (materiais) e externas (enunciativas) dessas formas linguísticas, em acontecimento. Esse objetivo foi segmentado em seis **objetivos específicos**: (1) traçar um histórico comparativo do fenômeno em estudo - a articulação - em diversas vertentes teóricas, culminando na Semântica da Enunciação; (2) delimitar o que é o processo articulatorio em uma perspectiva enunciativa; (3) contrastar a concepção de articulação à de conexão; (4) compreender como se constituem as articulações das formações nominais; (5) investigar como uma unidade nominal é constituída, tendo em vista a incidência das articulações linguísticas, que isoladas ou concomitantemente, atuam sobre ela; e (6) propor contínuos sobre o processo articulatorio das formações nominais, de modo a observar a complexidade do processo articulatorio estabelecido pelos pressupostos da Semântica da Enunciação.

Guiados por esses objetivos, estruturamos a Tese em quatro capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais, que, em conjunto, compõem a organização geral do trabalho. No primeiro capítulo, intitulado **Semântica da Enunciação: Considerações Teóricas**, apresentamos as bases teóricas que alicerçam a Semântica da Enunciação. Dedicamo-nos, em especial, à exposição dos postulados teóricos que fundamentam os estudos enunciativos no Brasil, com ênfase nas contribuições de Bally, Benveniste e Ducrot, bem como abordamos as contribuições dos semanticistas brasileiros: Guimarães e Dias.

Ademais, no segundo capítulo - **Em Estudo: As Articulações Linguísticas** - traçamos um histórico comparativo sobre o fenômeno da articulação linguística em diferentes vertentes teóricas, culminando na abordagem da Semântica da Enunciação, cumprindo, assim, o primeiro objetivo específico. Ainda neste capítulo, delimitamos o que é o processo articulatorio em uma

perspectiva enunciativa, correspondente ao segundo objetivo específico, e contrastamos a concepção de articulação à de conexão, atendendo ao terceiro objetivo específico.

Em síntese, ao longo do desenvolvimento do referido capítulo, sistematizamos que a articulação, à luz das gramáticas brasileiras, manifesta-se nas conexões estabelecidas entre os fonemas no interior de uma língua, na maneira como as unidades significativas da língua se combinam para formar palavras, bem como na conexão das palavras em frases e orações. E, pela ótica dos estudos de base reccional, a articulação ocorre nas relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que constituem a sentença. Além disso, sob o ângulo dos estudos de base posicional, a articulação se estabelece em virtude da organização sintática da sentença por meio das posições ocupadas pelos seus elementos constituintes. Já pela perspectiva dos estudos que versam sobre a linguagem em uso, a articulação se configura nas relações entre os elementos linguísticos em uso, de forma que eles façam sentido dentro de um contexto comunicativo.

Por sua vez, sob o ponto de vista da Enunciação - em uma perspectiva histórico-social da linguagem - a articulação (enquanto processo de produção de sentido) é concebida por meio das relações sintático-semânticas estabelecidas em virtude do acionamento das formas linguísticas nos acontecimentos enunciativos. Dessa forma, nessa perspectiva, a concepção de articulação se distingue do conceito de conexão sintática, visto que ela engloba não somente os liames sintáticos, mas também as razões enunciativas desses nexos. Para mais, elucidamos que, no campo da Enunciação, o fenômeno da articulação é apreendido tanto no âmbito do enunciado e do texto (conforme Guimarães) quanto no âmbito das formações nominais (conforme Dias), sendo este último o eixo principal da presente pesquisa.

Dando continuidade, no terceiro capítulo, nomeado **Pressupostos Metodológicos**, explicitamos as etapas que compuseram o percurso metodológico da pesquisa. Especificamente, descrevemos o processo de delimitação e seleção do material de análise: as formações nominais afloradas no período pandêmico da covid-19. Em seguida, exibimos o procedimento analítico adotado - a rede enunciativa -, por meio do qual se discutem as relações de sentido constituídas pelas articulações entre as unidades linguísticas nos acontecimentos enunciativos. Para ilustrar, apresentamos uma amostra da nossa proposta analítica, a qual foi desenvolvida com base na rede enunciativa formada pelas formações nominais: *gripe*, *gripezinha*, *gripe forte*, *gripe boba* e *gripezinha que mata*.

Por fim, no último capítulo, intitulado **Em Análise: As Articulações Linguísticas das Formações Nominais**, compreendemos como se constituem as articulações das formações nominais, atendendo ao quarto objetivo específico. Investigamos, ainda, de que modo uma

unidade nominal é constituída, tendo em vista a incidência das articulações linguísticas, que isoladas ou concomitantemente, atuam sobre ela, conforme o quinto objetivo específico. Somado a isso, propusemos contínuos - estruturados em redes enunciativas - com o intuito de evidenciar a complexidade do processo articulatório das formações nominais, alcançando, assim, o sexto objetivo estabelecido.

Em suma, no âmbito das formações nominais, há a articulação subnominal, intranominal, internominal e predicativa. A primeira diz respeito ao processo de constituição (isto é, condensação) de um nome. Já a segunda, às formações nominais que agregam em sua base (forma mobilizada) elementos formativos (mobilizadores referenciais). A terceira, por sua vez, à formação de grupos nominais (nome-núcleo e convegente(s)). E a última à relação estabelecida entre a formação nominal e o predicado. Para mais, as articulações subnominal, intranominal e internominal referem-se aos mecanismos responsáveis pela formação das unidades nominais, enquanto a última - a articulação predicativa - trata-se da forma como essas unidades se vinculam à predicação, integrando-se ao enunciado.

Frente às análises dos processos articulatórios implicados na constituição das formações nominais mobilizadas nos discursos da covid-19, sobretudo, os que perpassam as perspectivas da ciência, da política e da dispersão social, pudemos estabelecer, em consonância com a nossa hipótese de pesquisa, que há FNs constituídas apenas por meio da subnominalização; outras, pela subnominalização e intranominalização; outras, pela subnominalização e internominalização; e, ainda, FNs formadas por três processos articulatórios simultaneamente: subnominalização, intranominalização e internominalização.

Além disso, uma vez constituídas e acionadas enunciativamente, as formações nominais passam a se articular também predicativamente. Essa articulação revela como os nomes são mobilizados no interior do enunciado, assumindo diferentes posições sintáticas, reforçando o dinamismo enunciativo das FNs. Esse dinamismo descortina a natureza processual das formações nominais, que, longe de serem estruturas estáticas, participam ativamente da construção de sentido do enunciado.

Nesse sentido, propomos, ao longo desta pesquisa, uma abordagem que compreende os processos articulatórios não de forma compartimentada, mas sim em sua dinâmica de interdependência, evidenciando como esses processos podem se articular mutuamente na constituição das formações nominais.

Outrossim, ao longo de nossa investigação, sustentamos a tese de que a subnominalização constitui um processo inerente a todas as formações nominais socialmente pertinentes na língua. Para nós, esse processo não apenas está presente, mas opera como uma

condição fundante para a emergência das unidades nominais, uma vez que é por meio dele que se efetiva a instauração de um nome enquanto unidade de sentido na língua.

Nessa direção, a subnominalização revela-se como o primeiro gesto articulatório que viabiliza a existência de uma formação nominal, sobre o qual os demais processos - intranominalização, internominalização e predicação - podem, eventualmente, se ancorar. Portanto, reconhecer a subnominalização como um processo fundamental na arquitetura das formações nominais implica reconhecer também a centralidade do funcionamento enunciativo na constituição do nome na língua.

Desse modo, inferimos que este estudo representa uma contribuição relevante para o avanço das discussões acerca da articulação linguística, com ênfase nos processos articulatórios envolvidos na constituição das formações nominais. Por fim, consideramos ter atingido os objetivos a que esta pesquisa se propôs, embora cientes de que o campo em questão demanda desdobramentos e aprofundamentos futuros, em virtude de sua complexidade e de sua abrangência investigativa.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. (1927). *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. 6ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.
- AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- BALLY, C. (1932). *Linguistique générale et linguistique française*. 4. ed. Berne: Éditions A. Francke, 1965.
- BECHARA, E. (1961). *Moderna Gramática Portuguesa*. 22ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- BECHARA, E. (1961). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. vev. e amp. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.
- BENVENISTE, É. (1966). *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, É. (1974). *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- BERRENDONNER, A. Pour une macro-syntaxe. In: *Travaux de linguistique*, Paris, n.21, p. 25-36, 1990.
- BERRENDONNER, A. Les deux syntaxes. In: *Verbum*, Université de Fribourg, n. XXIV, p.23-35, 2002.
- BRASIL. *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Portaria publicada no Diário do Governo, I. série, de 28 de janeiro, 1959. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/...blicasoes/notaveis/NGB.pdf>. Acesso em: 09 de agosto de 2024.
- BRÉAL, M. (1897). *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Pontes/Educ, 1992.
- CASTILHO, A. T. de. (2010). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1ª ed., São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DALMASCHIO, L. *Predicação dirigida x Predicação centrada: A (não) ocupação do lugar sintático de objeto na perspectiva da Semântica da Enunciação*. UFMG, Tese de doutorado, 2013, 170p.
- DALMASCHIO, L.; CASTRO, L. D. B. O estudo da nominalidade: a análise dos movimentos de dilatação e encapsulamento referencial na constituição das formações nominais. In: BIAVATI, N. D. F.; ASSUNÇÃO, A. L.; OLIVEIRA, L. G. de (org.). *Identidades, representações e discursos: entre teorias e práticas*. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

DALMASCHIO, L.; MARTINS, V. S. de. M. O processo de reescrituração da formação nominal corpo real e suas direções argumentativas. *In: Caderno de Letras UFF*, Niterói, v.33, n.64, p.33-54, 2022.

DELEUZE, G. (1969). *Lógica do sentido*. 1. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.

DIAS, L. F. Enunciação e regularidade sintática. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: IEL/Unicamp, v.1, n.51, p.7-30, 2009.

DIAS, L. F. Enunciação e forma linguística. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 21, p. 223-238, 2013a.

DIAS, L. F. Pertinência enunciativa e sustentação referencial: nos limites do sintático e do semântico. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 389-398, 2013b.

DIAS, L. F. Formações nominais designativas da língua do Brasil: uma abordagem enunciativa. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 11-22, jan./jun. 2013c.

DIAS, L. F. Sentido e enunciação: a atualidade do conceito de acontecimento na semântica. *Estudos da Língua(gem)* (Online), v. 13, p. 229-248, 2015a.

DIAS, L. F. Acontecimento enunciativo e formação sintática. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v.35, p. 99-138, 2015b.

DIAS, L. F. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, L. F. Horizontes da significação. *In: Behe, L.; Carel, M.; Denunc, C.; Machado, J. C. (orgs.). Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

DIAS, L. F. Redes enunciativas. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 155-172, jan./jul., 2023.

DIAS, L. F. Fundamentos. *In: O português brasileiro no cotidiano: enunciação e ensino*, 2025 (no prelo).

DUARTE, A. da C. *Compendio de Grammatica Portugueza*. Maranhão: Tipografia Nacional, 1829.

DUCROT, O. Enunciação. *In: Enciclopédia Einaudi*. vol. 2. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, p. 369-393, 1984.

DUCROT, O. (1984). Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. *In: O dizer e o dito*. Campinas: Pontes 1987.

FIORIN, J. L.; et al. (2013). *Linguística? Que é isso?* 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FLORES, V. do N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

- FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. (2005). *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- FOUCAULT, M. (1970). *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. (1969). *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GUIMARÃES, E. Enunciação e História. *In: História e Sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
- GUIMARÃES, E. Língua e Enunciação. *In: Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, (30), p. 99-103, Jan./Jun., 1996a.
- GUIMARÃES, E. Enunciação, língua e memória. *In: Revista da ANPOLL*. São Paulo: Humanitas, n.2, p. 27-33, 1996b.
- GUIMARÃES, E. *História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas, Pontes, 2004.
- GUIMARÃES, E. A enumeração funcionamento enunciativo e sentido. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, 51(1): 49-68, Jan./Jun. 2009.
- GUIMARÃES, E. (2002). *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 4. ed., 2017.
- GUIMARÃES, E. *Semântica Enunciação e Sentido*. Campinas: Pontes, 2018.
- GUIMARÃES, E. Sobre teoria e método em semântica. *In: Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 116-134, jan./jul., 2023.
- HJELMSLEV, L. La notion de rection. *In: Acta Linguística Hafniensia*, Copenhagen, n.1, v.1. p.10-23, 1939.
- MACIEL, M. (1894). *Grammatica Descriptiva*. São Paulo: Francisco Alves & Cia, 5.^a ed, 1914.
- MAINGUENEAU, D. (1998). *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MILNER, J.C. La théorie des positions. *In: Introduction à une Science Du langage*. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p.357-408.
- NACIMENTO, M. do. Teoria gramatical e “mecanismos funcionais do uso da língua”. *DELTA*, v. 6, nº1, p. 83-98, 1990.
- NARO, A. J.; VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. *DELTA*, v. 8, nº2, p. 285-290, 1992.
- NETO, W. D. A. *As formações nominais em textos sobre racismo e antirracismo: o caso das nominalizações*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Faculdade

de Letras - FALE. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - POSLIN. Belo Horizonte, 2018.

NEVES, M. H. de M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 109-127, 1994.

NOGUEIRA-DIAS, T. *Predicação autonômica: uma abordagem enunciativa*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Faculdade de Letras - FALE. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - POSLIN. Belo Horizonte, 2022.

PÊCHEUX, M. (1983). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015a.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: Achard, P. et alii. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 4. ed., 2015b. p. 43-51.

PEREIRA, E. C. *Grammatica Expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.

PERINI, M. A. (1995). *Gramática Descritiva do Português*. 4ª ed., São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, M. A. *Estudos de gramática descritiva*. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

RANCIÈRE, J. *O desentendimento: política e filosofia*. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RIBEIRO, J. (1881) *Grammatica Portugueza*. 2ª ed., São Paulo: Teixeira e Irmãos Editores, 1885.

SAUSSURE, F. (1916). *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVEIRA, E. C. *A nomeação de programas sociais: um olhar semântico-enunciativo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ. Programa de Mestrado em Letras - PROMEL. São João del-Rei, 2019.

VOTRE, S. J.; NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *DELTA*, v. 5, nº2, p. 169-184, 1986.